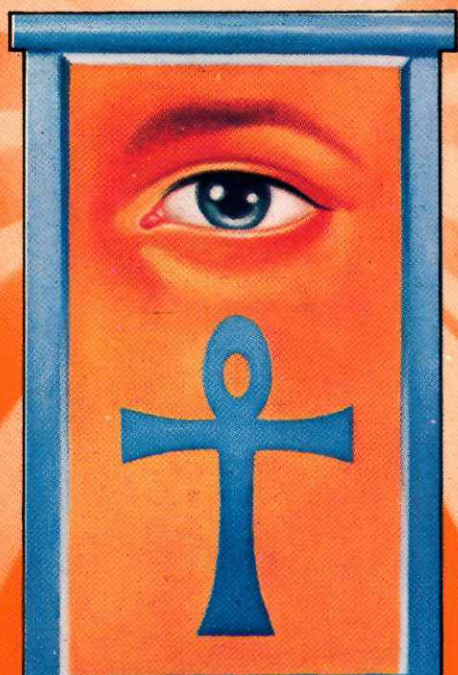


LUZ que vem do LESTE



4^º
VOLUME

LUZ que vem do LESTE

**MENSAGENS ESPECIAIS
ROSACRUZES**

Luz Que Vem do Leste
Mensagens Especiais Rosacruz
4º Volume

1ª Edição em Língua Portuguesa
1987

COORDENAÇÃO E SUPERVISÃO
Charles Vega Parucker, F.R.C.
Grande Mestre

BIBLIOTECA ROSACRUZ

Todos os Direitos Reservados pela
ORDEM ROSACRUZ – AMORC
GRANDE LOJA DO BRASIL

Proibida a reprodução em parte ou no todo

Composto e impresso na Grande Loja do Brasil
Rua Nicarágua, 2620 – Bacacheri
Caixa Postal 307 – Tel. (041) 256-6644
80001 – Curitiba – Paraná

**LUZ QUE VEM
DO
LESTE**

Quarto Volume

Mensagens Especiais Rosacruz

escritas

por

Chris R. Warnken, F.R.C.
Raymund Andrea, F.R.C.
Raymond Bernard, F.R.C.
Rodman R. Clayson, F.R.C.
Jeanne Guesdon, F.R.C.
Irving Soderlünd, F.R.C.
Robert E. Daniels, F.R.C.
Ruben A. Dalby, F.R.C.
Allan M. Campbell, F.R.C.

LUZ QUE VEM DO LESTE

MENSAGENS ESPECIAIS ROSACRUZES QUARTO VOLUME

ÍNDICE

FLORAÇÃO DA PÁSCOA	9
A GRANDE PERGUNTA	13
AS PROVAS DO PROGRESSO ESPIRITUAL	21
PAZ	29
O CRISTO MÍSTICO	37
COMO CRIANÇAS	47
SILÊNCIO: O Aprendizado Interior Pelo Poder do Silêncio	53
ASSIM FALOU ZARATHUSTRA	59
TEMPO ILIMITADO	71
UM EPISÓDIO HERÓICO E SANGRENTÔ DA ESPIRITUALIDADE FRANCESA	93
IDEALISMO PRÁTICO	111
COMO CONCRETIZAR UM IDEAL	125
NICHOLAS ROERICH	135
AMOR E TÉCNICA INICIÁTICA	145
INICIAÇÕES ROSACRUZES	153
O SIMBOLISMO DO ESPELHO	163
UMA NOVA ERA	171
A NOVA ERA – I	177
A NOVA ERA – II	185
O FUTURO PRÓXIMO	193
DETERMINAÇÃO	203
IMAGENS E MÚSICA DE FÉRIAS	209
TRADIÇÃO	213
AS INFLUÊNCIAS INVISÍVEIS DE NOSSOS ESTUDOS ROSACRUZES	225
EM TEMPOS DIFÍCEIS	233
ESPERANTO, A LÍNGUA DO HOMEM	241

LUZ QUE VEM DO LESTE

MENSAGENS ESPECIAIS ROSACRUZES QUARTO VOLUME

ÍNDICE

FLORAÇÃO DA PÁSCOA	9
A GRANDE PERGUNTA	13
AS PROVAS DO PROGRESSO ESPIRITUAL	21
PAZ	29
O CRISTO MÍSTICO	37
COMO CRIANÇAS	47
SILÊNCIO: O Aprendizado Interior Pelo Poder do Silêncio	53
ASSIM FALOU ZARATHUSTRA	59
TEMPO ILIMITADO	71
UM EPISÓDIO HERÓICO E SANGRENTO DA ESPIRITUALIDADE FRANCESA	93
IDEALISMO PRÁTICO	111
COMO CONCRETIZAR UM IDEAL	125
NICHOLAS ROERICH	135
AMOR E TÉCNICA INICIÁTICA	145
INICIAÇÕES ROSACRUZES	153
O SIMBOLISMO DO ESPELHO	163
UMA NOVA ERA	171
A NOVA ERA – I	177
A NOVA ERA – II	185
O FUTURO PRÓXIMO	193
DETERMINAÇÃO	203
IMAGENS E MÚSICA DE FÉRIAS	209
TRADIÇÃO	213
AS INFLUÊNCIAS INVISÍVEIS DE NOSSOS ESTUDOS ROSACRUZES	225
EM TEMPOS DIFÍCEIS	233
ESPERANTO, A LÍNGUA DO HOMEM	241

FLORAÇÃO DA PÁSCOA

ELE veio. . .

ELE ensinou. . .

ELE foi sacrificado. . .

FLORAÇÃO DA PÁSCOA

Tepidez e agitação de abril, com seus sóis tímidos, suas fortes chuvadas! . . . Abril, esperança de um verão resplendente!(*)

A natureza, sob seu céu aparente, trabalhou no segredo invernal. E eis que os botões se abrem, os rebentos perfuram a terra ressumante de umidade, as flores campestres estrelam os pastos e os bosques. Uma embriagante doçura flutua no ar.

Neste mistério da surda atividade da matéria, que alcança, lentamente, seu desenvolvimento, reside o símbolo do trabalho espiritual: laboriosa obscuridade do esforço que parece vão e que, subitamente, irrompe em um jato de luz viva. É a marcha rápida e alegre na claridade, até a volta de novos balbucios e vacilações que nada mais são do que falsas letargias espirituais, pois nossa consciência divina jamais cessa de fazer germinar a boa semente de nossos

(*) N. T. — Na França, onde o original deste trabalho foi escrito, ABRIL é o mês da primavera, que termina em maio.

esforços, à semelhança da natureza que persegue, sem descanso, seu invisível trabalho hibernar.

Mas a Páscoa está aí! Páscoa, que precede os três dias de agonia do Cristo, no monte das Oliveiras, em um sofrimento espantoso que é a síntese das quedas e dos sofrimentos da humanidade! Páscoa, santa festa do coroamento da missão divina do Cristo, promessa renovada da Redenção dos homens! A Páscoa é o botão de rosa brilhando no centro da cruz fincada, à espera da floração espiritual, triunfante emblema das lutas sustentadas contra nossos erros.

A GRANDE PERGUNTA

por

Chris R. Warnken, F.R.C.

A GRANDE PERGUNTA

A busca de respostas

No momento em que estes pensamentos tomavam forma no papel, três seres humanos estavam fechados em uma cápsula relativamente pequena rasgando o espaço em sua caminhada para a Lua. De conformidade com a história documentada do homem, estes são os primeiros seres humanos a penetrar tão profundamente no espaço exterior. Todo o mundo tem sua atenção neles focalizada, e roga por sucesso em sua corajosa aventura e por seu retorno em segurança. De qualquer modo, admite-se agora que dentro de curto espaço de tempo outros seres humanos farão a mesma viagem e pousarão na Lua para explorá-la. Semelhante façanha deixa-nos atemorizados e maravilhmo-nos com a grandiosidade do arrojado feito.

Quando se considera os milagres da ciência que o homem tem desenvolvido durante o último século (milagres que eliminam grande parte das conjecturas na exploração) convencemo-nos de que os antigos navegadores que viajavam através de oceanos não-cartografados em busca de novas terras e novas rotas, foram igualmente ousados e dedicados. Eles não dispunham de rádio ou televisão para

manter contato permanente com o seu porto de partida. Tinham, para orientá-los, os mesmos corpos estelares que hoje orientam os nossos modernos exploradores.

Não é possível deixar de cogitar por quê? Por que seres humanos normais, sadios, se predispõem a arriscar a vida para invadir o desconhecido? Que faz com que eles se submetam aos incômodos e às restrições da necessidade científica? Se os leitores fossem solicitados a fazer o mesmo sacrifício, submetendo-se a essa viagem, responderiam *sim* ou *não*? O coro irresistível da maioria seria um retumbante *NÃO*. E, não obstante, a história nos conta que tem sempre havido pessoas que estavam prontas e desejosas de rasgar o véu do desconhecido. Diz a história que alguém perguntou: “Por que os homens escalam montanhas?” E a resposta foi: “Porque eles lá estão!”

Um Criador sábio dotou o homem de insaciável curiosidade. Quando olhamos, ouvimos, cheiramos, degustamos, e tocamos em algo, estamos quase que infalivelmente nos entregando a indagações. Quanto mais letrados e cultos os homens, mais devotados são à leitura; eles sentem necessidade de conhecimento! Os ignorantes, de modo geral, prestam muita atenção às pessoas instruídas porque embora devam confiar em seus sentidos receptores, igualmente desejam obter conhecimento. Quem pode fazer tantas perguntas quanto uma criança que desesperadamente deseja conhecimento?

Na maioria das vezes, nosso desejo de conhecimento tem causa no conhecimento em si. É alguma coisa como coçar quando sentimos coceira. Determinado fenômeno nos fascina ou nos preocupa incessantemente até que pos-

samos nos satisfazer quanto ao *porquê*, ao *quê*, ou *como* de sua manifestação. Algumas vezes, quando a indagação persistentemente se relaciona com pessoas, podemos simplesmente nos tornar inquisitivos ou, mesmo, invejosos! Todavia, o impulso de buscar respostas às indagações ou solução de problemas é tão natural quanto o respirar.

A BUSCA DIÁRIA

Analise as últimas vinte e quatro horas e observe quanto desse tempo foi devotado, de qualquer modo, à busca de respostas de alguma espécie. Logo após levantar-se você se olhou em um espelho? Tomou um primeiro gole do café da manhã? Apanhou o jornal da manhã ou ligou o rádio? Terá observado o céu da manhã antes de sair para o trabalho? Todas essas ações foram buscas inconscientes!

Os templos e igrejas são construídos porque as pessoas esperam descobrir o *porquê* de muitos mistérios da existência. Visitamos museus para tomar conhecimento daquilo que outros estão fazendo ou que fizeram no passado. Todos nós freqüentamos escolas de vários tipos porque elas são mananciais de respostas às nossas infindas indagações. A criança confiante considera seus afetuosos pais como fonte de todo o conhecimento na qual as respostas a todas as indagações serão infalivelmente encontradas. Para os pais, isto se constitui em tremenda responsabilidade, mas também em uma expressão suprema de fé absoluta. O homem deve igualmente confiar na perfeição do Cósmico.

Tem-se afirmado que a finalidade de todo o conhecimento é conhecer Deus. Quando o homem contempla a perfeição de Deus e as numerosas imperfeições de si mes-

mo, convence-se de que deve, para tal, haver explicação. Inicia, portanto, sua eterna busca. A despeito de muitos conceitos sobre Deus, todos concordam em que Deus é maior do que o homem, e que o criador do homem é esse mesmo Deus. A idéia de Deus encerra onipotência, onisciência e, para muitas pessoas, onipresença. Alguns há que concebem o seu Deus como possuidor de várias de suas próprias fraquezas humanas como a inveja, o ciúme, e a vingança. Talvez deversem fazer muito mais indagações. A inveja é incompatível com a onipotência. O ciúme e a vingança são incompatíveis com a onisciência.

Se Deus é onipresente, não precisamos perguntar onde Ele está, pois não pode haver tempo ou espaço em que Ele não esteja. Nossa busca seria muito mais excitante se aprendêssemos a simplificá-la pela simples busca de Deus em nosso coração, no semblante de nosso semelhante, ou nas maravilhosas leis naturais que tornam possível aos seres humanos escaparem da gravidade da Terra e visitar a Lua. Já tentou o leitor procurar Deus na construção de um favo de mel por uma colônia de abelhas? Já observou atentamente a florescência e o desabrochar de uma flor? Se aquilo a que chamamos Deus não é a própria perfeição é, pelo menos, perfeito. A esse respeito, não há qualquer dúvida em minha humilde mente.

Sem indagações inflexíveis o homem jamais teria feito mesmo o progresso que reivindica; ainda seria um bruto ou talvez coisa pior. Muitas das restantes imperfeições não são fruto da ignorância e, sim, da sua irresolução. Em seu favor, todavia, pode se dizer que ele continua tentando. Mais cedo ou mais tarde ele seriamente se perguntará por que

fracassa, pois está ciente de suas fraquezas e almeja o que para ele é melhor, consciente ou inconscientemente.

Não há uma única página da história que não seja o resultado das indagações do homem. O cientista tem se devotado principalmente à indagação do *quê* e do *como*. Temos uma grande dívida para com os cientistas, pois, suas indagações e conclusões tornaram possíveis muitas das nossas facilidades evolucionárias (e revolucionárias) e bem assim o nosso progresso. Em nossa vida cotidiana dificilmente há algo que não nos tenha sido proporcionado ou que para nós não tenha sido aperfeiçoado pelo cientista inquiridor.

Por outro lado, nossos filósofos têm sempre indagado *por que*, e considerado essa indagação igualmente importante para todos. É possível que eles tenham razão. A despeito das brilhantes conquistas da ciência, ainda temos muitos problemas e preocupações. Talvez esteja próxima a época em que o homem compreenderá que as *coisas* não constituem a felicidade e a paz; que as *coisas* em si mesmas não são metas, mas que bem poderiam ser meios para as metas.

É bem possível que se todos nós continuarmos a indagar *por que*, cheguemos a compreender que são as virtudes que *devemos* buscar. Elas são muito mais acessíveis, se pelo menos isto tentarmos, pois estão dentro de nós. Poderíamos, mesmo, ficar surpresos em verificar que com a intensificação do amor, da compaixão, da solidariedade, e da tolerância, talvez não tenhamos de fazer tantas indagações. Talvez descubramos que as virtudes nos proporcionam

felicidade e paz bem maiores do que o poder das *coisas* que agora consideramos tão necessárias. Por que não fazemos a nós mesmos a grande pergunta: POR QUÊ?

AS PROVAS DO PROGRESSO ESPIRITUAL

por

Raymund Andrea, F.R.C.

AS PROVAS DO PROGRESSO ESPIRITUAL

Durante o período da guerra, quando nossa rota cotidiana era banhada pelo sangue derramado pelos homens, a idéia do sofrimento humano tornou-se objeto de inumeráveis meditações. A humanidade sofria em comum a prova fundamental da dor e das lágrimas. Uma pena imensa e sem precedente enchia o coração dos homens, forçando o aparecimento de profundezas insuspeitáveis, de sentimentos, pensamentos e aspirações de qualidade e de poder até então ignorados. O trabalho da dor levou a alma a uma visão mais exata, a uma vida mais intensa ou profunda, a experiências absolutamente novas. O sofrimento, mensageiro do céu junto a cada alma neste mundo, descobria um meio secreto de comunicação com Deus.

Não é de roldão que reconhecemos o papel da dor e aceitamos a submissão a ela para que sua beneficência se exerça em nossa vida. Para muitos, o temor da dor é mais forte do que o da morte. Tremem de medo, quando ela se aproxima. Não têm a força de se interrogar a esse respeito, de tentar penetrar nela e daí extrair a mensagem. Como um fantasma de pesadelo, ela perturba nossos sentidos, confunde nossas faculdades e entrega às forças da noite o

templo secreto de nossa alma. Em incalculável número de casos, o luto teve essa conseqüência. A perda de um ente querido tornava sem importância qualquer outra dor da existência terrena.

Compreende-se o sofrimento a partir do momento em que ele é aceito. Se uma privação ou uma separação no plano físico se traduz pela posse de alguma outra coisa, no plano espiritual, é porque existe uma compensação na própria morte. Nossos olhares físicos perdem seu poder quando se turvam pelas lágrimas, mas ao mesmo tempo, o amor nos ilumina no domínio do espírito. Todo o clarividente deu a certeza disso e este testemunho nos incita a dirigir nossos passos para os caminhos onde se progride e não para os da esterilidade e do desespero.

Podemos observar como o sofrimento se transforma através dos diversos planos da existência. Alguns não conhecem a dor senão no plano físico e, portanto, sua acuidade aumenta à medida que dela toma consciência nos planos da inteligência e da alma. Assim como as dificuldades da infância não são as da adolescência, nem estas as da idade adulta, acontece o mesmo com a dor em cada um dos três planos da consciência humana. Experimentamos o sofrimento no plano físico pela quebra de uma ordem estabelecida no plano mental por uma ligeira apropriação, e no plano espiritual, pela compreensão do Cosmo. Esta nos põe em contato com o sofrimento coletivo da humanidade.

O sofrimento entra, como elemento, em todo o verdadeiro crescimento. A fase para a qual desejo, de imediato, estar atento, é a fase de transição, quando a consciência trabalha para se desembaraçar ou se libertar do plano

puramente mental, para se exercer no nível da visão cósmica. É a passagem mais difícil na evolução da consciência e neste momento, muitos estão se esforçando para isso. No campo do desenvolvimento mental, eles chegaram às últimas barreiras e, entretanto, permanecem insatisfeitos. O sofrimento esteve presente em cada um de seus passos: em cada novo avanço, uma nova miragem de satisfação plena e total levou o postulante a progredir. A maior das batalhas está ainda por ser travada.

As tensões intelectuais que o homem sofre quando quer conquistar seu eu verdadeiro constituem as vias necessárias para seu progresso. Elas o fazem mudar de aparência, tanto a seus próprios olhos como aos dos outros. Cada nova ascensão tem uma via mais larga, elimina alguns obstáculos e o aproxima do fim. Em sua alma estão ocultos os verdadeiros poderes de seu ser. Este depósito sagrado e nascido simultaneamente com sua carne, deve, por uma meditação atenciosa, chegar a sentir batendo, no fundo de si mesmo, as pulsações mágicas, sopro divino puro como a criação em sua hora primeira. É este eu superior que pode decuplicar seu poder humano. E é também porque, por diversas razões, quando um desenvolvimento perfeito não é autorizado, as dores do crescimento espiritual são intensificadas. Nenhuma alegria ultrapassaria a que decorre do esforço para a revelação do eu supremo. Cada um dos véus que se deixa cair faz aparecer uma beleza mais intensa e mais atraente, de onde se irradiam, ainda, outras perspectivas de revelações gloriosas. A busca de todo ideal elevado concorda com a fase de transição; ela faz a ligação entre o mental e o espiritual. Não é senão a partir do momento em que compreende, enfim, que somente o que é espiritual tem importância, que o homem

pode tomar as medidas decisivas para alcançar o domínio do espírito.

A vida do homem espiritualizado passa-se na sombra da Cruz. É de acordo com o que um homem sofreu, pela medida das provas que vivenciou, que pode ser definida a qualidade de sua alma. O corpo pode ser ainda jovem e, no entanto, a alma que nele mora pode ter tido prodigiosas experiências. Diz-se que os poetas sentem o peso das almas. Assim, o homem espiritualizado carrega em seu coração o sofrimento coletivo da humanidade. É isso um privilégio inestimável, o maior que a Terra pode oferecer. Somente os eleitos alcançam a consciência disso. A multidão daqueles que experimentam em comum o sofrimento espera que lhes seja revelada a significação deste sofrimento, durante a vida. E é o papel sagrado do místico fazer os que sofrem conhecer esta verdade divina, a de que todo o sofrimento é uma bênção e que ele conduz, finalmente, à beatitude do espírito.

O místico é o apóstolo do sofrimento. Ele sabe que a Cruz que se carrega dá uma força admirável. Ele é o paciente servidor de Deus. A doçura e a sabedoria são as suas mais delicadas qualidades. Para ele, tudo está, de ora em diante, confundido em uma paixão suprema pela santidade. Toda a consagração perfeita e definitiva será conhecida apenas por ele. Ele passou por grandes tribulações, lavou a roupa de seu ser espiritual e a tornou alva pelo trabalho do Espírito, em seu interior; e embora seu corpo e sua inteligência realizem as funções que lhes cabem, no mundo dos homens, ele estará espiritualmente liberto dos laços e das dificuldades da existência material.

Tal é o ideal do postulante ao mundo espiritual, o destino de toda a alma que sofre na grande comunidade humana. As pessoas falam de conversão, como se por um simples cerimonial a alma pudesse entrar na paz de Deus. A verdade não está aí. As vias espirituais são semeadas de dificuldades. As experiências mentais por que passa o aspirante místico, os diferentes patamares da consciência que ele deve escalar, tudo isto submete a uma prova extrema suas forças e sua capacidade de resistência. Pode parecer, em alguns momentos, que a alma se encaminha para as trevas do inferno, mais do que se eleva para a luz e a paz da vida em Cristo. A solidão em nosso caminho quase chega a ser de natureza a levar à loucura. Nenhuma voz fala à alma desorientada, que se vê sozinha no meio da multidão. É o terrível, silencioso e solitário trabalho da alma, só conhecido por aqueles que o experimentaram. Mas, enquanto a alma progride no sentido dos mistérios que “residem nas avenidas sombrias onde cresce o amargor das coisas ocultas”, é um consolo lembrar que *aí está o caminho necessário ao crescimento espiritual*, e que o sofrimento vem preparar-nos para nos elevarmos, na luz conquistada, à presença do Altíssimo.

PAZ

por

Raymond Bernard, F.R.C.

PAZ

Raramente, na história da humanidade, a palavra *paz* tem sido tão empregada como em nossa época, e jamais, provavelmente, de maneira tão equívoca. Em nossos dias, quando se fala em paz, é, de fato, sempre com relação a um estado de guerra, em alguma parte do mundo. Antes mesmo de procurarmos estabelecer entre os povos uma necessária compreensão, antes mesmo de tentarmos conciliar interesses que, por natureza, são fundamentalmente divergentes, esforçamo-nos por impor uma solução, um ponto de vista e a força, freqüentemente, quer ter primazia sobre o direito. O canhão troa, o sangue corre – sobretudo o dos inocentes – e quanto mais a situação piora, mais fortemente apelamos para a paz, esforçando-nos por justificar, por palavras, o conflito que os atos alimentam e expandem. Em outras palavras, acredita-se no estado de guerra, *pois* pretende-se aspirar a paz, e a palavra *paz* aparece, atualmente, como o pretexto da guerra.

Natal! No período do ano em que o ocidente comemora o nascimento do *Príncipe da Paz*, como não fazer uma comparação entre o ideal aceito pela cristandade há dois mil anos e a maneira pela qual esse ideal se manifesta na-

queles que se lhe declaram adeptos!? O que se passa no mundo é o resultado do pensamento dos povos, e os povos são, a rigor, o reflexo dos indivíduos que os integram. Ora, é preciso reconhecer que nada, na educação dispensada à juventude e, ulteriormente, nos relacionamentos sociais, contribui para criar uma harmonia interior essencial para uma sociedade realmente pacífica. Há, porém, mais do que nunca, no ser humano, uma aspiração determinada para os verdadeiros valores da existência; os excessos da juventude atual, sua revolta, às vezes violenta, contra os tabus do passado e, é bom que se diga, contra as atitudes hipócritas dos mais velhos, não é senão um reflexo normal e talvez inconsciente, para romper a carga de uma educação e de um comportamento antiquados. Não houve evolução concomitante dos costumes e da civilização. O mundo despertou no vigésimo século ainda com seus hábitos e suas concepções de antanho, e um abismo foi cavado entre uma juventude que tomou consciência de si própria e as gerações anteriores. Este abismo, naturalmente, se encherá, pois haverá um freio para a excessiva mobilidade dos jovens e o imobilismo dos mais velhos, estupefatos com aquilo que criou sua própria incapacidade de se ajustar, progressivamente, a condições incessantemente novas.

Existe, na juventude atual, ao lado de suas manifestações coletivas e ruidosas, uma tendência, raramente igualada no passado, à *introspecção*; uma análise cuidadosa permite constatar que esta introspecção é muito mais sólida e válida do que foi até há pouco. A geração precedente se comprazia na esterilidade dos pensamentos hereditários, além dos quais ela não ousava ir. Os jovens, talvez sem disso se aperceber e com impulsos aparentemente diferentes, estão, *eles próprios*, na busca de questões essenciais, e

não se perturbam com os preconceitos paralizantes de outrora. Certamente, eles se julgam os defensores de alguma filosofia avançada mas, em realidade, constroem sua própria filosofia e, se esta for encontrada, será absolutamente nova e seguramente mais adaptada a uma época que, em todo sentido, é muito diferente do passado.

Ora, entre as inúmeras conseqüências desta revolução operada por uma juventude que, certamente, terá que se estabilizar, por assim dizer, com os resultados adquiridos, e desbastar o que era o fruto de excessos, embora necessários à “tomada de consciência” dos velhos, existe, incontestavelmente, a aspiração e, mais do que a aspiração, o desejo, a *vontade* de paz. Sem dúvida, as pessoas estão, agora, mais próximas umas das outras graças à rapidez de comunicações, mas assim mesmo nada teria mudado nas relações existentes se as *concepções* não tivessem evoluído sob a pressão de uma juventude *que será o mundo de amanhã*, e este mundo não será jamais o que já foi. Não é esta uma visão utópica dos fatos. Utópica, ao contrário, seria a idéia de algum atrasado se comprazer na beata ilusão de que a juventude passa e que nada muda. Os anos que vivemos não terão visto, simplesmente, o nascimento de uma filosofia nova. O porvir revelará, mais ainda, que elas terão sido capitais na história do mundo, pois a reforma teve lugar a nível *de corações*.

Neste mundo novo, onde se compreende com uma acuidade crescente que a massa é o preciso reflexo do indivíduo e que, verdadeiramente, em todos os sentidos o homem é por fora o que é por dentro, a paz aparece em sua verdadeira significação. Ela tem sido, em todos os tempos, *um estado interior e individual*. Com habilidade, muitas vezes,

alguns brincaram com este estado inato, para a realização de suas esperanças de conquista ou para a satisfação de suas ambições sociais (ou outras), mas seu estandarte era uma miragem e o que chamavam paz, era um simples pretexto. Se, como tudo leva a crer, produziu-se uma revolução no pensamento dos homens, não há qualquer dúvida de que o esforço de cada um deve tender para a descoberta da paz em si mesmo; da paz que Aquele, cujo nascimento festejamos, disse que “ultrapassava toda compreensão”. O egoísmo é, sem dúvida, o obstáculo maior em uma tal descoberta, mas quantos sabem o que o egoísmo encobre, com limitações de toda espécie! Quantos compreendem que a inveja, o ciúme, a presunção, tomam formas múltiplas e insidiosas! Quantos se recordam de que censuramos os outros pelos defeitos que, precisamente, estão em nós mesmos!

É um erro supor que se pode estabelecer a paz em si lutando contra o que se acredita um erro ou um defeito. A paz se encontra na calma interior, relativamente ao que constitui o mundo objetivo. Ela está no *silêncio do eu* e não na agitação de uma mente entregue a si mesma. Ela não se transmite, e aquele que quer reformar os outros a partir destas concepções estreitas de um mundo que não conhece, longe de trazer a paz aos outros, os acabrunhará com tormentos e remorsos que, em última análise, refletirão sobre ele, cabendo-lhe uma responsabilidade mais ou menos grave. O mundo rejeita, com razão, os censores, mas acolhe qualquer um que lhe mostre o caminho da paz. Isto é talvez, uma das mais nobres características de uma organização mundial como a Ordem Rosacruz – AMORC. Sem ter que modificar nada na formação que dispensa e a maneira com que o fez durante décadas, em seu ciclo de atividade

atual, a Ordem Rosacruz – AMORC indica sempre o alvo e conduz para ele. Ela não constrange; suscita e desperta. Revela a existência de uma senda na qual cada um pode avançar, à vontade, mais ou menos rapidamente, conforme suas possibilidades e as circunstâncias que o cercam. Ela realiza sua obra com “*impersonalidade*” e “de longe” para aquele cujo passo dirige; este será o Natal e a paz prometida aos homens de boa vontade – a paz profunda que o Rosacruz busca na mesa do Príncipe da Paz em uma ceia para a qual cada um, sem exceção, é convidado e dela participará, mais cedo ou mais tarde. Nesse tempo, quando a humanidade se redescobre na santa comemoração do nascimento de um Deus, possa ela, no íntimo de seu ser, fazer jorrar a fonte viva da paz que contém desde o começo, pois, tendo assim cumprido sua promessa, ela poderá, por sua vez, oferecer em um derradeiro sacrifício, o ouro, a mirra e o incenso. O homem, então, terá nascido.

O CRISTO MÍSTICO

por

Rodman R. Clayson, F.R.C.

O CRISTO MÍSTICO

O verdadeiro misticismo não impõe a menor doutrina religiosa, entretanto, dá, anualmente, uma grande importância ao período de Natal, quando a maior parte da humanidade, quaisquer que sejam suas crenças religiosas, volta o pensamento para Cristo e seus ensinamentos.

É uma época durante a qual a consciência dos homens se eleva para Aquele cujo aniversário é comemorado no dia de Natal.

Se a consciência pode ser definida como estado de espírito que interpreta as impressões recebidas pelos sentidos, é também e, principalmente, uma noção de sua própria existência.

O estudante místico dá muita importância à “consciência”. O próprio qualificativo de misticismo significa: ter uma realização consciente de Deus, inteligência suprema, infinita, divino espírito que penetra e impregna todas as coisas do universo.

Graças ao funcionamento do espírito subjetivo, o EU interior de todo homem pode, às vezes e em certas condi-

ções, procurar uma realização consciente de sua divindade e de sua união com Deus.

O *eu interior* é a consciência espiritual residente no corpo físico. É o verdadeiro eu dos seres que nós somos, e pelo qual a realização consciente deste eu interior dá acesso ao misticismo.

A complexa organização do corpo humano sustenta e manifesta a consciência, esta consciência que implica conhecimento de sua própria existência e percepção da existência dos objetos e de condições exteriores (ao eu).

Em nossa consciência crescem as raízes de ideais e de desejos muito elevados, ultrapassando os que já estão manifestados em nós.

A consciência evolui e aspira, incessantemente, à elevação, ao alcance de uma consciência mais alta: a Consciência Cósmica, ou seja, a realização da união do espírito humano com o Espírito divino.

Jesus afirmou que esta realização consciente podia ser experimentada não importa por quem, e permanecerá o exemplo perfeito da conquista da Harmonia infinita, do verdadeiro reino dos Céus.

Jesus não foi o único, nem o primeiro homem a trazer tal conhecimento para a humanidade. Existiram inúmeros Avatares na história do mundo.

Graças à Bíblia, os ensinamentos espirituais expostos por Jesus estão muito mais divulgados que os dos outros grandes Avatares, freqüentemente mal compreendidos. Por isso, Jesus, o homem, foi venerado e idolatrado. A Bíblia

nos fala da Iluminação de Jesus, de sua consciência cósmica, infinita, e de poderes que ele possuía; alguns homens, todavia, recusam-se a reconhecer que outros, antes dele, tiveram a mesma realização consciente da Divindade. Entre os que tiveram essa realização, encontramos, entre outros, os nomes de Zoroastro, Buda, Maomé, Jacob Boehme, etc.

Comparando com estes homens, Jesus está em plano superior, pela acuidade intelectual, grande elevação moral, por um grande compromisso e um sentido de imortalidade que caracterizam aquele que alcançou a Consciência Cósmica.

Jesus fala de sua consciência cósmica como do reino dos Céus, reino de Deus!

“Procurai o reino dos Céus e tudo o mais vos será dado por acréscimo.”

“...Vos é dado conhecer os mistérios do reino de Deus.”

“O reino de Deus é como um grão de mostarda que o homem lançou em seu campo. É a menor de todas as sementes, mas quando germina, torna-se maior do que a relva e, depois, uma árvore em cujos ramos os pássaros do céu vêm fazer seu ninho.”

“O reino dos céus é como um *tesouro enterrado* no campo, que um homem acha e esconde. Alegre, ele vende tudo o que tem e compra o campo.”

“O reino dos céus é como uma rede que foi lançada no mar e traz toda a espécie de coisas.”

“Eu te darei as chaves do reino dos Céus e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo que desligares na terra será desligado nos céus.”

Os Evangelhos citam também este episódio da vida de Jesus, bastante conhecido:

“Neste momento, vieram os discípulos de Jesus dizendo: “qual de nós é o maior no reino dos Céus?” Jesus chamou uma criança e disse: “Em verdade, se vós não fordes como esta criança, não vereis o reino dos Céus.”

“É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus.”

“O reino dos Céus vem sem ser visto. Que não se diga: “Ele está aqui, ele está ali! O reino dos Céus está dentro de vós.”

“O reino dos Céus no interior de vós” não quer dizer que ele está no coração, no plexo solar ou em qualquer outro órgão do corpo físico. Jesus estudou o misticismo nas escolas de Mistérios de seu tempo, e tentou revelar a verdade a seus ouvintes.

Por estas palavras e por muitas outras atribuídas a Jesus, é plausível admitir que ele se referia à Consciência cósmica, que só advirá após séria preparação. Consciência cósmica significa conhecer a plena realização do Cósmico, e tudo o que esta palavra subentende: Deus, a divindade, o universo. Costuma-se designar esta Consciência cósmica pela expressão: Consciência crística, pois esta expressão sinônima significa uma realização do Infinito e de tudo o que ele encerra: realização alcançada por Jesus.

É por esta razão que os estudantes do misticismo falam de consciência crística, *sem a associar exclusivamente a Jesus*. Do mesmo modo, os ensinamentos místicos se ocupam desta consciência crística sem se referir, necessariamente, aos atuais ensinamentos cristãos que são fundados, exclusivamente, no que Jesus disse e fez.

ELE NÃO ERA SEU ÚNICO FILHO

É inegável que Jesus foi o maior demonstrador da consciência crística, o maior mestre, mas do ponto de vista místico, é incorreto dizer-se que Jesus foi o único filho de Deus.

De fato, somos *todos* filhos de Deus, embora alguns homens e mulheres manifestem sua divindade em um grau mais ou menos elevado do que outros; é a consciência crística que faz de nós vivas imagens de Deus. Somos uma expressão de Deus, mas esta expressão varia com nosso grau de desenvolvimento, pois não existem dois indivíduos que manifestem exatamente o mesmo grau de desenvolvimento e de compreensão.

O único objetivo da existência humana é manifestar esta divindade. Se bem que esta manifestação não pareça prevalecer entre as diversas raças, é preciso admitir que no século XX ela é maior do que o foi em qualquer outro momento da história do homem.

De mais a mais, homens e mulheres aproximam-se desta realização e, embora possamos falar em diferentes termos, é sempre a mesma coisa que se ouve.

O ser humano, a árvore, a flor, a pedra, a montanha ou

o mar, tudo é uma manifestação do trabalho de Deus. O universo inteiro é feito de suas manifestações.

“Que maravilhosas obras são as Tuas!”, clama o salmista.

A manifestação divina está em cada um de nós e em todos nós. Tudo o que é divino pertence ao reino dos céus, que é uma condição existente tanto dentro de nós mesmos como no reino cósmico ao nosso redor. O reino de Deus ou o reino dos céus encontra-se em nosso ser. Quando entendemos isto e lhe damos plena expressão, podemos dizer que fomos iluminados pela consciência cósmica ou crística.

Esta consciência crística prevalece em todo ser humano e traz uma compreensão que não somente *inspira*, como transcende todos os esforços intelectuais para chegar às mesmas verdades.

A divindade crística e a consciência crística não foram criadas na época do nascimento de Jesus, ou no momento de seu batismo no Jordão, portanto, os homens desse tempo sabiam que depois de seu batismo, Jesus era a consciência divina descida à terra, sob forma humana.

A consciência crística não está confinada em Deus, como uma entidade. Ela pode ser alcançada e sentida ou experimentada por todo aquele que se purifica espiritualmente, que se prepara mentalmente e se eleva por suas sinceras aspirações.

Quando o homem torna-se consciente de que é um segmento, uma emanção da consciência universal de Deus, seus pensamentos e suas ações estão de acordo com esse saber.

É objetivo do misticismo auxiliar os aspirantes à espiritualidade a adquirir esta realização do Infinito e que eles desejam. E todo ser humano é dotado de faculdades que lhe permitem alcançar tal realização.

Muitas vezes, entretanto, não é antes de experimentar a necessidade interior dessa realização que se empreendem esforços para obtê-lo. As primeiras condições necessárias são a humildade, um sentimento de simpatia e de afeição por seu semelhante, o desejo de o ajudar e de lhe ser útil de qualquer maneira. Tais são as coisas que ajudam a abrir o *reino interior* onde nós “todos somos um”.

O egotismo, o egoísmo, o desejo de poder, devem ser governados e afastados; o espírito, purificado de toda tendência negativa, de maneira que, como uma criança, possamos nos aproximar da porta do *reino*.

O CAMINHO

Jesus é, talvez, o exemplo mais impressionante da história de um mortal penetrado pela Divindade. Ele nos deu o exemplo de tudo aquilo a que devemos aspirar. Mas nós não podemos imitar Jesus; podemos, somente, ser nós mesmos, agir de acordo com nosso desenvolvimento pessoal de nossa compreensão, e viver seu ideal. Quando tivermos aprendido a agir assim, descobriremos que somos inspirados, elevados e talvez, mesmo, transportados até um novo plano de realização: o plano da consciência crística.

Jesus disse que ele era o Caminho e que, aquele que o seguisse faria coisas bem maiores do que ele. Jesus, como os outros, mostrou-nos o caminho para chegar à consciência crística.

Deus é onipresente em toda manifestação ou expressão. Nós compreenderemos isso quando soubermos que nossa inspiração é a de Deus, e que a divina inteligência trabalhou através de nós. Somos conscientemente impregnados de uma irradiação divina e uma mudança maravilhosa se produz em nós; os trabalhos mais difíceis são facilmente realizados e nós somos conscientes de que a onipresença de Deus transfigura cada fase de nossa vida, transformando a dor em alegria, a tristeza em luz e vida, porque Deus se exprime através de nós.

Karel Weinfurter escreveu um dia que a vida mística é o desejo de perceber e de alcançar Deus no universo e em si mesmo, um desejo de penetrar o mistério do Ser, pois a Vida no reino interior conduz à consciência crística.

O despertar interior, o influxo do poder místico, a compreensão e a harmonia com Deus vêm calmamente, sem se fazer anunciar, e quando menos se espera. Então, nós vivemos à luz do reino de Deus.

Parece, pois, que é muito natural para os homens, imagens vivas de Deus, manifestar sua divindade neste período de Natal.

Pouco importa nossa fé religiosa. O que conta é a manifestação da consciência crística, e também, que o espírito de Natal crie raízes no coração de todo homem e de toda mulher e a tal ponto que sua divindade não se manifeste somente no Natal, mas durante o ano inteiro, em cada ato e em cada pensamento.

COMO CRIANÇAS

por

Raymond Bernard, F.R.C.

COMO CRIANÇAS

À medida que progredimos no estudo místico, damos conta, cada vez mais, de que o acaso não existe. Em todos os elementos de nossa vida, existe uma estreita relação de causa e efeito e, se quisermos atentar para isso, verificaremos que esta relação se manifesta mesmo nos menores incidentes da existência consciente. Ora, como tudo o que é exterior a nós mesmos leva, em definitivo, às percepções que nós temos e à compreensão que disso resulta para todos nós, é fácil de se concluir que nossa experiência do mundo exterior é puramente subjetiva. Somos, pois, os criadores de nosso próprio meio e nele somos atuantes, o que quer dizer que o homem pode ser, se verdadeiramente o desejar, dono de sua própria vida ao invés de ficar submisso a circunstâncias das quais, afinal de contas, ele é o próprio autor. É, por consequência, para uma verdadeira reabilitação dele mesmo que o místico trabalha, através de um método que visa a redobrar, em todos os domínios, a primazia do ser interior e a plena atividade de seus poderes do pensamento, por uma participação mais absoluta no plano da criação. Uma tal reabilitação não se dá sem um certo abandono à vontade cósmica. Digo um “certo” abandono, para acentuar que não seria questão de considerar a inteli-

gência divina como “deus ex-machina” encarregada de resolver todos os problemas da existência, mesmo os mais insignificantes. Cada um de nós deve saber assumir suas responsabilidades em relação aos efeitos dos quais é a causa, e isto será, verdadeiramente, prova de indolência e da incapacidade, lançar sobre o Cósmico o que foi, desde a origem, colocado sob o império do homem. Nada há, nos poderes cósmicos para reparar os erros cometidos.

Certamente, o único fato de ter escolhido o caminho da evolução e de o *seguir* oferece os meios novos e eficazes para restabelecer a harmonia ao redor e em tudo o que nos toca, pois, trabalhando sobre si mesmo, o homem opera, ao mesmo tempo, sobre seu meio que está sob a inteira dependência de seus pensamentos.

Chegará o momento, por certo, em que o abandono à vontade cósmica será total e esse abandono não constitui uma falência da personalidade. Ele restitui a cada um seu pleno valor de criatura divina, e o adepto, em seu ser interior, torna-se, então, o intermediário do Cósmico, uma espécie de transformador da idéia universal com uma frequência vibratória ativa no plano do criador e, de todo modo, uma célula, entre outras, do desdobramento da incessante criação. Tal é o mais alto degrau do “adeptado”, o de Rosa+Cruz, onde é alcançada a transferência do pensamento motor do manifestado para a fonte e onde a renúncia não é uma capitulação do humano, mas uma expressão dinâmica do movimento divino para seu fim último.

O místico deve aprender a deixar-se guiar pela mão dirigente. É a primeira etapa. Mais tarde, sê-lo-á, por um dedo desta mão. Mas é preciso, para isso, fazer suas provas

e assegurar sua confiança. Existe um estado interior mais reconfortante do que o de se abandonar à mão dirigente e de se ter, assim, a certeza de que a direção tomada é boa? Veja a criança que, na rua, segura a mão do pai; examine seu rosto confiante e feliz. Pode ser, em certos momentos, que ela se surpreenda por algum acontecimento ou algum incidente novo. Que fará, então? Seguramente, não largará a mão de seu pai. Pelo contrário, ela a apertará com mais força para sentir melhor sua tranqüilizante presença.

Faça, pois, como a criança, não ignore a mão que segura a sua. Se a necessidade se faz sentir, muito especialmente, aperte um pouco mais esta mão dirigente e deixe-se conduzir, pois ela o levará para um abrigo de paz.

Esqueça os detalhes para restaurar a verdade; não partir em busca de poderes passageiros que desaparecerão com o pó do ser físico; mas, pelo contrário, “buscar acima de tudo o reino de Deus”, e compreender os verdadeiros poderes, dados por acréscimo; querer sempre encarar um outro mais humano que o mais humano, parecer nada mais do que um homem, aos olhos do mundo, e nada menos, como um místico, diante de Deus; eis o caminho que deve seguir e a atitude que é necessário adotar.

É assim que se prova a boa vontade, e que se merece a paz prometida aos homens, esta paz que o tempo de Natal, anualmente, lembra à humanidade, que ela é de um reino “mais próximo de nós do que nossas mãos e nossos pés”.

SILÊNCIO:

O Aprendizado Interior Pelo Poder do Silêncio

por

Jeanne Guesdon, F.R.C.

SILÊNCIO:

O Aprendizado Interior Pelo Poder do Silêncio

Antes de iniciar um neófito nos mistérios de seus ensinamentos, o filósofo Pitágoras submetia o candidato a uma série de testes destinados a fortalecer seu caráter e que permitiam a Pitágoras julgá-lo. Assim, o noviço entre os sábios de Crotona a tudo ouvia mas jamais fazia perguntas. Por meses sem fim era ele submetido à disciplina do silêncio de modo que, quando finalmente lhe permitissem falar outra vez, só o fizesse com circunspeção e reverência. Ele tinha aprendido, pela experiência pessoal, que o silêncio é quase um poder divino – a mãe de todas as virtudes.

Por que é que nós não seguimos os sábios preceitos de Pitágoras? O maior problema no mundo de hoje é a falta de silêncio. A sociedade moderna não apenas está literalmente envenenada pelo tumulto de máquinas (inclusive as que falam), mas também – e especialmente – está saturada com palavras barulhentas e vazias. Importa hoje quem fale mais alto, quem apresente melhores argumentos, quem conte sua versão dos acontecimentos com os mais insignificantes detalhes.

Como estava certo Kierkegaard, o grande pensador escandinavo, ao escrever: “O mundo em seu estado atual está doente! Se para tanto eu fosse um médico e me pedissem conselho, recomendaria: “Fica em silêncio!”

O verdadeiro Rosacruz pode ser reconhecido por sua temperança oral, entre outras virtudes. É comedido no falar, e suas palavras são ricas em significado. Ele põe em prática o conselho de um mestre Sufi: “Se a palavra que você vai falar não é mais bela que o silêncio, então não a diga!”

Quando buscamos a Iniciação, devemos guardar silêncio não apenas para com os outros mas também para conosco mesmos. Compreendamos isto melhor. É no silêncio que o Cósmico, o Ser Divino, torna-se manifesto à nossa consciência. Para que ouçamos a orientação divina, para termos lampejos de intuição, devemos aprender a silenciar a voz subjetiva do nosso pensamento. A Bíblia ensina isto, simbolicamente, no primeiro Livro dos Reis (Cap. 19, versículos 11 e 12), onde vemos o profeta Elias refugiado no deserto, esperando uma mensagem do Senhor:

“Sai, vem para fora, e põe-te neste monte perante a face do Senhor. E eis que passava o Senhor, como também um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as pedras diante da face do Senhor; mas o Senhor não estava no vento, e, depois do vento, um terremoto; também o Senhor não estava no terremoto;

“E depois do terremoto, um fogo; porém, o Senhor também não estava no fogo; e, depois do fogo, uma voz doce e silente.”

Foi então que o Senhor apareceu a Elias. Em seu famoso tratado *Language of Birds* (“Linguagem dos Pássaros”), o místico Attar exprime a mesma verdade de forma diferente: “Enquanto caminhavam, falavam; mas quando chegaram ao destino, toda fala cessou. Não mais havia guia, nem viajante; e até mesmo a estrada cessara de existir.”

Um dos maiores místicos da França, Louis Claude de Saint-Martin, foi chamado “o Silencioso Desconhecido” por seus discípulos. Mais do que ninguém, enaltecia ele a virtude do silêncio. Escreveu: “Grandes verdades são ensinadas somente pelo silêncio”. Ainda melhor é sua observação que, infelizmente, tão bem se aplica aos tempos atuais: “Haverá maior prova da fraqueza do homem que a multiplicidade de suas palavras?”

É bem verdade que o silêncio é um autêntico teste para aquele que, por hábito ou tendência, não pode observá-lo. A tradição conta que os antigos fizeram do silêncio uma divindade: na Grécia, o deus *Harpócrates*, e em Roma, a deusa *Tacita*, nome este muito bem empregado, visto que se origina da palavra latina *tacere*, que significa “estar em silêncio”. Isto demonstra o grau em que os antigos prezavam esta virtude, bem como o fato de que os romanos não consideravam o ato de falar muito uma fraqueza exclusiva do sexo frágil.

Como dissemos nesta mensagem, a disciplina do silêncio constitui poder; ela nos permite manter dentro de nós um influxo de vitalidade que palavras inúteis desperdiçam. Antes de falar, procure avaliar se o que você vai dizer é meritório; se pode ocasionar algum bem e, *especialmente*,

se não vai provocar nenhum mal. Você perceberá que o esforço que fizer para reprimir uma palavra inútil provoca uma reação interior, um esforço contra a tentação. Cada vitória trar-lhe-á novo poder. E este é o motivo por que é uma atitude sábia seguir o conselho do mestre sufi, de que se aquilo que você vai falar não é mais belo que o silêncio, então não fale.

Medita sobre esta mensagem; pense nela com frequência. Nossa esperança é que o silêncio o ajude a subir mais um degrau na escada da espiritualidade.

ASSIM FALOU ZARATHUSTRA

por

Raymund Andrea, F.R.C.

ASSIM FALOU ZARATHUSTRA

Abandonando sua solidão na montanha, Zarathustra apresentou-se diante do sol e proclamou que ele também devia descer entre os homens, pois tinha necessidade de que mãos se estendessem para esta sabedoria que o estava fatigando.

É então que, nas peregrinações por vários lugares, ele começou a fazer discursos diante de todos os que encontrava, sem escolher auditório. Os discursos constavam de quatro séries. Depois de ter terminado a primeira série, outra inspiração assaltou Zarathustra, talvez inesperada como fora a precedente, a que o incitou a sair de seu retiro na montanha; e retornou ao isolamento.

Até então ele havia prodigalizado os frutos de sua sabedoria a qualquer um que tivesse escutado. Semeou a palavra audaciosa, revolucionária e inconveniente; e pouco numerosos, certamente, foram aqueles que puderam acolhê-la. As palavras tinham duplo sentido e somente o Sábio podia compreendê-la. Falava sempre sob o impulso da inspiração, sem a preocupação de ser ou não compreendido e insensível tanto ao elogio quanto à censura.

Quando uma sabedoria superior abraça um ser humano, este ser não pode raciocinar com ela, abrandá-la ou edulcorá-la para agradar aqueles que o escutam. A natureza humana surpreende por sua incoerência, quando se constata que as Escrituras são feitas, em grande parte, deste gênero de expressão, e que todas as nações o aceitam porque o consideram inspirado. Por que este mesmo espírito de inspiração, encontrando uma voz entre os homens, será considerado, em nossos dias, sob um ângulo bem diferente? Zarathustra deveria magoar-se com esta incompreensão; olhando, então para a multidão, falou, do fundo de seu coração: “Ei-los que se põem a rir; não me compreendem; eu não sou a boca necessária para seus ouvidos.” Mesmo durante o preâmbulo em seus discursos, isso foi assim. . . e Zarathustra fez vinte e dois discursos antes de seu primeiro retorno à solidão.

Passaram-se os anos. Zarathustra voltou e ora, entre os homens, fez uma segunda série de vinte e dois discursos também ousados e revolucionários como os da primeira série. Os discursos finais têm como título *A Hora Mais Silenciosa*, elaborados no segundo retiro de Zarathustra: “Meus amigos, que está me acontecendo?, diz ele, vós me perturbastes, me alucinastes; submisso contra minha vontade, prestes a ir-me embora, ai de mim! a me afastar de vós.”

“Sim, é verdade! Zarathustra volta uma vez mais à sua solidão; mas desta vez, o urso retorna sem alegria à sua caverna!”

“Que acontece? Quem me obriga a partir?”

“Ai de mim! a *Outra*, que é minha mestra em cólera, assim o deseja; ela me falou. Nunca vos disse seu nome?

“Ontem, à noite, *Minha hora mais silenciosa* me falou; está ali o nome de minha terrível mestra. E eis o que se passou, pois é preciso que eu vos diga tudo, para que vosso coração não se endureça contra aquele que parte precipitadamente.”

E quando, em sua altivez, Zarathustra contestou inúmeras vezes e repetiu a voz imperativa da *Outra*, foi-lhe, peremptoriamente, dito:

“Ó Zarathustra, teus frutos estão maduros mas tu ainda não estás maduro para teus frutos. É preciso que retornes à tua solidão para que tua dureza se reduza mais.”

A partir de então, Zarathustra levou, durante muito tempo, uma vida nômade: entre dois períodos de recolhimento em sua caverna, na montanha, ele se encaminhava para os habitantes das inúmeras cidades onde o acaso dirigisse seus passos. E ainda uma vez ele perambulou. Fez a terceira e a quarta séries de seus discursos durante esse período de vida errante. Falava, às vezes, a pessoas estranhas que encontrava no caminho, a animais que lhe faziam companhia ou, mais freqüentemente, abandonava-se ao solilóquio.

Este retorno periódico de Zarathustra à vida eremítica, em silêncio aterrorizante, não implica, necessariamente, na “noite negra da alma”, descrita com freqüência em nossas monografias; uma interpretação se impõe, imediatamente, ao espírito. A progressão de Zarathustra se realiza por ci-

clos alternantes de atividade e retiro: cada período de meditação solitária no silêncio é seguido de um período de atividade inspirada, na qual Zarathustra exorta seus semelhantes. Uma vez transmitida a mensagem, a hora de inspiração se desvanece mais uma vez: Zarathustra é chamado para o silêncio do coração, para a solitária comunhão com o espírito de sabedoria.

* * *

Nossos leitores talvez saibam que Nietzsche considerava *Assim Falou Zarathustra* como sua obra-mestra. Os discursos têm, já o dissemos, a característica de serem audaciosos, revolucionários e irracionais: eles o são, certamente, para o leitor comum. Mas para aquele que já percorreu um longo trajeto no caminho da evolução e que está habituado com o audacioso e o revolucionário nas obras dos Videntes e dos Profetas, estes discursos são marcados por uma incontestável qualidade mística, e podem ser apreciados conforme seu valor real; somente um sábio e um profeta puderam escrevê-los.

O fato de que há trinta anos Nietzsche deixou o lar e passou dez anos na solidão da montanha em busca da verdade da Vida confirma que ele sabia que tinha uma missão a cumprir. Possuía amplos conhecimentos de literatura; havia estudado a fundo as religiões orientais e ocidentais bem como todas as altas filosofias. Sua crítica ao Cristianismo “ortodoxo” são ousadas e, por vezes, ímpias. Não obstante, é um pensador original e corajoso, reconhecido como tal no mundo inteiro, nos dias de hoje; pode-se, mesmo, observar, que quase todos os grandes escritores, no campo da filosofia, da religião e da arte, citam-no e enaltecem sua vasta

erudição e seu penetrante conhecimento da natureza íntima de todos os assuntos de que trata.

Nietzsche não é um autor que se possa aconselhar a todos. Uma parte de sua obra pode se revelar perniciosa para o ser de inteligência limitada e de restrita capacidade de apreciação; poderá confundi-lo. O homem muito inteligente, mas de espírito sectário, rejeitá-lo-á como perigoso e o tratará como inovador destrutivo. Para o notoriamente beato, será um anátema e o estigmatizará como traidor da alma humana. Sua palavra ressonante se revelará como mau agouro para aqueles que, testemunhas da rápida decadência atual do Ocidente, lerem suas páginas, que um cristão, certamente, virá a detestar. Para aqueles que buscam a verdade onde quer que ela esteja, que sabem que ela é uma arma de dois gumes, descerrando o véu da beleza e da fealdade da vida com uma imparcialidade soberana, ele pode vir a ser um inspirador e um guia de primeira ordem. Tudo isto depende da amplitude e da qualidade da maneira de pensar de um homem. Pode-se dizer que os que fizeram uma apreciação verdadeiramente exata de Nietzsche e que o citam mais em seus trabalhos são precisamente aqueles que foram notáveis por sua largueza de visão, profundidade de saber e compreensão da natureza e da alma humanas.

* * *

É indiscutível que a natureza do desenvolvimento de Zarathustra é semelhante a esta fase da evolução que chamamos “a noite negra”. Então, impõe-se ao espírito a clássica obra mística de São-João-da-Cruz (Saint-Jean-de-la-Croix), que trata o assunto a fundo. Nietzsche conhecia particularmente bem este tratado e o estudou, mi-

nuciosamente, no curso de suas longas conferências. Criticando, efetivamente, com muito rigor, alguns ensinamentos religiosos, por ter percebido que eles complicavam e entravavam o espírito mais do que o esclareciam, sua intuição de uma aguda clarividência expunha as fases positivas e negativas destes ensinamentos com uma impiedosa imparcialidade e um absoluto *desdém* que poderia causar ressentimento àqueles que por eles haviam sido nutridos desde a infância e neles descansavam a esperança de salvação futura.

Nós vemos precisamente na progressão de Zarathustra algo que se assemelha à doutrina e à experiência mística de São-João-da-Cruz. São João comenta algumas imperfeições que obsidiavam os aspirantes na caminhada, como o orgulho, a cupidez e apatia espiritual, ira, inveja e a indolência espiritual. Ele mostra por que estas imperfeições assaltam o aspirante e tornam-se obstáculos para sua progressão. Em seus discursos, Zarathustra faz alusão às mesmas imperfeições com originalidade na maneira de tratar, fineza de intuição e delicada distinção aplicadas ao desenvolvimento do indivíduo, a ponto de nos fazer sentir que ele é um personagem que vai para a montanha com um objetivo útil; e este objetivo era escavar até atingir a pedra fundamental da verdade sobre ela e sobre a vida, e gravar esta verdade para uma minoria que tem ouvidos de ouvir.

Mas que visava esta crítica destrutiva, que recorreu ao ódio encarniçado e à venenosa acusação daqueles que se sentiam igualmente acima dele? Qual era o ideal de Nietzsche? Era o engrandecido homem do futuro, o *Super-homem*. Ora, se quiserdes revelar o pior no político ou no beato, no homem de saber e de ciência, colocai, simples-

mente, em foco, um indivíduo que o sobrepuje e o eclipse: o acolhimento que recebeu o *Super-homem* de Nietzsche bem o demonstra. Ele abominava, do fundo de seu coração, uma parte dos ensinamentos morbidamente sentimentais do Cristianismo devoto, tratando-a impiedosamente. Entretanto, procurava, sem cessar, o homem verdadeiro. Martelava, a cada passo, os ferros que acorrentavam os homens e os impediam de perceber a verdade. Ao lembrar de que Cristo disse: “A verdade vos libertará”, não hesitamos em afirmar que aquele que ousa afrontar a opinião pública e arriscar sua reputação procurando-a lealmente, como o fez Nietzsche, tem direito ao respeito do homem honesto.

Nietzsche foi condenado por ter sido um implacável destruidor dos valores artificiais. Ele foi julgado mais severamente por aqueles que têm medo de examinar estes valores que vivenciam há muito tempo e sabem que neles repousa relativa prosperidade terrestre. As comunidades cristãs o condenaram pela flecha que ele lançou com resultado sensacional contra as corrompidas fundações da “ortodoxia”. Desde 1900, estas fundações vêm sofrendo críticas ferinas, tanto da esquerda como da direita, do seio da Igreja como de fora dela. É interessante observar a que ponto foi fraca a oposição que se levantou contra as declarações destas pessoas (homens e mulheres) que pensam. É forçoso reconhecer: qualquer que seja nossa revolta contra alguns termos vituperiosos que Nietzsche se permita neste assunto, nós nos vemos impossibilitados de refutar suas conclusões.

UM FALSO DISCÍPULO

A condenação de Nietzsche foi, indubitavelmente, agravada pelo fato notoriamente público de que Hitler,

pessoa depravada, se interessou por suas obras. Não sendo mais do que um vulgar assassino, Hitler pretendeu, com uma típica atitude diabólica, transformar o Bem em Mal e a Verdade em Mentira. Ele acreditou que era o Super-Homem em pessoa, em sua época. O julgamento que se fez de Nietzsche reside, assim, em um sofisma; Nietzsche apresentou o Super-Homem; Hitler estudou Nietzsche e se acreditava um Super-Homem; é, pois, a Nietzsche que se deve Hitler.

Devemos agradecer ao professor francês Henri Lichtenberger o julgamento sadiamente equilibrado de Nietzsche e a ausência de referências desairosas ao personagem e à obra. Para mostrar o que Nietzsche terá pensado de Hitler, com relação à personificação de seu Super-homem, se tivesse vivido o bastante para constatar a vaidade e a imprudência colossais desta caricatura do grande homem do futuro, basta a citação que se segue:

“O Super-homem de Nietzsche era, em essência, um dos grandes Iniciadores que, a exemplo de Cristo ou, mesmo, de Buda ou Maomé, exerceram poderosa influência nas almas dos homens. Assim, o gênero de guerra que interessava a Nietzsche não era o da que se passa em campo de batalha e que, em seu cego furor, prende-se, sem discriminação, à riqueza, aos tesouros artísticos, à vida e à felicidade dos homens. Mesmo podendo ser uma fatalidade, ela deve permanecer acima de todo barbarismo, cujo trágico horror a alma de Nietzsche sentia, tão facilmente tocada pela compaixão, muito mais do que a maioria dos homens. O que estimulava o entusiasmo de Nietzsche era a luta silenciosa, invisível e misteriosa, que se trava nas profundezas da alma entre os grandes princípios que governam a

vida humana e decidem, em última instância, a direção da evolução. A guerra material, tangível, tem por objeto a hegemonia de um povo ou de uma raça. A guerra espiritual decide sobre o que se poderá chamar, no sentido lato da expressão, o futuro religioso da humanidade.

“O verdadeiro discípulo de Nietzsche é aquele que, com todas as forças de seu ser, visa a criação de uma idéia que regerá a humanidade, o triunfo de um ideal religioso antigo ou moderno. O fanático em uma raça ou país, não tem o direito de se prevalecer do nome de Nietzsche.”

TEMPO ILIMITADO

por

Rodman R. Clayson, F.R.C.

TEMPO ILIMITADO

Em todo o curso da história da filosofia, a natureza do tempo tem atraído a atenção dos filósofos. Este assunto levanta questões difíceis de responder. Entretanto, os sábios e os filósofos que aceitam a Teoria da Relatividade de Albert Einstein estão, em larga escala, de acordo com este enigma, o tempo.

Sendo coisa abstrata, o tempo é, particularmente, desconcertante e misterioso. Nós o encontramos em cada coisa que fazemos ou observamos; todavia, em uma pesquisa minuciosa, ele parece se nos escapar, pois o que era o presente é agora o passado. O tempo pode ser considerado como uma relação entre as coisas, porque nosso intelecto exige que concebamos as coisas em relação com o tempo, ou seja, sucedendo-se uma após outra. Semelhante às três dimensões do espaço, geralmente aceitas, o tempo é uma condição universal, e a ela se refere, freqüentemente, como a quarta dimensão. Encontramos sempre juntos o tempo e o espaço. Tudo o que é afetado pelo tempo o é também pelo espaço.

Bergson definiu o tempo como duração. Ele diz que nós pertencemos ao fluxo da duração e que podemos nos tornar conscientes de sua pulsação. A duração tem uma rela-

ção estreita com a existência. Nós subentendemos a idéia da existência quando concebemos a duração. Dizer que uma coisa existe durante um minuto, uma hora, um dia ou ano, quer dizer que ela tem a duração de um minuto, de uma hora, etc. É errôneo, entretanto, considerar a duração e a existência como significando a mesma coisa. Enquanto a duração implica em existência, a recíproca não é verdadeira, a existência não implica, necessariamente, a duração. É necessário uma existência contínua – não importando quão curta seja – para envolver ou implicar a duração; por isso, a duração é definida como uma existência contínua.

Uma vez que o tempo é medido em instantes, segundos, minutos e horas, implica, necessariamente, o conceito de uma existência contínua. Não se pode falar de duração sem introduzir o conceito do tempo. Por exemplo, a duração da existência de Deus é conotada como *eterna*. Parece que sua existência não tem começo nem fim, passado nem futuro. ELE ESTÁ, na totalidade infinita, sem acréscimo, em um presente sem fim. A duração da existência de Deus não diz respeito ao tempo porque é o eterno presente. Para nós, o presente corresponde a cada momento do tempo como se viesse do futuro para o presente, e no passado. Talvez, em um sentido estrito, o tempo implique a duração dos objetos físicos e a percepção pela consciência.

É pela observação que temos o conceito do tempo. É pela tomada de consciência que nós nos conscientizamos de nosso corpo e de outros objetos em seus movimentos e em suas mudanças de estado.

É uma noção comum para todos os homens em todos os períodos da História. Contrariamente ao espaço, o tempo

não é imóvel ou estável. “Anda” sempre para a frente. A *marcha do tempo* é uma frase bastante conhecida em todos os idiomas. Se o tempo é um movimento, ele está em marcha sempre constante; nada pode pará-lo, retardá-lo ou acelerá-lo. Seu movimento é inalterável em sua progressão e rapidez. Aparentemente, dizemos o contrário, “que o tempo voa”, se arrasta, que o tempo é como algo que contém, em sua capacidade universal, os movimentos e as atividades.

Quando dizemos que o mundo foi criado no tempo, nós concebemos o tempo como uma espécie de entidade que procedeu a criação do mundo. Pensamos, também, no tempo como se ele se estendesse, ilimitadamente, pelo futuro, não importando a existência do mundo ou de seu porvir. Parece que nós concedemos ao tempo certos atributos do infinito, embora, por outro lado, ele seja considerado definido, pois o tempo pode ser um segundo, uma hora ou um dia. Alguns classificam o tempo como referente ao passado, ao presente e ao futuro. Todavia, o único *tempo* de que estamos conscientes é o presente, porque o futuro ainda não chegou e o passado não mais existe.

UM DESAFIO AO PENSAMENTO

Que é pois *esse tempo*, tão misterioso e contraditório? Deve-se notar que, geralmente, as propriedades do tempo são comparáveis às do espaço. É, portanto, natural, que os filósofos considerem idênticas a natureza do tempo e do espaço. É provável que a primeira controvérsia não resolvida tenha surgido na Grécia, quando Parmênides declarou que, aquilo de que não temos consciência não existe. Heráclito afirmou que não há nada permanente e que a mudança

caracteriza todas as coisas. Aristóteles e os escolásticos que o seguiram afirmaram que o tempo não é uma realidade. Declararam que o conceito do tempo é baseado no movimento e que ele muda em relação a si mesmo e aos outros corpos. Na medida em que se produzem os movimentos verdadeiros na natureza, eles são concernentes ao tempo.

Epicuro via o tempo como uma entidade que tinha existência independente da consciência. Descartes considerava-o uma simples maneira de pensar, enquanto Spinoza considerava-o um atributo da substância panteísta divina. Kant sustentava que o tempo era uma forma subjetiva, a priori, uma forma de sensibilidade – de intuição interna anterior a toda a experiência – que parece fazer com que todas as coisas e experiências pareçam chegar em tempo determinado. Para Kant, o tempo não era atributo objetivo de coisas propriamente ditas e, por consequência, não tinha nenhuma realidade. Sua idéia se reflete hoje nas crenças dos filósofos e cientistas.

Newton identificava o tempo com a eternidade de Deus. Ele declarou: “O tempo absoluto e o tempo matemático, por si mesmos e pela própria natureza, difundem-se com uniformidade, sem consideração de qualquer coisa exterior.” Leibniz, em relação a ele, dizia que não podia haver tempo independente dos acontecimentos, pois o tempo é formado por acontecimentos e suas inter-relações, e constitui a ordem universal da sucessão. Bergson sustentava que não havia duração real do tempo, salvo em nossos conceitos mentais; chegamos à idéia de tempo e de sucessão pela introdução das relações espaciais no interior de nossos estados de consciência. No mundo físico, o tempo não existe, pois, segundo Bergson, o tempo é um produto mental.

Alexandre dá um sentido incomum ao espaço-tempo. Ele declara que o espaço-tempo é a substância da qual a matéria e todas as coisas são especificações, e que é a base da evolução do universo. A substância do mundo que é espaço-tempo é tida como movimento/movimento antes que a matéria seja produzida nele. O espaço-tempo, para Alexandre, não existe; é a própria existência considerada em seu conjunto.

O espaço-tempo é interpretado, particularmente pelos que seguem a escola de Einstein, como sendo, mais ou menos, uma construção mental imposta ao universo; isto é, o tempo não pode existir independentemente da consciência. Entretanto, o tempo não pode ser uma pura ficção da consciência porque ele tem fundamento na realidade, do fato de que ele é uma abstração derivada do movimento e da mudança da natureza. . . Pensadores declaram que se o tempo fosse real, ele seria, na natureza, uma entidade existente nela mesma e por ela mesma. Eles dizem que o tempo não pode ser simplesmente concebido sem fundamento na realidade da natureza.

TRÊS ELEMENTOS

O tempo deve ser baseado em fatos definitivos de movimentos e de mudanças que ocorreram em e entre os corpos orgânicos e físicos. Nós fazemos a experiência de tais movimentos e mudanças em nosso próprio corpo. Sabemos que nosso corpo não é estático, mas dinâmico. Nós mudamos e nos desenvolvemos ativamente. Mudamos de um lugar para outro. Nossos estados mentais e físicos mudam de hora em hora. Nós não podemos negar os fatos dos quais não podemos duvidar, em nossa própria existência. Estas

realidades não são instantâneas em seu caráter, mas são gradativamente sucessivas e progressivas. Para nós, é nisso que reside o elemento tempo. Podemos, porém, julgar a natureza do tempo exteriormente por aquilo que encontramos em nós mesmos? Alguns filósofos postulam que nós devemos compreender o movimento para compreendermos a real natureza do tempo, porque o conceito de tempo pressupõe o conceito de movimento que é, pois, derivado dele. Movimento quer dizer mudança. Mudança é transição de uma coisa, de um estado para outro.

Para haver mudança, são necessários três elementos. Primeiramente, o ponto de partida; em segundo lugar, a transição ou a passagem de um para outro, e em terceiro, o ponto de conclusão. Os pontos de início e fim são condições hipotéticas de parada. A mudança consiste em transição ou passagem entre os dois pontos. A coisa é imóvel quando está em seu início. Af, não há movimento e não há mudança. Quando ela chega ao seu fim fica, novamente, imóvel. É somente durante o período de passagem de um estado para outro que aparece a mudança ou o movimento. Isto, certamente, é bastante elementar. Nós sabemos que existe uma mudança contínua em certas coisas; em outras, há alterações e no *tempo* há qualidades, quantidades, movimentos.

Cientificamente, todos os assuntos que têm relação com o tempo demonstram a inferência de que o tempo consiste em movimentos progressivos e sucessivos. Em verdade, nós não podemos pensar em tempo sem pensar em movimento. Isto nos leva a pensar que concebemos o tempo como um composto de passado, presente e futuro. O presente se desloca para o passado e o futuro, para o presente,

momento após momento. Isto indica uma mudança constante, uma progressão, uma sucessão e um movimento. Compreende-se, pois, que as bases das medidas que aplicamos ao tempo são todas de movimento.

As unidades fundamentais do tempo, tais como nós conhecemos, são medidas pelo dia e ano, tomadas a partir do movimento da Terra em sua órbita em volta do Sol e da rotação da Terra em torno de seu próprio eixo. Estas unidades de medidas foram consideradas as mais apropriadas para medir e balizar o tempo em sua progressão; tais medidas, entretanto, não poderão ser utilizadas se o próprio tempo não consistir em um movimento ou não se fundamentar no movimento.

Tempo e movimento, todavia, não são idênticos. A progressão do tempo nada tem a ver com a mobilidade ou o movimento próprio. O tempo, ainda que se associe ao movimento, não pode viajar de lugar em lugar. Ele não é como as ondas vibratórias da luz, o trem rápido, a roda que gira ou o balanço do pêndulo, que têm relação com o movimento. Falamos constantemente de tempo lento ou tempo rápido, em relação com os corpos que se movem. De fato, falamos da distância coberta em um tempo determinado e não do tempo em si mesmo; o tempo e o movimento não são, pois, idênticos. Deve haver, todavia, alguma coisa no movimento que é a essência do tempo e sem a qual ele não poderia existir.

Existe algo em comum, em todos os tipos de movimentos. É a sucessão, o antes e o depois de movimento. É precisamente esta sucessão uniforme de movimentos, com seus característicos de *antes* e *depois*, que constitui a essência da duração mencionada por Bergson e que nós cha-

mamos *tempo*. Então, se as diferenças de variedades e de cadências forem suprimidas no movimento, e se nós elevarmos a massa dos corpos que se movem, a fim de reter somente o movimento abstrato que consiste na sucessão uniforme – seja real, possível ou absoluta – nós teremos o tempo.

Percebemos, em nós mesmos, que fazemos apreciação do tempo que passa, religada a tudo o que fazemos ou pensamos. Obtemos o conhecimento do tempo pela observação do movimento ou da sucessão de mudanças. O tempo, para nós, consiste no que dele conhecemos e podemos medir, pois a essência de uma coisa é conhecida por suas propriedades e as medidas devem corresponder à coisa medida. . .

Nós temos a noção da passagem quando estamos conscientes do movimento, mas não somos conscientes da passagem do tempo quando não estamos conscientes do movimento. Se nós observamos os movimentos dos ponteiros que marcam os segundos e minutos de nosso relógio, tornamo-nos penosamente conscientes da progressão do tempo, pois ele parece mover-se muito lentamente. Quando estamos absorvidos em pensamentos ou adormecidos, ou, ainda, inconscientes, se bem que o movimento escape à nossa observação, nós ignoramos os minutos e as horas e então o que chamamos *tempo* parece ter passado muito rapidamente, ainda que não tenhamos tido a noção de que ele passou.

MEDINDO A ETERNIDADE

Para se ter a medida do tempo, é necessário utilizar, como base, unidades de movimento ou de mudança. Por

exemplo, nós medimos o tempo pelos movimentos das estrelas, da Terra, dos despertadores, etc. . . Segundo a compreensão que temos desse assunto, o tempo consiste em uma sucessão de movimentos e de mudanças. Entretanto, pois que os movimentos e as mudanças são concebidos no tempo, o tempo não pode ser movimento senão no abstrato e pode ser considerado o receptáculo do movimento. O tempo, considerado como um receptáculo abstrato de todo movimento passado, presente e futuro, parece ser muito real.

De par com a nossa concepção do tempo, temos a impressão de que é um movimento sem fim, com uma velocidade uniforme, sem paradas ou vazios; pensamos que seja uma espécie de duração que tem relação com a existência contínua e, como o tempo é considerado um movimento abstrato, nós o concebemos como contínuo em sua progressão. Pelo fato de ter movimento, a idéia de tempo é concebida na consciência. Sendo assim, é um produto mental que nos dá a impressão de que só existe a ação presente embora se diga que o tempo é o passado, o presente e o futuro. Deve ser explicado, todavia, que o presente não é um momento divisível, não tem duração mensurável.

De vez em quando, nós nos referimos ao postulado de Einstein, pelo interesse que despertou entre os pensadores. Segundo Einstein, os fenômenos, bem como as leis da natureza, são constituídos de tal modo que se torna impossível demonstrar a existência de um movimento absoluto. Ele acha que o conceito de Newton, de espaço e de tempo absoluto, não tem nenhum sentido e que não podem estar separados. O conceito de tempo e o conceito de espaço de-

vem ser revistos e reformulados para se adaptar às condições da relatividade.

Embora exista um grande número de diferentes sistemas de espaço e de tempo, eles são todos equivalentes não só em valor como em função dos sistemas particulares em que se encontram. Diz-se, por exemplo, que os acontecimentos ocorrem no tempo. O tempo, aqui, implica os conceitos de sucessão e de simultaneidade. Quando os acontecimentos se sucedem, uns após outros, no tempo, um ocorre antes e outro, depois. Quando surgem no mesmo momento, diz-se que são simultâneos.

Vistos do presente, os acontecimentos passados têm uma ordem cronológica fixa e os acontecimentos futuros cairão quando, finalmente, ocorrerem, do presente para o passado; o tempo é uma corrente que flui infinitamente e na qual os acontecimentos têm locação fixa. Admite-se que o espaço seja um “continuum” de três dimensões onde estão situadas todas as coisas, e todas as coisas mudam. Os objetos no espaço devem ter as três dimensões: comprimento, largura e altura, bem como a do tempo.

Minkowsky dizia que as três dimensões têm a duração e o movimento, devendo, pois, incluir o tempo. As distâncias e os comprimentos estão fixados no próprio tempo. Nossas vidas são gastas no tempo, mas com grandes variantes. O tempo, tal como nós o vivenciamos, com a experiência da vida, é independente do espaço e daí a atenção que devotamos à direção da flecha do tempo. Como já dissemos, de certo ponto de vista, o tempo significa sucessão de acontecimentos que se encadeiam. Espaço e tempo nada são em si mesmos; apenas nomes para dar uma ordem à relação dos acontecimentos.

A este respeito, durante centenas de anos, os filósofos têm meditado sobre a curiosa afirmação de Santo Agostinho: “Se nada passou, não haverá tempo passado e se nada ocorrer, não haverá futuro. O presente, se ficasse sempre presente, não seria tempo, seria Eternidade.”

Segundo Einstein, o tempo deve ser associado à realidade. O espaço é definido como a relação entre corpos ou eventos que coexistem, temporariamente. Com base nas análises da experiência da escola de pensamento de Einstein, a formação de conceitos de tempo e espaço não fornece nenhuma prova para confirmar a realidade do espaço e a realidade do tempo. O tempo e o espaço são relativos um ao outro e relativos ao que existe realmente, aos acontecimentos e processos físicos e aos fatos mentais. Isto é a relatividade.

A Teoria da Relatividade inicia, então, pesquisas vãs para tentar demonstrar que a Terra, no éter, exercia influência na velocidade da luz. O movimento no éter não é acelerado ou retardado pelo éter. A fonte de luz ou seu movimento nada tem com a velocidade da luz. Tem sido impossível detectar um movimento uniforme relativo ao éter.

Newton, que descobriu a lei da gravidade, dizia que uma maçã cai no solo com uma velocidade uniforme de 9,7536 metros por segundo. Representantes da filosofia do tempo e do espaço colocam a questão da seguinte maneira: “suponhamos que um minúsculo ser humano esteja sentado na maçã de Newton no instante em que ela cai; será que o minúsculo ser humano sabe que a maçã cai?” Provavelmente, ele diria que a maçã não se movera e que a terra é

que veio a ela. Isto faz ressurgir a velha questão: o trem vai para a estação ou a estação vai para o trem? Não vamos mais adiante nas complexidades abstratas desta questão, mas a resposta é que os dois são justos; ou seja, o trem vai para a estação e a estação vai para o trem. É inteiramente um ponto de vista do observador em função de sua posição no tempo e no espaço.

Há poucos casos de inércia – se verdadeiramente existem – na Teoria da Relatividade de Einstein. Ele acha que tudo o que existe está em movimento. Esta teoria leva não só ao conceito metafísico de mudança, como, também, à teoria de que tudo é energia e que a matéria se desintegra ou se integra pela energia. A relatividade reduz tudo a relações, o que quer dizer, à estrutura e não ao material.

O mundo de três dimensões, construído por Euclides, não é mais verídico para nós. Foi substituído pelo universo espaço-tempo de quatro dimensões. Para Newton, o espaço e o tempo eram conceitos independentes, mas este princípio não é mais aceitável. Embora o espaço pareça ser uma condição fixa, nós podemos nos deslocar à vontade nele. Onde formos, veremos que as propriedades do espaço são sempre as mesmas e inalteráveis; que nós nos movimentamos ou que permanecemos imóveis. Por outro lado, o tempo é essencialmente uma condição de movimento e nós devemos, forçosamente, nos movimentar nele. Se o espaço é dimensional, ele pode ser medido, mas o tempo é, essencialmente, de uma dimensão e de tal modo, que as “horas-quadradas” ou os “minutos cúbicos” não têm sentido para nós. Nenhuma conexão pode ser feita entre as medidas do espaço e do tempo. Por exemplo, quantos metros fazem uma hora?

FORJANDO NOVAMENTE AS IDÉIAS

Se nós seguirmos os postulados de Einstein sobre a relatividade, devemos “reforjar” nossas idéias sobre o tempo e espaço de maneira fantástica. Que fez ele dos velhos conceitos fundamentais? Introduziu uma correlação ou um liame entre o que sempre foi considerado idéias distintas e separadas. Ele afirmou que, quando nós nos deslocamos, nas propriedades geométricas do espaço, outros objetos no espaço são mudados em função da rapidez do deslocamento do observador que liga, assim, o tempo ao espaço. Ele afirma que o curso do tempo que sempre foi considerado invariável, mudará com o deslocamento do observador, ligando de novo o tempo ao espaço.

Einstein dá um exemplo clássico. Suponhamos que, com instrumentos para medir o espaço e o tempo, nós estivéssemos situados em uma plataforma que acreditamos estar imóvel. Se não existirem outros objetos físicos à vista, nós não podemos estar seguros de que permanecemos no lugar ou que nós nos movemos. Suponhamos, agora, que nós observamos uma outra plataforma semelhante à nossa; depois de ter notado, com atenção, o deslocamento relativo das respectivas plataformas, nós podemos ter a impressão de que nossa plataforma é imóvel e atribuir o deslocamento à outra. Einstein afirma que, se somente existem essas duas plataformas, talvez possamos observar estranhos acontecimentos. Se um círculo está pintado no lado da outra plataforma, que se desloca com grande velocidade, (e se a velocidade é suficientemente grande) o círculo sobre a plataforma móvel parecerá ter a forma de eclipse com seu pequeno diâmetro na direção do deslocamento. A extensão

deste encolhimento dependerá da velocidade com que a plataforma se deslocar.

Quando a velocidade da plataforma alcançar a da luz, o círculo se achatará completamente em uma linha reta com seu diâmetro perpendicular à direção do deslocamento. Um observador que estiver na plataforma não ficará consciente do achatamento do círculo na direção do deslocamento da plataforma. Esta é tudo o que ela transporta, inclusive os observadores, tomam parte no encolhimento, informa Einstein. Mesmo o metro do passageiro sobre a plataforma móvel não estará isento disso.

Se for colocado ao longo do diâmetro deste círculo que é perpendicular à linha de deslocamento, o metro marcará, talvez, 0,25m. Colocado ao longo do diâmetro mais curto, o metro, tendo encolhido na mesma proporção, terá, aparentemente, o mesmo comprimento de antes, e o passageiro da plataforma móvel não terá idéia daquilo que nós poderíamos observar de nossa plataforma estacionada. De fato, ele poderia supor, com razão, que ele próprio é imóvel, e atribuir o deslocamento à nossa plataforma. E como nossa plataforma tinha um círculo pintado em um de seus lados, ele parecerá achatado ao passageiro e não a nós.

Com relação a este exemplo hipotético, diz-se que um pêndulo sobre a plataforma móvel apresentará, para nós e não para o homem que se encontra na outra plataforma, um desempenho excêntrico. Se a outra plataforma parasse diante de nós, durante um tempo suficientemente longo para comparar os relógios, perceber-se-ia que elas são exatamente semelhantes. Com a outra plataforma em movimento, o outro relógio parecerá lento em relação à nossa.

Por outro lado, se nós nos deslocarmos e se o passageiro da outra plataforma pudesse observar um relógio em nossa plataforma, perceberia que nosso relógio é mais lento que o seu. Como um paradoxo, o relógio de "A" parecia mais lento que o de "B", enquanto que, ao mesmo tempo, o relógio de "B" parecia mais lento que o de "A". Segundo Einstein, os dois podem estar exatos. Tudo depende do ponto de vista. Se a rapidez do relógio que se desloca é alterada por seu movimento, é óbvio que ela não mudou por causa do deslocamento da plataforma. O deslocamento não interfere no funcionamento do pêndulo de um relógio. Einstein pensou em algo mais profundo e mais abstruso, e responde que o fluxo do próprio tempo mudou pelo deslocamento da plataforma e que o relógio executa sua função normal colocando-se no ritmo da marcha do tempo, modificada.

Uma outra ilustração, embora imperfeita, pode auxiliar a esclarecer este fato. Suponhamos que viajamos de trem de Nova Iorque a São Francisco. Em determinadas zonas de tempo, ao longo do percurso, ser-nos-á necessário atrasar uma hora em nosso relógio. Outra maneira menos prática mas muito mais elegante no plano matemático, será mudar a rapidez de nosso relógio antes de começar nossa viagem, a fim de que ele indique o tempo correto quando atravessarmos cada zona de tempo. Modificações menos freqüentes serão necessárias, certamente, em um trem lento.

Se fizermos com que nosso relógio compense as diferentes zonas de tempo, seu avanço dependerá da velocidade do trem. Einstein afirma que conceitos semelhantes se aplicam a todo sistema em movimento e que o relógio, em

tal sistema, irá menos depressa na medida em que o sistema for mais rápido.

Tais afirmativas enfrentam, naturalmente, a incredulidade geral. Pode-se, honestamente, perguntar: “qual é a evidência?” E Einstein responde: “Sua memória volta trinta ou quarenta anos atrás? ou você não leu que a teoria física era contraditória, no início do século?” Ele faz referência à dificuldade que surgia como consequência dos resultados negativos das teorias de outras pessoas sobre a materialidade, o tempo e o espaço, e a realidade.

Vejamos outra ilustração deste problema no tempo abstrato. Se nós estivermos em uma tábua imóvel, ancorada em determinada posição no momento de uma precipitação de grandes ondas, será impossível determinar a velocidade das vagas cronometrando sua passagem pela extensão de nosso barco. Se nosso barco singrava na mesma direção das vagas, a velocidade aparente das vagas, em relação ao barco, seria diminuída. Esta velocidade alcançaria o ponto zero quando o barco atingisse a mesma velocidade das vagas. Por outro lado, se o barco fosse colocado em movimento na direção oposta, a velocidade aparente das vagas seria aumentada. Se, com a mesma velocidade, o barco se deslocasse em círculo, a velocidade aparente das vagas mudaria periodicamente. A velocidade do barco poderia ser determinada pela magnitude desta flutuação.

Os astrônomos informam que a Terra se movimenta ao redor do Sol em uma órbita quase circular, a uma velocidade de cerca de 30 quilômetros e meio por segundo e que ondas de luz procedente das estrelas se espalham pela órbita em uma constante “maré”.

Foi sugerido que a analogia do barco e das vagas, talvez pudesse controlar o movimento da Terra na ocasião das experiências sobre a velocidade da luz. A velocidade do movimento da Terra em sua órbita é de cerca de 1/10:000 da velocidade da luz. Há métodos de precisão suficiente para se observar um efeito de magnitude desta ordem. Curiosamente, os conhecimentos da Física atual fazem com que esta analogia não mais exista. Os resultados das experiências foram negativos. A brecha ficava entre a mecânica e a ótica. Percebeu-se que, enquanto a velocidade das vagas mudava como devia com a velocidade do observador, a velocidade da luz das estrelas não parecia estar afetada por tal movimento. O desaparecimento da analogia entre a mecânica e a ótica introduziu uma linha divisória nas ciências físicas.

AS TRÊS LEIS

A tendência geral do pensamento científico, desde a época de Newton, foi no sentido de suprimir linhas duras que indicam as diferenças de formas e substituí-las por diferenças de grau. A tendência científica atual busca uma explicação fundamental para todos os fenômenos. Foi Kepler que, por seus estudos sobre planetas, descobriu as três leis, bastante conhecidas, que regem seus deslocamentos. Para Kepler, estas leis eram empiricamente separadas e resultantes de observações. Newton tentou demonstrar que estas três leis eram a consequência matemática de uma lei geral, a da gravidade. Faraday provou que a eletricidade e o magnetismo estavam intimamente ligados. Mayer e outros revelaram a equivalência do calor e do trabalho. Segundo Maxwell, a luz estava em correlação com a eletricidade e o magnetismo. Mesmo no início do século XX,

grandes cientistas chegaram à conclusão de que fenômenos físicos de toda a espécie formam uma vasta correlação, governada por uma única lei, em larga escala e ainda desconhecida. A gravitação só resiste às tentativas de ajustá-la ou ligá-la a um outro fenômeno.

Durante algum tempo, Einstein concentrou seu trabalho no problema da mecânica e da ótica e achou necessário mudar as idéias fundamentais concernentes ao tempo e espaço. A prova que submeteu explica fatos conhecidos e faz desaparecer as dificuldades. Entretanto, este grande físico não teve ilusões. Acreditava que nenhuma experiência poderia provar que ele tinha razão, e que era bem possível que uma simples experiência revolucionária provasse que ele estava enganado, não importando em que momento. Seu propósito foi o de estabelecer a ordem, e partindo da confusão. Einstein tentou demonstrar todas as leis da natureza como sendo atributos especiais ou princípios de uma única e mesma lei. A este respeito, as palavras de Tennyson são evocadoras, “uma lei, um elemento e um evento divino, distante, do qual provém toda a criação”.

Uma corrente de pensamento expressa que o tempo é a quarta dimensão do espaço. Entretanto, em verdade, o tempo não é uma dimensão do espaço. O tempo real é a continuidade na sucessão dos acontecimentos, enquanto o espaço é a extensão ou a coexistência de fatos simultâneos que parecem ter extensão. A aparente amplidão do espaço nada tem a ver com suas possíveis limitações. Nós não sabemos que o espaço é limitado e, portanto, finito. Até agora, conhecemos somente coisas que parecem existir no espaço. Tem nos sido dito que o espaço é, talvez, uma

ramificação de distâncias/distâncias entre centros de energia que se deslocam.

O tempo é uma coisa indefinida, indeterminada. Não pode ser definido. Seria contraditório pensar no tempo com um início e um fim porque isto significaria a existência de um tempo antes que o tempo começasse e que haveria um tempo depois que o tempo cessasse de existir. Nenhum sentido real pode ser ligado à idéia de eternidade pois que a realidade é um processo. Se o tempo cessasse subitamente, a realidade cessaria, nada existiria, e a eternidade não teria qualquer realidade no tempo.

Partindo de rígidas concepções mecânicas, a ciência moderna aproxima-se, progressivamente, do ponto de vista Rosacruz, de que toda matéria está em constante mudança. Como dizia Heráclito: “tudo é um vir-a-ser”. Literalmente, a matéria provém e retorna ao insondável mar de energia que a ciência chama campo de forças, ou espaço. O espaço é considerado uma continuidade com três dimensões perpendiculares, mas as dimensões devem ser curvas porque os raios de luz e todos os dados de observações possíveis a respeito encerram apenas linhas curvas. Geometricamente, uma linha reta é uma impossibilidade. Não podemos imaginar o espaço como um conjunto de linhas retas, uma concepção muito artificial e mecânica, o que só é possível de fato, por certas fórmulas matemáticas.

Em conclusão, pensamos que o tempo pode ser concebido como uma transcendente cadeia de acontecimentos, de vidas e de matérias. O tempo corre ao longo destas coisas como um rio corre em seu leito ao longo das árvores. A isto podemos acrescentar que a matéria ou o acontecimen-

to (fato) é uma coincidência de vibrações, dependente de posições vibratórias. As posições das vibrações coincidem com as combinações de vibrações causativas e se manifestam como um fato ou séries de fatos. Em verdade, o tempo nada mais é do que o resultado causado por sucessivas alterações ou vibrações transformadas em energia.

Na física abstrata, nós consideramos a matéria como uma série de fatos com retornos periódicos mais curtos do que os mínimos intervalos que podemos perceber. Fora da medida relativa de frequências vibratórias, o tempo não tem existência. A evidência científica suporta a controvérsia de que as vibrações são, primeiramente, responsáveis pela existência de manifestações da matéria e da energia.

Este princípio será concretizado finalmente, por fórmulas matemáticas. No *tempo*, tudo é relativo. O único tempo de que somos conscientes é o presente, que é nossa tomada de consciência do momento que era o futuro e, agora, é o passado.

**UM EPISÓDIO HERÓICO E SANGRENTO DA
ESPIRITUALIDADE FRANCESA**

por

Jeanne Guesdon, F.R.C.

UM EPISÓDIO HERÓICO E SANGRENTO DA ESPIRITUALIDADE FRANCESA

A civilização ocidental teria tido outra orientação e a face do mundo teria sido mudada se o Catarismo não tivesse sido sufocado; Jeanne Guesdon, neste substancial estudo, coloca exatamente este problema. Ela esboça com traços precisos o que foi o Catarismo e dele deduz uma lição aplicada à nossa conturbada época. Trata-se de um texto para ler, reler e meditar.

Tem-se falado muito e muita tinta tem sido gasta a respeito dos místicos Cátaros; tem-se debruçado sobre sua história, sua origem provável e suas relações com outras seitas ditas “heréticas”. Alguns textos históricos, entretanto, oferecem-nos ensinamentos dignos de fé, o que podemos encontrar, também, entre os escrivãos que são autoridade nestas questões de acontecimentos medievais; assim, os relatórios da Inquisição, interpretados inteligentemente, esclarecem-nos a respeito da história destes místicos.

Foram descobertos rituais de iniciação e de cerimônias em um manuscrito conservado nos arquivos da cidade de Lion, um manuscrito do Novo Testamento, no qual eram

baseados os ritos cátaros e um evangelho apócrifo segundo São João, mais geralmente conhecido sob o nome de “Cena Secreta”, com detalhes sobre algumas de suas cerimônias e de suas orações. Foram encontrados, também, interessantes detalhes nas obras de R. Sacchoni, Bispo cátaro que, mais tarde, abandonou sua antiga fé para se tornar Inquisidor.

Estudando e comparando esses diversos textos com os que foram depositados na Biblioteca de Lion, alguma luz pode clarear a vida e a doutrina destes místicos.

MANÉS E SEUS ENSINAMENTOS

Suas tradições remontam à época de Manés, que viveu na Pérsia no 3º século de nossa era. Ele havia estudado o budismo e a filosofia caldéia e se debruçou, igualmente, sobre os mistérios das escolas egípcias. Converteu-se, mais tarde, ao cristianismo e adquiriu amplos conhecimentos de diversas fontes espirituais; fez uma síntese na qual baseou seus ensinamentos, tentando por vias diversas alcançar a grande Verdade Universal. Seus discípulos, os maniqueístas, difundiram sua doutrina que, por sua vez, era baseada no espírito de renúncia das religiões orientais e na grande lei do Amor e da Compaixão, de inspiração cristã.

Foram descobertos interessantes documentos pouco antes da guerra de 1914, no Turquestão e na China; e foram encontrados, também, em Fayoum, no Egito, escritos de Manés e de seus discípulos. Alguns destes documentos escaparam da destruição pelo fogo, quando os discípulos de Manés foram perseguidos. Estes últimos, do Oriente, foram para a Europa e, particularmente, para a Bulgária; segundo alguns autores, foi daí que seus ensinamentos pene-

traram na Itália e, mais tarde, em um amplo movimento de extensão para o Ocidente na França, encontramos, no fim do século XI, os discípulos de Manés, agora denominados os *Cátaros*, do grego *Katharos*: puro.

Eles acreditavam em um Deus único mas admitiam a existência de dois princípios opostos, cuja manifestação aparecia na matéria: a luz e a sombra, o bem e o mal, ou, ainda, o princípio construtivo e positivo, ao qual se opõe o princípio destrutivo; este último era o diabo da doutrina católica.

Pela matéria, o princípio divino no homem, isto é, sua alma, é mergulhada nas trevas de onde, dolorosamente, deve emergir em busca da salvação, através de sucessivas reencarnações nesta Terra; pelo sofrimento, pela prática da caridade e do amor, a alma deve libertar-se da ilusão da matéria e, deixando as Trevas, unir-se à divina Luz, ao princípio Primeiro, a seu Criador.

No ritual dos cátaros, pode-se encontrar a chancela da fonte cristã de seus conhecimentos; verificar que suas baladas e canções contêm, indiscutivelmente, a marca da influência budista. Por sua vez, seus cantos e seus romances exerceram, provavelmente, uma grande influência no desenvolvimento intelectual e literário da época, e sobre a delicada inspiração poética dos trovadores.

É pelas iniciações que os cátaros auxiliaram o lento e progressivo desenvolvimento da alma de seus discípulos; mas estes, para se tornarem dignos, deviam purificar-se por uma ascese gradativa, pelo jejum, pela abstinência, por um desejo sincero de perfeição; a pobreza era, igualmente,

considerada um meio de liberação dos entraves da matéria. Para eles, o inferno não existia; o domínio de Satã estava na terra; e o fogo das regiões inferiores, os Poderes das Trevas, não eram senão os sofrimentos deste mundo, aqui e agora, e não em uma outra vida. Pelas tribulações desta vida terrestre as almas dos homens podiam ser redimidas e salvas.

OS PERFEITOS

Seus ensinamentos não eram dogmáticos: o trabalho dos ministros cátaros não consistia em IMPOR uma fé cega, mas em CONVENCER os fiéis pela persuasão e, mais ainda, pelo exemplo vivo de sua pureza e de sua probidade. Alguns, dentre eles, haviam atingido um alto grau de espiritualidade e eram chamados os “Perfeitos”, ou os “Puros”. Esses deviam ser os ministros, mas existiam naturalmente, fiéis mais humildes trabalhando e orando, sob a direção dos Perfeitos que os instruíam e os guiavam, pouco a pouco, para o conhecimento espiritual. A libertação da alma das cadeias da matéria e o amor do próximo (em uma palavra, a fraternidade) constituíam as bases fundamentais de sua doutrina, além da “tri-unidade” da constituição do homem.

Seus chefes entregavam-se ao estudo da filosofia e, geralmente, estavam matriculados em universidades, onde tomaram parte ativa em todas as discussões e controvérsias que podiam iluminá-los. Mas o ensino acadêmico não era sua única fonte de conhecimento: pela concentração e pela meditação, eles tentavam comunicar-se com as forças divinas, com a consciência de Cristo. Com este propósito, eles

praticaram o jejum antes das iniciações; e freqüentemente, depois, ou, até mesmo, antes das grandes festas religiosas.

ALGUNS RITOS CÁTAROS

Uma das particularidades dos ritos cátaros consistia na imposição das mãos, que é chamada “Consolação”, ou mais comumente, “Consolamentum” e que, em certos casos, era considerada como um batismo, pois eles não reconheciam a eficácia da água batismal ou do sacramento tal como fora instituído por João Batista; não existia para eles senão um único tipo de batismo, o do Espírito, como Jesus recebeu.

Era a única maneira de receber, em si, o Espírito Divino da Vida, a Radiação Cósmica penetrando a alma do homem, que assim operava a transmutação alquímica de elementos grosseiros da matéria.

Este sacramento era considerado um meio de redenção e, ao mesmo tempo, uma consagração do estado de pureza, alcançado pelo discípulo após um longo período de jejum e de meditações. O ministro, pela imposição das mãos no discípulo, colocava-o em contato com a Consciência Cósmica, com o Espírito de Deus.

Este rito era igualmente praticado com os moribundos, para auxiliar a alma em sua passagem para o astral. Neste caso, o Consolamentum podia igualmente ser dado por um membro da família, ou por uma mulher, com a condição de que ele ou ela tenha recebido o sacramento, ou, em outras palavras, que o mediador, de qualquer sexo, devia ser plena e espiritualmente qualificado para o conceder ao moribundo.

A ordenação era igualmente conferida pelo Consolamentum, mesmo por mulheres, que eram chamadas diaconizas. Cada comunidade de cátaros cristãos tinha, pelo menos, uma diaconiza.

Os cátaros eram individualistas e não concebiam que houvesse outro caminho de evolução além de trabalho e do esforço pessoal, com o que, aliás, estamos plenamente de acordo, porque a evolução é impossível se não se tiver em si a aspiração. Qualquer que seja a situação social, a mesma consideração era dispensada a todos, do mais humilde trabalhador até seus Bispos; as únicas coisas que importavam eram a pureza e a perfeição; o mais modesto neófito, pois, podia aspirar ao mais alto desenvolvimento espiritual, à comunhão divina ou ao êxtase e até mesmo à “Visão”.

A PROPÓSITO DO CASAMENTO

As crenças no que concerne ao casamento foram particularmente desvirtuadas, tanto pelos falsos relatórios como pela malevolência ou incompreensão de seus adversários; supôs-se que eles se levantaram contra esta instituição, que pregavam a abstinência e o celibato, e isto não estava nada de acordo com sua fé na reencarnação; de fato, como o homem poderia retornar a esta Terra, se o casamento e a família eram condenáveis? É verdade que eles recomendavam o celibato, mas somente para os Perfeitos, isto é, somente para aqueles que haviam atingido um certo grau de pureza e como meio de se libertar do cárcere dos sentidos assim como para reduzir seu carma de reencarnação; mas admitiam, perfeitamente, a necessidade do casamento para aqueles que deviam viver no mundo; para eles, o único sacramento válido neste caso era a união de duas almas; o

que eles condenavam não era o casamento propriamente dito, mas a licenciosidade que ele poderia encobrir.

A autorização a pessoas casadas que recebiam o Consolamentum podia ser dada não só ao marido ou à mulher conforme o caso; podia, também, romper o laço matrimonial, a fim de tornar possível a total consagração (e a purificação) a um ascetismo total.

Era tal sua probidade, que a palavra dada bastava para qualquer compromisso, e eles não admitiam a necessidade de fazer juramentos, o que estava de perfeito acordo com o espírito do segundo e do oitavo mandamentos.

EM FRANÇA

No sul da França, onde a mistura de raças tendia a formar individualidades fortes e independentes, os cátaros encontraram terreno propício à difusão de seus ensinamentos, imprimindo, assim, sua marca nestas ardentes e curiosas personalidades; a soma de seus conhecimentos foi, então, traduzida em língua “d’oc”. Toda esta região estava ainda impregnada do refinamento da antiga civilização romana; os nobres e os cavaleiros, os condes de Toulouse e os Senhores de Béziers, de Foix, eram letrados; e os próprios burgueses eram pessoas de grande cultura. Esclarmonde de Foix, figura romântica da lenda medieval, irmã de Roger Bernard, conde de Foix, havia sido iniciada na fé cátara; também Philippa, esposa de Raymond Roger, outro Senhor de Foix. Raymond VI de Toulouse, embora não tenha adotado sua doutrina, favorecia-a abertamente, muitas vezes, até mesmo contra o clero católico.

É possível que, vindo do Oriente, de Jerusalém, os peregrinos tenham facilitado direta ou indiretamente a difusão da doutrina cátara, tanto na França como na Itália. Os primeiros grandes centros, no sul da França, foram estabelecidos em Montpellier, Béziers e Narbonne; daí, atravessando os Pirineus, eles se estenderam até a Espanha. Mais tarde, escolheram Toulouse para quartel general e tiveram inúmeros bispos em Albi; aliás, foi dessa cidade que lhes adveio o qualificativo de albigenses que se lhes ajustava tão bem como os de cátaros. Este nome ficou ligado às terríveis perseguições que sofreram em inúmeras cidades como Béziers, Carcassonne, Agen e Montségur.

A perfeita pureza da vida dos cátaros oferecia um contraste com os extremos abusos que grassavam nessa época, mesmo entre os membros do clero, onde a simonia era moeda corrente; enquanto os cátaros se consagravam inteiramente ao bem do povo, cuidando e curando os doentes, os ministros do culto vendiam os sacramentos e se comportavam como mercadores do templo.

Vemos, assim, de um lado, pessoas (homens e mulheres) conformando-se o mais possível com um código de vida perfeitamente cristã, renomados tecelões, agricultores, médicos e educadores devotados; de outro, encontramos a corrupção e o materialismo. Além disso, os prelados de Roma eram, freqüentemente, senhores temporais, donos de grandes riquezas e proprietários de domínios consideráveis, que se preocupavam mais com o poder e o bem próprio do que com o do povo e sua saúde espiritual, muito mais também com questões políticas do que com a defesa da Igreja. Não é, pois, surpreendente, que toda a simpatia do povo fosse dirigida aos cátaros; a corrupção de uma grande parte

do clero, afastava-o da Igreja católica. De outro lado, havia uma hostilidade franca entre o clero e os barões, estes últimos preferindo levar auxílio àqueles cuja extrema pureza de vida, e o profundo desinteresse, lhes inspiravam respeito.

Os albigenses, ou cátaros, estavam, social e espiritualmente falando, adiantados de muitos séculos em seu tempo. A popularidade de Guilbert de Castres, um de seus mais célebres pregadores, foi para a Igreja uma fonte de perturbações graves no início do século XIII; ele censurava energeticamente a corrupção dos chefes espirituais autorizados; para os cátaros, de fato, um ministro indigno não tinha nenhum direito a seu ministério; a seus olhos, o título não era nada; consideravam o valor intrínseco do indivíduo, se o mais humilde trabalhador fosse probo e de nível espiritual elevado estaria mais qualificado para ser ministro do culto do que aquele que simplesmente fora ordenado Padre, pois que, como dissemos, a ordenação não contava para eles. Esta maneira de ver constituía, assim, um ataque ao dogma romano; a própria simplicidade de sua vida e seu desinteresse eram considerados sintomas revolucionários e seus ensinamentos, perigosa heresia. E o fato de seguir a doutrina de Manés, cujos discípulos foram mais ou menos perseguidores, parecia um pretexto suficiente para as Cruzadas e as perseguições que foram dirigidas contra eles.

A HOSTILIDADE ROMANA

Empregando contra os cátaros medidas coercitivas, o Papa Inocêncio III tentou convertê-los e com este propósito, enviou, para os persuadir, monges cistercienses, famosos por sua dialética; estes, segundo as regras extrema-

mente rígidas de sua Ordem, deviam viver na mais absoluta pobreza e seu ascetismo igualava o dos cátaros, as mesmas virtudes sendo postas em prática nos dois grupos. Entretanto, qualquer que fosse o modo de persuasão de tão dignos adversários, a fé dos albigenses em sua doutrina era profunda e sincera demais para ser abandonada; ela não podia ser atacada pela fria razão, pela dialética e, como a de um Jacob Boehme, por exemplo, ela não tinha sua fonte original em um saber livresco, mas no coração; e era no coração que eles punham uma tão grande força de resistência.

Embora não possamos calcular, detalhadamente, as perseguições que tiveram de sofrer, alguns episódios, entre os mais impressionantes, ajudarão a lançar alguma luz em sua história. Ao fim do XII século, eles foram condenados por um concílio realizado em Toulouse e o Papa solicitou o auxílio dos senhores do sul da França para a luta que foi encetada contra eles, prometendo uma indulgência plenária como recompensa, e as autoridades eclesiásticas os acusaram de anátemas, de heréticos. Ao mesmo tempo em que Inocêncio III solicitava o auxílio dos príncipes e dos senhores, escrevia também aos arcebispos da região, numa tentativa de estimular-lhes o zelo. Seu legado, Pierre de Castelnau, não conseguindo convencer Raymond VI de Toulouse a levá-lo a lutar, juntamente com a Igreja, contra os heréticos, pelos quais Raymond tinha uma forte simpatia, excomungou-o e o Papa confirmou a sentença em termos tão enérgicos e violentos que Raymond se submeteu. Mas esta submissão era fingida, e depois de uma tempestuosa controvérsia em Saint Gilles, Pierre de Castelnau o excomungou de novo. Algum tempo depois, em janeiro de 1208, o legado foi morto e, segundo alguns relatos históri-

cos, ele morreu nas mãos de um dos servidores de Raymond VI. Inocêncio III chamou o rei de França, Philippe – Auguste, e pediu “aos barões do Norte para virem lutar contra os barões do Sul”. Philippe recusou e Inocêncio III começou a Cruzada com a única ajuda dos senhores do norte aos quais também prometeu uma indulgência plenária, além da esperança com que acenava de ganhar novos Estados. Sob a terrível ameaça de invasão de seus domínios, Raymond viu-se forçado a concretizar sua submissão à Igreja e a separar-se dos outros senhores do Sul.

NORTE CONTRA SUL

De acordo com os relatos históricos, o exército dos cruzados era composto de 20.000 cavaleiros e 200.000 cidadãos. Embora os senhores do sul que lutavam a favor dos cátaros tivessem tido sob suas ordens cerca de 100.000 homens, a luta era desigual, portanto, não era de se admirar que Raymond VI, caráter irresoluto, se submetesse uma vez mais ao poder de Roma. Duvidando de sua sinceridade, o Papa estava muito feliz por enfraquecer seus adversários e, no momento, contentava-se em separar Raymond dos outros senhores.

O poderoso exército dos cruzados perseguia os reformadores que, sob a conduta de Raymond Roger, visconde de Béziers, refugiaram-se nessa cidade; mas, a despeito de seus corajosos esforços, Béziers e, pouco mais tarde, Carcassone, foram presos e despojados.

MASSACRES

Antes da carnificina, os vencedores haviam perguntado ao Abade de Citeaux como poderiam distinguir os albi-

genses dos outros habitantes. “Matai-os todos”, replicou o abade, “Deus reconhecerá os seus. . .”

“Verificou-se, então”, escreveu um autor anônimo, “o maior massacre de todos os tempos; não foram poupados jovens nem velhos e nem mesmo as criancinhas de peito; todos foram exterminados. Vendo este morticínio, os habitantes se refugiaram na grande igreja de São Nazário. Os Padres deviam tocar os sinos quando todos os heréticos estivessem mortos. . . Mas jamais se ouviu os sinos tocarem, porque nem os Padres nem os clérigos foram deixados com vida, foram todos passados pelo fio da espada; ninguém escapou. A cidade foi saqueada e, depois, inteiramente queimada; nenhuma criatura foi deixada com vida.”

Era esse o espírito que animava os cruzados e tais foram os crimes perpetrados em nome da religião e de Deus. E entretanto, alguns dos que perseguiram os considerados heréticos eram de boa fé e sinceros em sua crença; os monges de Citeaux, os cistercienses, revelavam uma sinceridade perfeita na prática de seu culto; mesmo St. Dominique, cujo ascetismo podia ser comparado ao de seus próprios inimigos.

Esta é uma das conseqüências da intolerância, quando Forças das Trevas, por seus sutis artifícios, cegavam com falsos raciocínios e pela incompreensão, os que acreditavam na própria virtude. Se as lutas ideológicas mudaram o tema – luta-se menos em nome da religião e Deus parece, mesmo, ignorado por alguns – elas não são menos acirradas e os massacres da Idade Média não podem ser comparados com estes da era atômica, de nossa dita civilização.

Não é sempre o orgulho que arruina os homens; que os arma uns contra os outros?

Durante as Cruzadas, a sorte mudava constantemente de lado; alguns cátaros conseguiram escapar das cidades conquistadas; com o auxílio do povo e dos senhores, que se revoltavam contra o cruel fanatismo da Inquisição, alguns dentre eles ficaram escondidos durante muito tempo e eles chegaram, mesmo, a fazer prosélitos. Este estado de coisas durou até o sítio da formidável cidadela de Montségur.

A TRAGÉDIA DE MONTSÉGUR

Montségur era um antigo lugar de orações; pode-se dizer, um Templo erigido ao Sol, muitos séculos antes da era cristã; na Idade Média, o castelo tornou-se a fortaleza onde os cátaros lutaram em sua derradeira batalha.

Desde 1209, Raymond de Perelha, senhor de Montségur, nele abrigava os refugiados antes das fases cruciais das grandes Cruzadas. E, em 1232, recebeu, nesse local, Guilabert de Castres com muitos outros chefes cátaros; Montségur tornou-se, então, o coração da Igreja Cátara e ao fim das Cruzadas foi o último lugar forte, quando Raymond VII, que havia sucedido seu pai no condado de Toulouse, concordou, sob a influência de Blanche de Castille, em auxiliar a luta contra os últimos cátaros e destruir seu refúgio final. Em março de 1244, 205 cátaros e seu Bispo foram queimados vivos.

A partir desta época, alguns cátaros sobreviventes refugiaram-se nas grutas ou nas cavernas; outros emigraram para o norte da Itália. Tais foram os horrores da Inquisição

e, em muitos lugares, o povo se rebelou contra o fanático domínio de certos Padres. Durante alguns anos, no final do século XIII e sob a regência de P. Autier, alguns cátaros estavam bem, mas em 1309, Autier foi morto e seu último ministro conhecido, Belibaste, foi queimado em 1321; depois disso, os albigenses fugiram e se esconderam na selva-gem região de Sabarthez, onde todos estavam desaparecidos, seja por terem sido mortos, seja por terem fugido para outro país.

UMA DOUTRINA ADMIRÁVEL

Na verdade, a fé dos cátaros era de tão grande intensidade que podia ser comparada com a dos primeiros mártires do cristianismo. Sua doutrina era verdadeiramente calcada no mais puro espírito do primitivo ideal cristão, antes de ter sido desvirtuado pelo fogo com a mesma coragem que os mártires do tempo do império romano. E, entretanto, suas crenças foram a tal ponto desfiguradas pelos inquisidores que eles foram acusados de pregar o suicídio como um ato desejável.

Em alguns casos, eles se submetiam voluntariamente ao que chamavam “endura”, fosse antes de receber o sacramento do Consolamentum, fosse quando eram aprisionados. No primeiro caso, o “endura” era um jejum muito rigoroso, que ninguém praticava com a idéia de cometer o suicídio mas como meio de libertação contra a prisão dos sentidos; no segundo caso (isto é, quando foram aprisionados), eles o realizavam (o jejum) com o propósito de escapar às torturas da Inquisição ou da morte pelo fogo; então, deixavam-se morrer de fome.

Todas as épocas tiveram seu contraste de Luzes e Trevas; no meio dos abusos desenfreados da Roma degenerada, apareceu no mundo a grande Estrela de Luz, de Compaixão e de Amor: Jesus; no período sombrio da época medieval, da mais humilde maneira, os esforços sinceros dos cátaros para a liberação do espírito mostraram o caminho para a pura espiritualidade, afirmando, também, por mais intransponíveis que pareciam os obstáculos, que os processos da evolução contínua são inelutável movimento através dos tempos.

Cada ação tem sua reação, e o poder dos Papas, depois destas sangrentas lutas, foi grandemente enfraquecido; como consequência da violência cruel do fanatismo dos Inquisidores, de suas perseguições aos que a isso se opunham, as populações dos países ocidentais rejeitaram a autoridade espiritual da Igreja.

Em conclusão, cremos poder acrescentar (se bem que parecem ter desaparecido completamente) que sobram ainda vestígios dos cátaros; que eles têm, ainda, fiéis admiradores e que seus ensinamentos e sua doutrina foram conservados em segredo. Os cátaros foram, na verdade, considerados os precursores dos Templários e se nós compararmos suas tradições com as dos Rosacruz, constatamos que elas são baseadas nas mesmas verdades fundamentais, em uma ardente aspiração pelas coisas do Espírito e em uma verdadeira e real compreensão do destino final do homem.

IDEALISMO PRÁTICO

por

Raymund Andrea, F.R.C.

REALISMO PRÁTICO

Sei que os leitores concordarão que uma das seções mais importantes da revista *O Rosacruz* é a reimpressão dos artigos do Dr. H. Spencer Lewis. É de se esperar que seus artigos sejam tão atuais, instrutivos e enlevantes quanto na primeira vez que apareceram, porque traslados da verdade, escritos sob direção ou inspiração Cósmica, jamais perdem sua força ou seu valor original. Tão certo quanto esses escritos tiveram valor inspirativo para aqueles que os leram anos atrás, terão também igual efeito sobre aqueles que os lerem hoje.

Existe uma qualidade inata em todos os escritos que se manifestam sob a influência do que eu chamaria de pressão da carga de emoção Cósmica depositada no escritor que é escolhido como mensageiro da verdade da vida interior. Esses escritos diferem fundamentalmente dos discursos de caráter científico e filosófico comuns. Estes têm um conteúdo acadêmico e informativo de natureza concreta, ao passo que aqueles têm uma qualidade comovente, inspiradora e duradoura que deixa o leitor com uma permanente impressão para o bem. Além disso, aqueles que leram esses escritos no passado, ao lê-los novamente após considerável

lapso de tempo, encontram uma riqueza de significados que não foi apreendida no primeiro estudo dos mesmos. Percebem possíveis aplicações das verdades ali enunciadas que antes não se lhes tornaram óbvias e, portanto, não lhes causaram profunda impressão.

O tipo de escrito a que estou me referindo tem uma qualidade oculta peculiar: não revelam todo o seu conteúdo de sabedoria e significados na primeira leitura. A mente pode entender, aquiescer e passar adiante, mas esses escritos não são simplesmente um alimento de pouca substância para a mente racional. Têm um objetivo bem mais profundo: o despertar de faculdades psíquicas e espirituais. Isto exige tempo, geralmente um tempo muito longo. Entretanto, o despertar continua se processando silenciosamente além das fronteiras da nossa vida mundana, e a maior prova que disso temos é a nova luz e a imediata resposta simpática que sentimos ao reler os ensinamentos daqueles que nos precederam no caminho da evolução.

Recentemente, tive oportunidade de me referir a observações feitas pelo Dr. Lewis desde 1920 sobre o trabalho dos graus superiores da Ordem Rosacruz, e a leitura dessas observações inspirou as reflexões acima. Dirigiu ele a mente à consideração do valor e possível força dos novos Membros que passam a fazer parte de algum Corpo Afiliado da Ordem, e ofereceu três pontos para séria reflexão por parte daqueles que exercem alguma função oficial num Corpo Afiliado. O Dr. Lewis não apenas dominava minuciosamente qualquer tema que tratasse, mas servia-se dessas minúcias de forma profética. Não é incomum que um erudito domine minuciosamente determinado assunto, mas sua apresentação em formas inesperadas e sua aplicação a

finalidades que inspiram o leitor a uma nova reflexão e nova maneira de agir são marcas de uma mente original. Portanto, ao ler esses três pontos que tratam dos novos Membros, escritos há mais de trinta anos, sua plena significação voltou a mim com força singular.

TRÊS PONTOS

O primeiro ponto enfatizado pelo Dr. Lewis era o seguinte: “Temos notado, freqüentes vezes, que auxílio inesperado, do mais inestimável valor provém dos novos Membros, espontaneamente ou sem qualquer sugestão. Em várias ocasiões, algum serviço ou auxílio que mudou completamente o panorama de algum grave problema de uma Loja ou da Ordem, adveio de um novo Membro, num momento em que não a esperança mas a *expectação* tinha quase terminado.”

Esta é em verdade uma confissão, feita com profunda seriedade e com profundo sentimento de gratidão, pois o Imperator pronunciou essas palavras numa época não muito distante do início dos trabalhos da Ordem Rosacruz na América, e ele ainda sentia o grande peso da responsabilidade da enorme tarefa que estava depositada principalmente nele mesmo. Sinto em suas palavras de agradecido reconhecimento o valor do novo Membro e o quanto aquele auxílio o reconfortou naqueles primórdios em que os Graus que tão bem conhecemos estavam sendo modelados e ajustados para uso internacional; alguns dos Graus iniciais acabavam de ser transmitidos aos Membros de Loja, enquanto os Graus superiores ainda estavam sendo preparados para os anos que se seguiriam.

Mas era um decreto cármico que quando o trabalho fosse lançado, de perto e de longe chegariam aqueles que em épocas passadas estiveram ligados à Ordem e ao próprio Imperator, e que, pelo conhecimento intuitivo de sua associação passada, outra vez se dedicariam e ofereceriam sua personalidade, seu prestígio e conhecimento, sua apreciação, seu amor e influência, como uma dádiva preciosa no altar de serviço à humanidade, que o Imperator havia proclamado com todo o fervor de um mensageiro da Hierarquia.

Não devemos deixar passar em branco as palavras: “...num momento em que não a esperança mas a *expectação* tinha quase terminado.” Elas traem a ansiedade secreta do mentor que, embora com toda a confiança que tinha em si e a autoridade que o apoiava, ainda reunia forças para o trabalho à sua frente e levantava os olhos, perguntando-se de onde proviria o auxílio necessário, embora prometido — quando parecia que, se esse auxílio não se materializasse, muita coisa ficaria por cumprir e o grande ideal acalentado com tanta devoção pereceria. Mas a promessa cumpriu-se, e cumpriu-se muitas vezes no decorrer dos anos, desde então. Mas o futuro é sempre incerto, e não importa o quanto luminoso e magnífico seja o ideal e o quanto de trabalho em sua direção já foi realizado, os olhos argutos, os pulsos firmes e as mentes proféticas devem estar sempre vigilantes, prontas para realizar e prever o amanhã, de modo que nada subtraia mas contribua para o templo, e suas ramificações e potências internacionais, que tanto acalentamos, preservamos, e por que tanto lutamos em tempos tão incertos.

O segundo ponto enunciado pelo Dr. Lewis é este: “Se-

rá que percebemos plenamente o vigoroso potencial latente no novo Membro? Isto não deve ser interpretado erroneamente no sentido de potencial financeiro.” É exatamente este ponto que alguns dos Membros mais antigos, às vezes, deixam, completamente, de ver. O novo Membro, demonstrando as necessárias qualificações, é, sem dúvida, recebido de braços abertos e com toda a cortesia, e depois deixado a sós para encontrar seu espaço e ajustar-se ao seu próprio modo da melhor forma que possa. Isto, até certo ponto, é bom; mas não é o suficiente.

O Membro antigo, que pode ser um oficial em seu Corpo Afiliado, está bem longe de ser como um capataz de uma fábrica que saúda o recém-chegado, indica seu trabalho, e o deixa sozinho. O novo Membro representa uma alma de valioso potencial, e o senso profético do oficial demonstrará seu principal ato de serviço ao compreender e avaliar o valor evolutivo do Membro em todos os planos de sua vida manifesta. Tenho visto muitos novos Membros entrarem na Ordem com tanta ansiedade e, não obstante, com tanta timidez em seus primeiros passos, a ponto de esconderem os sinais de qualquer progresso excepcional ou qualquer possibilidade de importante serviço que poderiam prestar, quando julgados pelos padrões de avaliação comuns; mas em pouco tempo o espírito do Cristo permeava tudo o que faziam, que eu tinha que agradecer ao Cósmico pela dádiva que nos concedeu. Alguns desses Membros já terminaram sua jornada e partiram para receber sua recompensa, mas sua memória sobrevive: a Ordem foi enriquecida por seus serviços; e seu espírito vive conosco como ativa inspiração e como certeza de que outros hão de vir com graças ocultas em seu coração e força em seus punhos para acrescentar novas pe-

dras ao templo que temos estado a construir e velar através dos anos.

O Dr. Lewis enxergava a alma no interior das pessoas. Eis por que ele não podia considerar um novo Membro simplesmente como um número. Ele tinha vivo interesse em *conhecer* o Membro, o tanto quanto possível, apesar da distância; e, ao entrar em contato pessoal com ele, logo percebia suas limitações e as possibilidades que cedo ou tarde viriam a se manifestar. Tratava as limitações com compaixão e humana sensibilidade pois antevia o esforço do coração e mente que seria necessário para superá-las, e as possibilidades amadureciam sob seu encorajamento e sábia orientação.

Será que vocês, meus irmãos, podem compreender o *quão poucos comparativamente existem, mesmo no campo de estudos a que nos dedicamos, que possuem essa rara capacidade de enxergar a alma das pessoas?* Existem muito poucos, de fato. Se fosse de outro modo, não testemunháramos a grande fileira de escolas, sociedades e cultos de diversos nomes, do Oriente e do Ocidente, e que exercem tão fraca influência no mundo de hoje a ponto de serem relativamente desconhecidas. Lembrando o que o Dr. Lewis costumava enfatizar em seus contatos com os Membros, e é isso que devemos enfatizar nos dias de hoje. Não posso fazer melhor do que citar as famosas palavras de Saint-Martin numa de suas cartas, que indicam o modo de adquirirmos a eminente graça da vidência necessária para cumprir com o nosso segundo ponto. Pois, ao nos propor essa questão, nossa atitude para com os novos Membros, o Dr. Lewis nela dissimulava, em sua forma mais simples, um desafio a nós dirigido. Esse desafio: “Que capacidades

desenvolvemos nós para lidar com os Membros no sentido mais pleno da proficiência no ato de servir?” A reação de Membros que possuem fortes capacidades latentes dependerá da proficiência com que ajamos como estímulos para as suas capacidades. O que eles precisam de nós é a luz da iniciação, a palavra reveladora, e a mão amiga, e tudo isso está pressuposto na citação de Saint-Martin:

“A única iniciação que transmito e busco com todo o ardor de minha alma é aquela por que podemos penetrar no coração de Deus e fazer o coração de Deus penetrar em nós, formando assim um casamento indissolúvel, que nos torna o amigo, irmão e esposo do nosso Divino Redentor. Não há outro mistério de chegar-se a essa iniciação sagrada exceto o de penetrarmos cada vez mais nas profundezas do nosso próprio ser, dali não saindo até que possamos manifestar a raiz viva, vivificante, porque todo o fruto que devemos germinar, de acordo com a nossa espécie, será produzido dentro e fora de nós, naturalmente.”

O terceiro ponto sugere o modo pelo qual os novos Membros podem servir; aponta sucintamente o fato de que, por várias razões, esses novos Membros estão melhor capacitados a servir do que os novos Membros de anos anteriores. Em primeiro lugar, há mais meios, formas e utilidades sistematizadas para os novos Membros aplicarem-se eficientemente em seu possível serviço. Em segundo lugar, há canais e necessidades mais definidos, concretos e evidentes para esses serviços. E em terceiro lugar, existem muitos Membros adiantados em muitas Lojas, Capítulos ou *Pronaoi*, e em muitas localidades, que podem orientar, fazer sugestões, ou assistir os novos Membros, ou quaisquer outros, que desejem secreta, anônima e adequadamente,

prestar esse serviço à Ordem, a algum Corpo Afiliado, ou a estranhos, segundo suas próprias capacidades e consciência.

Indubitavelmente, as possibilidades de os novos Membros servirem cresceram consideravelmente desde que esses pontos foram escritos pela primeira vez. Nenhum Membro atual precisa ser lembrado dos “canais e necessidades mais definidos, concretos e evidentes para esses serviços”, que o solicitam em todos os lugares e em todas as formas. Mas é a terceira sugestão que mais me interessa no momento: de que agora existem muitos Membros adiantados que podem “orientar, fazer sugestões, ou assistir os novos Membros, *ou quaisquer outros*, que desejem secreta, anônima e adequadamente, prestar esse serviço à Ordem, a algum Corpo Afiliado, ou a estranhos, segundo suas próprias capacidades e consciência”.

Tenho especial interesse por um aspecto desta afirmação: ela não exige ou solicita – *sugere* o que pode ser feito. Lembro-me do finado Imperator muito bem, pois eu estava em constante contato com ele naqueles anos primordiais até que ele passou ao trabalho superior, e um de seus traços mais marcantes era a sábia sugestão de um possível ou necessário objetivo. Ele jamais impunha a sua vontade ou exercia autoridade indevida mesmo quando e onde podia, porque isso lançaria por terra a finalidade principal do desenvolvimento dos outros. Ele indicava o caminho e o deixava à iniciativa, aptidão e disposição do Membro ou do Oficial: “Muitos há que podem orientar, sugerir ou auxiliar.” Se assim era naquela época, que se dizer, então, de agora?

Quando revejo o passado de mais de 30 anos e lembro-me dos eventos catastróficos daquele período e o que fizeram para a nossa geração, os fardos cruéis que nos impôs, fardos quase além do que os seres humanos pensaram ser capazes de suportar, só é preciso um pouco de imaginação para saber o que aquelas condições fizeram ao coração e à mente da humanidade. Ambos, coração e mente, foram crucificados, à semelhança do Cristo em sua época. Em todo aquele que possa perscrutar o coração e a mente da humanidade atual sem sentir piedade e compaixão pelo que o carma do mundo ali escreveu, está de fato crucificando outra vez o Cristo em seu próprio coração. Isto não deve acontecer conosco. Somos exortados à piedade e à compaixão.

A INICIAÇÃO É DUAL

Sob orientação hierárquica vimo-nos escolhidos e assumimos responsabilidades aos olhos dos Mestres invisíveis para a incumbência que nos confiaram. Este fato por si só deveria aguçar nossa visão porque “a iniciação ao coração de Deus”, como Saint-Martin a coloca de um modo bem esotérico, encerra de fato um processo dual. Nenhum homem pode penetrar no coração de Deus sem penetrar cada vez mais nas profundezas do seu próprio coração; e nenhum homem pode entrar convenientemente em seu próprio coração sem, em atitude de ressonância ou sensibilidade, penetrar nos recessos secretos do “coração” de seus semelhantes. Nem pode o “Coração de Deus”, o espírito do Cristo, habitar o coração do homem até que ele desperte para a consciência das possibilidades desse despertar no coração de seus irmãos.

Compreendemos, agora, a plena significação de “orientar, fazer sugestões, ou assistir os novos Membros, *ou quaisquer outros.*” Em verdade, quanto mais pensamos nestas palavras mais amplamente aplicáveis elas se tornam, e seu significado se torna mais esotérico e abrangente, até que somos transportados outra vez, intuitivamente, ao coração e mente de quem as escreveu, apreendendo sua significação mais profunda. Temos exagerada tendência de ler verdades esotéricas só com os olhos e o intelecto ao invés de sentirmos interiormente o conteúdo psíquico, etérico, em sua fonte, cujo objetivo é a nossa orientação e iluminação. Estamos cercados por pessoas que se comprazem em impor suas sugestões e dirigir os outros; elas não ficam satisfeitas até que estejam exercendo algum controle intrometido e autoridade superficial na vida dos outros. O novo Membro encontra isso fora da Ordem sem o pedir; mas ao entrar na Ordem, sente ele a surpresa de penetrar numa nova atmosfera, uma atmosfera de paz, de restrições no falar e de harmoniosa cooperação que, inconscientemente, despertam novos pensamentos e sentimentos e um desejo de “pôr para fora” o que ele tem de melhor.

Não estou insinuando que isso não é feito (e é feito em longa escala) pelos oficiais e Membros mais antigos. Estou apenas reafirmando o que o Dr. Lewis tinha em mente ao escrever essas observações, em 1920. Estou revendo-as do ponto de vista em que ele as escreveu. Obviamente, suas observações não foram em vão. Através dos anos, tenho visto inumeráveis exemplos em que a confissão mais franca de novos Membros revela esse tipo de serviço esotérico prestado por aqueles dentre nós que fizeram grandes sacrifícios para levar a cabo este ideal. É realmente algo de muito belo, e nada conheço que se lhe compare.

Meu objetivo neste artigo é apenas reenfatizar esse ideal porque o futuro imediato vai exigí-lo de nós. Às nossas filhas chegarão aqueles (alguns de idade tenra e outros mais adiante no caminho da vida) que nos confessarão que tudo lhes falhou. Eles vêm e virão de sociedades e cultos que lhes ofereceram o que de melhor possuíam e, não obstante, deixaram-nos desencorajados e com pouca esperança. Devem eles ser levados a sentir que penetraram em uma fraternidade de personalidades-almas compassivas que conhecem os perigos ocultos do caminho, que viveram os cruéis sofrimentos de um mundo torturado, que num relance conhecem o semblante da dor, da inquietação, do desapontamento e da perda e que, não obstante, têm uma segurança interior que não pode ser derrubada por nada que o mundo possa dizer ou fazer. Eles têm a consciência da presença do Cristo que é uma fonte perene de bênçãos para os outros.

COMO CONCRETIZAR UM IDEAL

por

Rodman R. Clayson, F.R.C.

COMO CONCRETIZAR UM IDEAL

Para a concretização de um ideal a pessoa deve praticar o autodomínio. Há uma maneira pela qual o domínio do Eu é alcançado: O estudo adequado e sistemático das leis da natureza, das leis que regem o universo, que regem o homem, e que influenciam a relação do homem com tudo que existe. O conhecimento da verdadeira relação do homem com o universo e outros homens, o conhecimento de seus poderes pessoais ilimitados, o conhecimento dos processos latentes e da fortaleza da mente contribui para nos tornar uma força para maiores realizações construtivas, criativas, um sucesso, uma glória para o mundo, bem como uma de suas partes integrantes. Para utilização de nosso conhecimento no tocante à essa relação é necessário ter o domínio de nossas próprias forças e faculdades, além do trabalho em harmonia com as leis da natureza, a harmonização com a Mente Divina, a manutenção de uma atitude de paz, a irradiação do amor, e o domínio, subjugação das forças contrárias que se projetam das trevas, do medo, da ignorância e da negligência.

Mais importante do que ver com o olho mortal é ver com o olho da intuição. Mais sublime do que ouvir com o

ouvido mortal é ouvir a voz do Eu interior. Em um mundo de realizações criativas, a influência silente de uma vontade dominadora é muito mais poderosa do que o sussurrar erudito de uma voz ditatorial. O domínio intelectual do conhecimento material do mundo é suficiente apenas na superação dos problemas materiais e deixa que cada homem lute com a sua inteligência para defender e manter aquilo que apenas recentemente conquistou.

A natureza não toma conhecimento das lutas, e majestosamente se curva para auxiliar aqueles que compreendem sua operação e aqueles que com ela cooperam na construção universal, na criação benévola e no progresso humano. Infelizmente, inúmeras pessoas interpretam mal os fenômenos naturais e aparentemente ignoram as causas fundamentais da existência e da significação da vida.

Qual a intensidade do nosso desejo de autodomínio? Até que ponto desejamos introduzir em nossa vida a plenitude do viver? Alguns alcançaram seus objetivos, porém, de nenhuma maneira têm todos aqueles que passaram desta vida alcançado o autodomínio. Há homens e mulheres na Terra, atualmente, que vivem como deuses. Talvez não os conheçamos mas eles aqui estão. São as pessoas que têm capacidade para projetar sua Luz nos redutos mais obscuros da ignorância e da indolência. Algumas vezes, o autodomínio exige sacrifício de uma ou outra maneira.

Lembremo-nos da vida de alguns dos grandes homens e mulheres da história que alcançaram aquilo que chamamos de *autodomínio*. Mark Twain, que era por todos amado, perdeu um a um os membros de sua família por doença ou acidente. Benjamin Franklin foi traído por seu próprio fi-

lho. Wagner, apesar do banimento e da pobreza, escreveu milhões de notas para suas óperas e obteve sucesso na direção de espetáculos. Francis Bacon foi traído por seus inimigos e muito pouco compreendido. Na verdade, hoje, séculos após sua morte, a verdadeira vida de Bacon continua ainda envolta em mistério.

Pensem em Robert Louis Stevenson que escreveu algumas das suas histórias preso ao leito com tuberculose. Pensem em Beethoven que imprimia em seu lar um verdadeiro reinado de terror para escrever sua música. E pensem em Mozart cujo único estúdio era um barulhento parque com cervejaria e salão de bilhares. Quase todas as pessoas que consideramos como extremamente bem-sucedidas passaram por muito sofrimento.

UM OBJETIVO DEFINIDO

Qual a força que atraiu esses homens e essas mulheres para a sua meta? De onde receberam sua fortaleza e inspiração? Sabemos que todos eles para si mesmo estabeleceram um ideal altruístico. Foi o desejo de concretizar esse ideal que os compeliu a prosseguir, a despeito de todos os obstáculos. Por terem um objetivo definido, vontade, determinação, e bravura para por ele lutarem, a fortaleza e a Iluminação a eles chegaram no momento em que eles delas mais necessitavam. Não está cosmicamente decretado que passemos por vicissitudes. Trata-se, todavia, de uma situação em que a pessoa muitas vezes se coloca para que possa promover desenvolvimento individual e também servir a humanidade.

Se não trabalharmos arduamente para promover um ideal nobre quando ele se tornar necessário, verificaremos

que não temos a fortaleza de caráter para alcançar sucesso e exercer nossa liderança em qualquer esfera digna do empreendimento humano. Há, naturalmente, aqueles que se tornaram proeminentes no desenvolvimento do pensamento e no bem-estar da humanidade e que parecem ter passado pela transição sem terem se apercebido das dores e tribulações. Esses representam a exceção e não a regra, mas, como sabemos que eles não experimentaram sofrimento?

Não queremos dizer que todos estejam destinados a se transformar em benfeitores da humanidade. Todavia, queremos afirmar que no transcorrer do ciclo de desenvolvimento da personalidade da alma é dada a cada indivíduo a oportunidade para servir. Essas oportunidades estão associadas com inúmeras provas que decorrem das circunstâncias. Por sua vontade ou fortaleza de caráter, o indivíduo vence essas provas, ou falha. Algumas vezes, circunstâncias negativas ou positivas predominam devido aos acontecimentos da época em um determinado período da história. Esses acontecimentos têm de ser enfrentados pelas pessoas reflexivas.

Para a conquista do autodomínio, o corpo e seus apetites devem ser mantidos em condições adequadas. Os apetites devem ser usados para as finalidades para as quais foram criados. Não se deve permitir que nos escravizem. Ninguém se tornará senhor de si mesmo se não puder disciplinar sua mente e se não se dispuser a trabalhar por aquilo que acredita ser bom e construtivo. Podemos seguir a linha de menor resistência permanecendo estáticos, ou podemos estabelecer um propósito para nós mesmos e tentar tudo fazer para alcançarmos o autodomínio. Não é

necessário que nos tornemos líderes em nossa esfera de ação, porém o que podemos fazer é voltar nossa atenção para dominar as coisas que se encontram mais perto de nós, para que possamos desfrutar felicidade e viver uma vida mais útil, mais plena.

ESFORÇO

Torna-se necessário um ideal ou propósito individual. Quantas pessoas realmente têm um propósito ou ideal? Se pensam que têm, estão dispostas a dedicar-lhe uma noite ou uma hora de estudo por semana? A leitura que fazem promove a elevação espiritual? Costumam comparecer a conferências educativas? Têm o verdadeiro senso de moral e dos valores culturais? Somente a pessoa que verdadeiramente vive um trabalho e sente que tem uma missão a cumprir decidiria e poderia suportar as provas, as tribulações do autodomínio. Vale a pena, realmente, esse sofrimento? Se milhares de líderes de nossa história não tivessem trabalhado e sofrido por um ideal como foi o caso de Abraham Lincoln, por exemplo, não haveria civilização e os seres humanos permaneceriam em um nível inferior de existência.

Durante centenas de anos, os Rosacruztes têm se destacado entre aqueles que se dispuseram a trazer a Luz a um mundo obscurecido e, hoje, a Ordem Rosacruz, AMORC, continua a inspirar as mentes em escala jamais possível antes, para propiciar orientação adequada e necessária àqueles que anseiam por coisas melhores e desejam viver vida útil, construtiva.

Qual a compensação para o sofrimento relacionado com

a concretização de um ideal? Certamente, não é a riqueza. A recompensa se traduz em uma gradual percepção do grande ideal que está sendo realizado. O incentivo é o desenvolvimento e o bem-estar para o Eu interior, a alegria do trabalho construtivo. É o incentivo que arrebatou todo o filantropo que, em pensamento e conduta, está adiante dos tempos. Essas pessoas têm feito uso de suas qualidades intelectuais e espirituais como estímulo por meio do qual tem sido transmitido à humanidade impulso mais forte para alcançar um padrão mais elevado de civilização nas diferentes épocas da história mundial.

Spinoza, grande filósofo e místico, é um desses exemplos. Devido aos seus ideais, foi excomungado da sinagoga e não era menos censurável para os cristãos. Tão profunda era a animosidade contra Spinoza que até uma tentativa de assassinato foi perpetrada. Hoje, o mundo a ele se refere como uma das mais profundas mentes de todos os tempos. Nenhuma pessoa normal deseja passar por semelhante sofrimento. Por outro lado, o indivíduo que está verdadeiramente com o propósito de acelerar o conhecimento e de *servir*, não se afastará desse sofrimento se ele for necessário.

Afortunadamente, os estudantes de misticismo ou os buscadores sinceros da verdade não são *obrigados* a fazer grandes sacrifícios.

Como Rosacruzes, somos indivíduos práticos. Em grande proporção, somos realistas. Nenhum mal vemos na ambição porque a ambição é desejável para as realizações. A única coisa que nos deve preocupar é o valor do nosso propósito, isto é, se ele é, ou não, digno de concretização.

Pode bem acontecer que tenhamos domínio sobre nossa vida, porém, também pode acontecer que as coisas sobre as quais temos domínio não sejam suficientemente avaliadas por nós. Devemos olhar em torno e observar quantas coisas temos que os outros não têm. É possível que cheguemos a verificar que temos domínio muito maior dos problemas da vida do que jamais imaginamos.

Talvez devêssemos cantar louvores por aquilo que temos, em vez de lamentarmos a falta daquilo que (pensamos) deveríamos ter, não nos deixando dominar, em qualquer momento, pelas emanções do incenso dos supostos deuses do materialismo. Por meio das provações é que o homem se torna, até certo ponto, mais espiritualizado e mais senhor de si mesmo. As provações e o sofrimento nos harmonizam com as aflições do mundo e nos tornam mais complacentes, mais tolerantes, e mais benevolentes em atitudes para com os outros.

Nossas próprias experiências nos ensinam as grandes lições da vida e, através destas, evoluímos e fazemos desabrochar o nosso caráter e a nossa personalidade, à semelhança das pétalas da rosa que desabrocham para permitir à rosa a ostentação de sua maravilhosa e bela forma e o desempenho da semente que lhe deu origem. Ninguém poderá alcançar o autodomínio afastando-se da sociedade, tornando-se um eremita.

PROVAS E TRIBULAÇÕES

O sofrimento não necessita de explicação porque ele é o seu próprio intérprete. Não se faz necessário que o expliquemos porque, virtualmente, todos já foram por ele atin-

gidos em algum período de sua existência. Apenas se torna necessário, portanto, compreendermos que a adversidade não é em vão e, sim, um processo alquímico. Por meio dela, a natureza do homem pode ser purgada das falsas concepções. A verdade da vida, a felicidade, e o amor são conhecidos por seu real valor. Através do trabalho árduo é que conhecemos, por comparação, o verdadeiro valor da vida, tornando-nos conscientes do propósito final da nossa existência. Este, portanto, é o significado místico das provas e tribulações. Estas são, de modo geral, as condições necessárias ao processo do autodomínio.

O autodomínio será alcançado pelo trabalho que desenvolvermos com entusiasmo sincero para sua consecução. O indivíduo deve sentir-se apaixonadamente estimulado pela coragem, pelo desejo, e pela vontade de alcançar o ideal. Estas são as forças motrizes quando a causa é digna. É algo que consome o indivíduo. Não apenas estamos conscientes disso, mas vivemo-lo como parte de nós mesmos. O desafio é lançado a despeito dos obstáculos, e torna-se um dever dominante que tem a impetuosidade da masculinidade sendo, não obstante, suficientemente feminino para se revelar nobre, suave, e moderado. Isto proporciona ao indivíduo a capacidade de perceber a luz daquilo que perdurará. Misticamente, tornamo-nos mais espiritualizados. O autodomínio é, em suma, a prestação altruística de serviço e a capacidade de criar oportunidades para prestar esse serviço. Isto proporciona os meios para concretizar um ideal digno.

NICHOLAS ROERICH
Um Mestre Junto de Nós

por

Irving Soderlünd, F.R.C.

NICHOLAS ROERICH

Um Mestre Junto de nós

De muitos anos para cá, meu centro de interesse vem se fixando em um dos Mestres de nossa Ordem. Ele é deste século e eu apreciaria muito apresentá-lo aos que me lêem. Nicholas Konstantinovitj Roerich nasceu em Isvara, na Rússia – no solar da família – no dia 10 de outubro de 1874. Seu pai era de origem escandinava e sua mãe pertencia a uma família da nobreza russa. Advogado famoso, desejava que o filho seguisse seu exemplo, realizando estudos de Direito. O jovem Nicholas, entretanto, não se sentia verdadeiramente inclinado para isso. Não querendo, todavia, contrariar o pai, ele partiu para a Universidade de São Petersburgo onde terminou os estudos com notas excelentes. Neste momento e mais tarde, em sua vida, ele demonstrou possuir uma energia e capacidades intelectuais que lhe permitiram ter as mais diversas ocupações. Seu interesse arqueológico foi despertado quando ainda habitava a mansão da família. Ele havia observado alguns vales estranhos. Sua teoria segundo a qual os vales ocultavam “vestígios” foi confirmada e seus estudos de arqueologia deram-lhe, já na juventude, um lugar proeminente entre os arqueólogos da época.

Quando ainda era estudante de direito, freqüentava, com relativa assiduidade, a Escola de Belas Artes onde seu gênio artístico logo se evidenciou para seus professores. Com apenas 22 anos de idade, em 1896, ele provou que estes tinham razão. Preparou uma notável exposição e sua obra de arte “O Mensageiro” foi comprada, imediatamente, por Tréjakov, grande entendido em arte, para enriquecer sua coleção. Não poderia haver honra maior para um jovem artista russo da época.

Tornou-se claro, para o jovem Roerich e sua família, que seu gênio artístico devia se expressar. Seu pai, então, apoiou-o e a pintura tornou-se o maior interesse de Roerich. Progrediu rapidamente como artista, tornou-se muito apreciado e seu renome firmou-se solidamente.

Depois de seus estudos em Paris, Roerich continuou pintando durante os anos de 1900 a 1906, focalizando, sobretudo, motivos russos fortemente estilizados. Sua técnica era tão segura que, em poucos dias, podia concluir uma obra-prima que um artista comum levaria meses para fazê-lo. A importância de seu trabalho deu-lhe um lugar entre os maiores artistas que existiram. A maior parte de seus quadros era executada à têmpera, e ele completou mais de sete mil obras. Pôde-se ver sua arte na Suécia, entre outros, na exposição Báltica em Malmö, no ano de 1914 e em uma exposição em Estocolmo, em 1918. Centenas de suas obras de arte figuram nos museus de mais de 25 países.

Ele criou as decorações de teatro como, entre outros, “Peer Gynt”, de Ibsen e escreveu, em Paris, a primeira representação de “Sagração da Primavera” (Sacre du Printemps), em colaboração com Stravinsky e o coreógrafo Nijinsky.

A pintura era uma das facetas desse grande gênio; a comunicação, outro de seus grandes talentos. Ele parecia ser capaz de penetrar no mais profundo do ser, fazendo vibrar as cordas sentimentais que neles encontrava. Além disso, falava e escrevia de maneira persuasiva e bela. Eis algumas citações suas, feitas no ano de 1923:

“A arte deve unir toda a humanidade. A arte é uma. Tem numerosos ramos, mas todos, entretanto, são apenas um. A arte é a manifestação da síntese que se vai produzir. Por essa razão, a arte foi criada para todo o mundo. Todos devem gostar da arte verdadeira.” . . . “O portal da fonte sagrada deve ser grande e aberto a todos e a luz da arte deve influenciar, com um amor novo, incontáveis corações. O sentimento de ser inconsciente vem primeiro; mas, no fim, deve purificar a consciência humana. E quantos jovens corações buscam algo real e belo! Dai-lhes, pois, o que desejam! Levai a arte aos seres humanos, aqueles aos quais ela pertence. Nós não deveríamos apenas decorar os edifícios públicos e os museus, com a arte. Decorai e embelezai até mesmo as prisões existentes para que, depois de nós, elas não mais venham a existir!”

Estas idéias não ficaram sem resposta. A reputação de Roerich no mundo da arte era tal que ele podia falar com autoridade. Suas idéias levaram à criação de uma corrente especial do pensamento humano e suas influências eram por toda a parte numerosas e diversificadas.

Em 1920, quando chegou em Nova Iorque, antes de sua primeira exposição nos Estados Unidos, ele freqüentou, rapidamente, a alta sociedade, como havia feito na Europa. Sua esfera de interesses não tinha limites e entre seus ami-

gos mais chegados encontravam-se homens como Millikan, Einstein, Compton, Huxley, para não citar outros mais. A relação de seus amigos indica também que seus interesses eram diversificados e se estendiam além da arte.

Ele conhecia bem vários idiomas, era favorável às reformas sociais de esquerda e dizia que o estilo de vida contemporâneo exigia a perfeição do homem moderno. Sua vontade, sua imensa energia e sua capacidade de trabalho, permitiam-lhe alcançar rapidamente, em apenas alguns anos, os objetivos que permaneceriam inacessíveis a seres humanos normais que poderiam dispor de toda uma vida.

ROERICH O MÍSTICO

O Dr. H. Spencer Lewis, nosso antigo Imperator, conhecia muito bem o Frater Roerich como frater Rosacruz; chamava-o “um mensageiro da grande Fraternidade Branca”. Ele esteve muito ativo em nossa fraternidade até sua transição em 1947. Nós encontramos boa parte de sua sabedoria nos estudos de nossa Ordem, onde os Mestres são anônimos.

L. N. Andrjev referia-se a ele da seguinte maneira: “O mundo de Roerich é o mundo da verdade. Sua obra liga as almas mortais ao mundo das criações extraterrenas.”

Em 1920, o próprio Roerich dizia, em Londres: “Nossa vida moderna se satisfaz com as necessidades instintivas do corpo. O homem busca as coisas materiais, mas está escrito que ele não deve obtê-las assim. Os pontos de partida que levam para o alto degeneraram. A humanidade tentou obter tesouros que não mereceu e, desta forma, ela rompeu

o “cume” da boa vontade da Deusa da Felicidade. A hipocrisia, a brutalidade e o mal não nos levam a parte alguma. . . Uma dura prova aguarda hoje a humanidade inteira: a prova de integrar a verdade.”

Embora essas palavras tenham sido pronunciadas há mais de sessenta anos, ainda constituem estimulação para o pensamento. Nós ainda não obtivemos êxito na prova de integrar em nós a verdade verdadeira.

No mesmo ano, em outra ocasião e um pouco mais tarde, ele escrevia: “Sabeis que a vida do espírito não é privilégio do eremita. Ela pode ser obtida aqui entre nós. . . e a consciência da vida da alma deve abrir para nós novas e cotidianas possibilidades de criação. . . Lembrai-vos de que chegou a hora de harmonizar nossos centros. Isto vai ser da maior importância no conflito com a civilização mecânica que, de maneira totalmente falsa, é chamada cultura. O espírito, enterrado em minúcias triviais da vida cotidiana e despojado de maneira bárbara já levanta a cabeça.”

Tais palavras não soam como sabedoria e autoridade? Roerich dizia, em Nova Iorque, no ano de 1932: “O silêncio age, a palavra dá o impulso para a ação. O silêncio força, a palavra convence. Os “processus” do mundo silencioso e os segredos se aperfeiçoam todos no interior de nós próprios, em um silêncio profundo e ativo. Este silêncio é dissimulado pelo exterior do que lhe é ilusório. Os maiores esforços são efetuados com a respiração presa; quanto mais rápida é a respiração, maior o desperdício de energia. Aquele que, em plena ação, puder parar de respirar, de forma nova e espontânea, será dono da energia do mundo.

“Existem, entretanto, dois tipos de silêncio: o resultado da fadiga e que é a manifestação de uma dissolução, de uma desagregação, e o silêncio significativo da unidade que determina a harmonia da vida. O silêncio reinante é a paz para aquele que reina. Quanto mais completa for a paz, mais poder a força terá e maior será a força da ação. Desta paz, vem a verdadeira sabedoria. A atividade exterior da mente deve ter o fim e o silêncio deve seguir a exaltação. Mais tarde, desta paz e neste silêncio sem voz, virá a iluminação da mente.”

Não é óbvio que estas palavras repousam nas experiências pessoais? Os conselhos de Nicholas Roerich eram extremamente práticos. Ele não foi um sonhador nem um místico apaixonado, que paira nas nuvens. Seus pés estão bem plantados na terra. Roerich se atinha à realidade da matéria e dizia que em toda nossa história a plataforma da verdadeira sabedoria e a criatividade vital foram firmadas nesta base.

Ele dizia que a compreensão da matéria leva ao portal da sabedoria ilimitada, enquanto que a negação das realidades do mundo material leva a um agnosticismo que apenas recoloca a questão, não cria nada. Ignorar o mundo material e a realidade de sua influência na vida humana, jamais ofereceu o que quer que seja para a evolução humana.

“O espírito é submetido e a matéria é esquecida; o que resta é apenas um caos.”

Ele vê exatamente nisso o maior mal das gerações anteriores e das atuais. Dizia que a sabedoria humana é real, mas como se expressa por fragmentos, encontra-se na im-

possibilidade de compreender a totalidade e a verdade absoluta.

O PROFETA

Deixemos de lado seu desempenho como arqueólogo, artista, poeta, defensor da beleza, filósofo e professor. Entre os diferentes aspectos de sua personalidade, encontra-se, ainda, o de profeta. Ele escreveu: “Todas as pessoas recebem provas e todos os mundos estão submetidos a provas. Isto não é, necessariamente, assustador. Considerei-as antes como uma fonte para a expansão da consciência e uma chave para a coragem e para a evolução. É bom revestir-se de coragem, sentir-se a grandeza do pensamento, e todas as energias que levam à atividade do pensamento, mesmo que isso possa desembocar nas decisões mecânicas. Deixai o homem sentir seu pensamento com todo seu poder e seus sentidos.

Durante os 18 últimos anos de sua vida, Nicholas Roerich morou em Nagger, na Índia Oriental, pouco distante da fronteira tibetana, com sua mulher Helena e o filho Georges, em um belo vale isolado de Kulu, cercado de montanhas. Ele podia divisar alguns dos grandes montes do Himalaia, montanhas de que ele tanto gostava!

Depois de sua transição, em 13 de dezembro de 1947, suas cinzas foram colocadas em uma cripta ao lado de sua casa, e a localização de sua sepultura foi indicada por uma simples pedra.

Os peregrinos vinham de toda a Índia, de todo o Oriente, para visitar este lugar e render homenagem ao querido professor.

TU, BENDITO

Tua bondade enche
minhas mãos. Em plenitude ela flui pelos meus dedos.
Não para me defender de tudo.
Não posso destilar as correntes brilhantes
de sua riqueza sem limites. O rio de Tua
bondade corre pelas mãos da Terra. Eu
não posso saber quem poderá receber estas
correntes de tão alto valor. As pequenas gotas. . .
sobre quem elas vão cair? Meu tempo não vai
bastar para chegar à casa. Somente algumas
pequenas gotas desta bondade poderão
ser transmitidas em minhas
mãos, bem
encerradas.

Nicholas Roerich, F.R.C.

AMOR E TÉCNICA INICIÁTICA

por

Raymond Bernard, F.R.C.

AMORC E TÉCNICA INICIÁTICA

A Ordem Rosacruz, AMORC, é uma escola de mistérios, iniciática e tradicional que, sem afastar nada de sua herança sagrada, perpetua no mundo moderno a mensagem Rosacruz do passado segundo um processo novo, adaptado à nossa época. É assim que a apresentação dos ensinamentos, a linguagem usada, os apelos aos “iniciáveis” e algumas atividades de ordem cultural ou científica são modernos e incessantemente ajustados às condições exteriores do progresso humano.

Uma lei inelutável exige que o homem, com uma obstinação que não exclui a prudência nem a vigilância, leve em conta, tanto para si mesmo como para suas atividades exteriores, os progressos da civilização material. A humanidade, transformando seu próprio meio, obriga-se a se lhe ajustar. As organizações tradicionais não constituem exemplos dessa obrigação. Devem a ela submeter-se, ou perecer. No tempo e no espaço, elas estão sujeitas às leis do tempo e do espaço, e é preciso ter em conta as condições novas que serão sufocadas pela ambiência diferente em que se exercem, quer queiram, quer não, suas atividades seculares.

Fiel a isso, a suas próprias concepções e à sua regulamentação interna de sempre, a AMORC foi instalada há muito tempo, na época de seu ciclo atual de atividades. Constata hoje, com satisfação, que outros, progressivamente, seguem caminho idêntico e que as próprias religiões exotéricas, no domínio que lhes é próprio, chegam a renunciar a seus métodos arcaicos. Depois de todas as críticas de que foi objeto, precisamente porque ela se colocou na vanguarda de um mundo novo, é um conforto para nossa Ordem, constatar que outros seguem, agora, suas primeiras pegadas e se esforçam por um contato tardio, mas louvável, com o mundo, se bem que ela própria já esteja muito além e, incessantemente, às portas de amanhã. É tempo de tradição, em geral, renunciar a estes modos arcaicos de expressão e de manifestação exteriores, se ela não quiser mergulhar no esquecimento e tomar lugar entre as ciências mortas. Não será assim com a Ordem Rosacruz, AMORC, porque sua própria tradição operativa é um ajustamento permanente às circunstâncias novas, e é a razão de sua extensão considerável que a situa em primeiro plano entre as escolas modernas de mistérios.

Se o processo operativo de nossa Ordem é sempre adaptado a um mundo em progresso, sua técnica iniciática propriamente dita fica, naturalmente, sempre semelhante a ela própria, pois a iniciação é intangível em todas as épocas e sob todas as latitudes. A título de analogia: embora na maneira de se pentear ou de se vestir, o homem atual não seja mais o homem dos séculos passados, suas reações psicológicas e psíquicas não mudaram e não mudarão jamais. Em todas as épocas, mesmo com estímulos diferentes, ele conhecerá a alegria e a dor, a audácia e o medo, etc. Se isto é verdade, do ponto de vista das emoções, é ainda mais

verdadeiro no plano da evolução e da extensão da consciência, o que vale dizer que uma técnica iniciática provada e reconhecida como válida há séculos será sempre eficaz e poderosa, sejam quais forem o tempo e o lugar.

Parece que existe, ainda, da parte de muitos, uma grande incompreensão no que concerne precisamente à técnica de formação da Ordem Rosacruz, AMORC. Alguns acentuam a única fase intelectual que, na senda mística, é *secundária*, pois se ela é útil, está longe de ser suficiente e consideram nossa Ordem sob esse ponto de vista extremamente limitado. Cada um deve lembrar que a AMORC não procura, em nenhum sentido, enriquecer a mente. Muito pelo contrário, tudo, em sua técnica, tende à *maestria do intelecto*. Ora, não se domina ou governa o que se torna, de algum modo, aquele que se faz escravo. O ensinamento Rosacruz não se revela especulativo. Não argumenta no sentido fundamental do termo. Sua intenção é, ao contrário, de *apaziguar o intelecto*, respondendo suas perguntas essenciais, estabelecendo um *quadro geral* de total compreensão no qual, mais tarde, todos os elementos tomarão, facilmente, lugar, à medida que se apresentarem. Seguramente, um tal ensinamento é *completo* no sentido de que, procurando base sólidas e permanentes, oferece, como consequência, um fundamento seguro e definitivo a toda argumentação possível, mesmo que tal não seja, em nenhum sentido, seu desígnio.

Não que todos estejam dispostos, no mesmo momento, a aceitar o conjunto de tais ensinamentos e alguns, infelizmente, se sentem *constrangidos* ao fazê-lo e interrompem sua progressão na *escola* de mistérios em que se constitui nossa Ordem. Eles esquecem as declarações de uma impor-

tante monografia de neófito que lhes recomenda permanecer sempre um *ponto vivo de interrogação e não aceitar* tal ou qual ponto dos ensinamentos que lhes é *proposto* se esse ponto ferir suas convicções na fase de desenvolvimento espiritual em que se encontra. Isto não significa que o ensinamento seja, de algum modo, inexato, mas significa simplesmente que o grau alcançado na pessoal tomada de consciência difere em cada um. Não há dogma nem uniformidade necessária de pensamento no seio da AMORC. São propostos ao Rosacruz, fundamentos, e lhe são entregues instrumentos. Cabe-lhe, de “*motu próprio*”, construir, em seguida, sua morada e utilizar os preciosos instrumentos que lhe são confiados. Se ele constrói mal, se emprega, conscientemente, os instrumentos, para o mal, deve isso a si mesmo, ainda que a hierarquia aí esteja para, eventualmente, guiá-lo e aconselhá-lo, se manifestar o desejo para tal. Só os maus obreiros tentarão justificar sua ineficiência acusando seus instrumentos.

O intelecto apaziguado e não sobrecarregado – a outra fase da técnica da AMORC – adquire todo seu valor e sua *eficácia*. Esta fase é constituída por um conjunto de iniciações e exercícios espirituais que se completam uns em relação aos outros, em um encadeamento progressivo, particularmente estudado. Uma viagem perpétua em volta de um mesmo triângulo, mas sobre planos progressivamente superiores e em espiral, leva o discípulo à mais perfeita realização de si mesmo, isto é, em última análise, a uma fusão jamais consciente no Todo divino onde ele se integra. Para expressar isso de outra maneira, diremos que o resultado é a perda da personalidade e não da consciência individual. É uma purificação que prepara os veículos do ser para servir de canal. É o abandono consciente à verda-

de suprema que aguarda a hora de se expressar. Toma-se conhecimento, então, de quanto o intelecto pode ser o obstáculo, se guardar a supremacia; mas se percebe, também que ele pode se tornar o *instrumento de expressão* daquilo que o ultrapassa. Ele não deve, pois, ser esquecido; deve ser formado, educado, dirigido para vir-a-ser o veículo primeiro, o instrumento fundamental, o fiel transmissor do baixo para o alto e do alto para o baixo. É isso que visam certas experiências. Outras têm fins mais precisos ainda e o conjunto forma *uma técnica de despertar* graças à qual o *ser pleno* – físico, emocional e espiritual – está em ação com suas diversas faculdades e seus atributos aos poucos extraídos de seu estado latente por uma ação harmoniosa e eficaz.

A técnica iniciática comporta, pois, uma dupla fase, apaziguamento do intelecto, de um lado e “abertura do ser” pela disciplina de exercícios espirituais, de outro, em um contato permanente com o mundo manifestado pois ele é precisamente o crisol de onde devem brotar os rubis do acabamento, o arremate místico.

Certamente, em uma tal marcha iniciática, os meios psicológicos, espirituais e místicos, devem ser empregados para que o sucesso do empreendimento seja assegurado e a técnica Rosacruz não deixe de os inserir todos de maneira harmoniosa e por consequência, efetiva. Este corpo e seus atributos devem passar do estado de mestre para o do instrumento a serviço do eu real. Ser-lhe-á deixada a dominação do que pertence, de direito e de par com a criação, a seu domínio, mas este domínio será iluminado pelo novo dia da maior compreensão adquirida.

Para se chegar a esse objetivo e por assim dizer, “abrir mão” do veículo físico, é preciso, desde o início, “cativar” o corpo e seu ocupante mental. É preciso, de todas as maneiras possíveis, discipliná-lo, demonstrá-lo e, fazer tudo que se possa, para que ele jamais se encolerize ou se revolte ou, pelo menos, sem que o faça antes de estar devidamente preparado, e seja possível impedir sua rebelião, levando-o, rapidamente, à maior docilidade. O *sanctum*, desta maneira, exerce o papel essencial, e é por isso que nossa Ordem insiste tanto para que cada um de seus Membros consagre, em sua casa, uma peça ou simplesmente “um canto”, reservado ao estudo e à meditação.

INICIAÇÕES ROSACRUZES

por

Robert E. Daniels, F.R.C.

INICIAÇÕES ROSACRUZES

O processo de iniciação é parte muito importante do trabalho Rosacruz. Nossos estudos apontam o caminho, mas é pelo processo de iniciação que nos elevamos aos níveis mais sublimes de consciência e de maior compreensão, passo a passo, até que o objetivo da iluminação seja alcançado.

Nada mais natural que nós, Rosacruzes, questionemos de que forma a iniciação irá nos afetar. Que se deve esperar de uma cerimônia de iniciação Rosacruz? O que diremos a seguir representa o ponto de vista da Ordem a respeito deste assunto, sobre o qual deveremos refletir:

“Uma iniciação verdadeiramente mística não é apenas a representação dramática de um ritual para imprimir em nossa mente os princípios desse ritual. Uma iniciação autêntica sempre contém lições a aprender, e algumas dessas lições, naturalmente, referem-se a ideais, normas e princípios expressos em palavras ou ações; outras são parte do ritual em si. Por nossa dramatização do ritual ou pelo ato de assisti-lo, estas leis, normas, idéias e princípios são

impressos em nossa consciência de forma dramática. Uma iniciação, portanto, é, em parte, educativa e instrutiva. Mas não é este o único propósito da iniciação. O verdadeiro objetivo de todas as iniciações Rosacruzes, por exemplo, é harmonizar o Eu interior e exterior de forma a torná-los temporariamente um só, para que, através desse estado incomum de consciência, tornemo-nos *conscientes* do Eu Cósmico em nosso interior e ao nosso redor. Deste modo, nossa condição cármica se nos torna clara, de modo distinto. Em outras palavras, existem certas fórmulas e procedimentos ritualísticos, em uma iniciação, que tendem a produzir um estado hipersensitivo de consciência, no qual nos apercebemos de nós mesmos como seres eternos, com o passado, o presente e o futuro bem presentes diante de nós.

“A consequência desta harmonização momentânea é que alcançamos um lampejo de compreensão e percepção de nossos erros e pecados do passado, assim como de nossas boas ações, e nos vemos como realmente somos. É como se nos víssemos em um espelho, com o fardo do carma, a cruz às costas, e sobre nossa cabeça, a coroa das alegrias e das ações nobres. Algumas vezes, na iniciação e em períodos de harmonização, nosso fardo secreto e escondido do carma se abre parcialmente e dele surgem algumas coisas do passado, as quais ainda temos que compensar ou que devem ser ajustadas no futuro. É como se alguns dos depósitos íntimos em nosso coração e nossa consciência fossem abertos e os esqueletos do passado se postassem a nossa frente e, por um momento, nos apontassem, dizendo: “Sou o fruto de sua criação: sou aquilo que você fez; sou o que você foi! Ainda existo porque você não compensou, não ajustou, não equilibrou as contas. Não

fui retirado dos registros. Ainda estou escondido no recesso de sua consciência e afeto seu pensamento, sua maneira de agir; afeto as alegrias, a felicidade, as tristezas e a dor de sua vida. Não posso ser destruído pois sou imortal. Não posso ser negado, pois estou eternamente presente. Mas posso ser dissolvido pela alquimia do amor. Posso ser purgado de sua consciência se minha forma for suplantada pela forma da bondade e da recompensa. Até que haja arrependimento e até que sejam feitos esforços no sentido de desfazer os males que represento, continuarei a ser um fardo em sua vida, a representar um grande peso em sua alma e consciência.”

“A verdadeira iniciação é um processo de harmonização com o propósito de purgar, purificar e ajustar o Eu interior. É o processo de entrada no Santuário dos Santuários, e ali, diante do altar, o Shekinah de Deus, pedimos perdão por meio de compensação e boas ações. É por isto que muitos aspirantes autênticos e sinceros da Senda vêem ou sentem a si mesmos como realmente são, no decorrer do processo iniciático ou nos períodos de meditação e concentração que ocorrem durante esse processo. É deste modo que cada iniciação eleva o iniciando a um plano superior, a um grau mais próximo da perfeição. A menos que a iniciação seja encarada sob essa luz e realizada com sinceridade e esperança, seu maior valor estará perdido para o iniciando.”

Eis mais alguns pensamentos adicionais referentes ao assunto da Iniciação Cósmica:

“O que queremos dizer com Iniciação Cósmica? Segundo a definição estrita da palavra e segundo sua origem, é

ela uma *introdução aos mistérios*. Na antigüidade, a palavra *mistério* era usada para descrever uma gnose singular e secreta, que não era, portanto, do conhecimento do público. Era, geralmente, um conhecimento das leis da natureza expressas no universo e no homem, e pertencia ao domínio do sagrado. Para evitar que esse conhecimento fosse profanado pelo mau uso, só era transmitido àqueles que se submetessem a testes e a uma preparação. Podemos dizer que a iniciação constituía a preparação para o recebimento da iluminação, ou seja, a luz do conhecimento único. A Iniciação Cósmica é o recebimento da iluminação. Consiste de um avivamento de nossa consciência interior, fazendo com que possamos perceber com compreensão aquilo que estava imerso em trevas.

“Essa iniciação ou iluminação interior que nos invade é uma forma de Consciência Cósmica; tornamo-nos um pouco mais conscientes da inteligência e ordem do todo Cósmico. É como se existisse uma grande cortina entre a mente objetiva e a mente da alma. À medida que evoluímos pela meditação e aplicação dos princípios cósmicos, a cortina vai sendo puxada para os lados. Ocorre, então, uma revelação, e experiências iluminadoras são acrescentadas à nossa compreensão objetiva. Essa iluminação faz com que as realidades cósmicas surjam claras e definidas na consciência da mente objetiva. Em geral, esse estado ocorre gradativamente. Algumas vezes, porém, o influxo da compreensão transcendente é súbito, como um intenso raio de luz.

“Como devemos nos preparar para uma Iniciação Cósmica? Toda a nossa vida constitui uma preparação. Cometermos erros, enganos, falhas de discernimento, e aprende-

mos as leis da natureza ou um princípio da vida. Quanto menos erramos, melhor percebemos o objetivo da vida. Conseqüentemente, decidimos mais tarde, por nós mesmos, o curso correto de nossa vida. Passamos a obstruir menos o caminho do nosso Eu psíquico. Quanto mais harmonizados com o Cósmico, maior é o influxo da luz interior, que constitui a *Iniciação*.

“Não há testes específicos, cosmicamente ordenados, pelos quais tenhamos que passar como parte de alguma misteriosa iniciação. Se nos excedemos comendo alimentos pesados e depois sofremos dolorosa indigestão, estamos simplesmente sentindo os efeitos de uma lei cármica menor. É uma lei de causalidade; o efeito deve seguir-se à causa. Não estaremos sendo punidos pelo Cósmico. Estaremos apenas colhendo o que plantamos. Se aprendemos a lição e restabelecemos nossa saúde, estamos fazendo um pequeno progresso em direção à iluminação cósmica. Estaremos restaurando o equilíbrio de nosso ser, tão necessário para o despertar psíquico.

“O Cósmico não necessita fazer planos especiais segundo os quais devamos aprender lições para que provemos que somos dignos de receber a iluminação que constitui a Iniciação Cósmica. Como dissemos, a vida é uma tribulação, um teste do nosso propósito, da iniciativa, fortaleza e sinceridade. Muitas doenças a que certas pessoas se referem como ocasiões de “passar por uma iniciação” são apenas as experiências do carma, desta vida ou do passado. Elas foram instituídas pelos próprios indivíduos, não pelo Cósmico. Essas pessoas prolongam o carma por fugirem da responsabilidade, chamando essas pequenas tribulações de

iniciação, como se lhes tivessem sido impostas por uma inteligência divina.

“O antigo princípio místico da crucificação é o de que cada um de nós deve ser purificado das fraquezas de caráter pelo sofrimento e pela compreensão da necessidade espiritual da humildade. Se não formos ativos e indiferentes no que se refere às necessidades alheias, e formos humildes, então a doença que nos sobrevier não será uma crucificação mística.

“Que forma assume exatamente a Iniciação Cósmica? Dizemos que é uma iluminação, mas como esta é vivenciada? Geralmente, ela resulta no esclarecimento de um mistério ou na remoção de uma dúvida ou temor que pesa em nossa mente, levando-nos a nos sentir deprimidos. A iniciação pode ser a súbita inspiração de qual seja a missão real de nossa vida. Pode revelar uma profissão ou ocupação que, se seguida, nos trará felicidade. É possível que tenhamos passado anos trabalhando na incerteza. Toda a nossa vida terá sido afetada por esta indecisão. Teremos sido privados de nossa iniciativa e inspiração. A iluminação da Iniciação Cósmica pode emprestar ênfase especial a um aspecto desta questão polêmica. Nessas ocasiões, enxergamos claramente o curso a tomar.

“Como isso ocorre? Às vezes ocorre na forma de uma percepção audível, ou seja, como se uma voz nos falasse “Faça isto ou aquilo”. Outras vezes, não difere muito de um sonho ou de uma alegoria mística ocorrendo num palco. Vemo-nos, fisicamente ou em consciência, movendo-nos com outras pessoas; isto é, sentimos estar com elas, ainda que não haja uma figura física de nosso Ser. As pessoas

podem estar realizando um ritual. Cada ato e símbolo que revelam tem um significado muito compreensível para nós, nessa ocasião, mesmo que nunca tenhamos visto tal simbolismo antes.

“Dando outro exemplo, podemos nos ver subindo três degraus, e então uma corrente de ferro nos é dada por uma figura em trajes cerimoniais. Outra figura, em vestes parecidas, pode nos dar um livro. Recusamos um objeto e aceitamos o outro. Para outra pessoa, esta experiência pode ser bastante obscura mas para a pessoa que a testemunha, é bastante inteligível. Relaciona-se com alguma particularidade de sua vida pessoal. A relação da experiência com um curso de ação que ela deve tomar torna-se imediatamente aparente.

“Este tipo de experiência pode acontecer quando meditamos em nosso Sanctum ou mesmo quando estamos repousados a pensar, num banco de praça ou outro local. Também pode ocorrer subitamente quando estamos dirigindo o automóvel, indo ou voltando do trabalho. Uma coisa é certa, o significado será claro para a pessoa e possivelmente só para ela. Se sentir que não compreendeu a mensagem, que deve perguntar a outros, então não se trata da iluminação que constitui uma Iniciação Cósmica.”

O SIMBOLISMO DO ESPELHO

por

Ruben A. Dalby, F.R.C.

O SIMBOLISMO DO ESPELHO

Quando falamos de reflexos, o espelho vem à nossa mente, por ser o objeto que melhor pode refletir a imagem daquilo que está diante dele.

O espelho é usado como símbolo em muitas religiões. Na religião xintoísta, por exemplo, ele pode ser um objeto de adoração; neste caso, fica em um compartimento de portas fechadas, fora da vista do sacerdote ou dos fiéis; pode ser usado, também, como um simples ornamento. Nesta função ornamental, o espelho é colocado diretamente em frente às portas da câmara interior do sacrário.

De acordo com o ritual xintoísta, o espelho tem uma luz pura que reflete as coisas tais como são. Simboliza a mente sem mácula da divindade Kami e, ao mesmo tempo, representa a fidelidade simbólica e sagrada que os crentes guardam em relação a Kami. Na mitologia, sem dúvida, o espelho é um objeto misterioso. Nas civilizações antigas, ele era muito mais um objeto cerimonial do que de uso diário. Segundo suas lendas religiosas, os japoneses tinham que colocar um espelho na porta de sua casa para que refletisse a imagem da Deusa do Sol “Hid” que, segundo a lenda,

declarou certa vez: “Honra e venera o espelho como se fosse meu espírito.”

Em uma de suas obras, um conhecido escritor japonês assim se expressou: “O espelho nada esconde. Brilha sem egoísmo mental. Tudo que é bom e tudo que é mau, o justo e o injusto, é refletido sem enganos. O espelho dá origem à honestidade porque tem a virtude de responder de acordo com a forma dos objetos. Representa a justiça e a imparcialidade divinas.”

Também já foi dito que o espelho simboliza a imaginação ou a consciência, por refletir a realidade essencial do mundo visível. Certos filósofos antigos relacionaram o espelho com o pensamento, considerando-o um instrumento próprio para a contemplação de si mesmos e do reflexo do universo.

Desde os tempos antigos, muitas superstições acompanharam os espelhos. As lendas e o folclore lhes emprestavam uma qualidade mágica, considerando o espelho uma superfície que reproduzia imagens e que, de certa forma, as absorvia. Os espelhos serviam para invocar aparições e muitos os viam como símbolos da multiplicidade da alma. Alguns consideravam-no a porta que a alma podia atravessar e liberar-se, “passando” para o outro lado. Esta idéia foi reproduzida pelo escritor Lewis Carrol em sua conhecida obra “Alice no País das Maravilhas”.

Tudo isto pode explicar o antigo costume de cobrir os espelhos ou virá-los para a parede em certas ocasiões, como, por exemplo, a morte de alguém na casa, ou fortes tempestades. Os temores e superstições relativos ao espe-

lho podem ter se originado destas tradições. Ainda hoje há pessoas que temem olhar-se ao espelho em determinadas ocasiões, como, por exemplo, quando estão sozinhas ou no escuro; muitos de nossos Membros têm receio de fazer certos exercícios recomendados nas monografias, por medo de ver reproduzida no espelho alguma imagem patética ou terrível. É possível que, para algumas dessas pessoas, isto represente simplesmente o medo de se conhecerem melhor, por terem uma imagem falsa de si mesmas, materializando seu temor diante do espelho. A missão do estudante de misticismo, em minha opinião, é nutrir-se de conhecimentos para poder vencer seus receios. Se você tem medo de estar a sós diante de um espelho, não precisa sentir-se incomodado ou ridículo; analise cuidadosamente o motivo desse temor. Providencie para que o local destinado para a sua meditação pessoal, o seu Sanctum, só esteja impregnado de vibrações harmoniosas e positivas; esse lugar se tornará sagrado pois nele você estará em contato com o “seu Deus”. Se no local existir algum objeto que atrapalhe a comunhão que deseja alcançar, deve ser retirado do local, até que possa compreender por que razão este objeto interfere no seu desejo de unir-se por alguns momentos com aquilo que, para você, é a sublime fonte de Paz e Felicidade absolutas.

Quando falo de reflexos e espelhos, penso no que um dia vi em uma fonte; é possível que ao olhar meu reflexo na água, minha personalidade mundana tenha interferido, pois senti temor ao ver naquele rosto as marcas dos anos, do tempo perdido. Meus receios me levaram a procurar mais além do reflexo de um rosto triste e marcado por rugas que, como sulcos de uma terra semeada, esperam as primeiras chuvas da primavera para brotar. É verdade que a

ondulação da água deformava minha imagem, porém minha imaginação me fez pensar que as rugas de meu rosto eram também o produto de muitas alegrias, e que, assim como a brisa produzia ondulações na superfície da fonte, em outros rostos, o nada fazer de produtivo, a amargura pessoal e seus efeitos sobre os outros, provavelmente causariam rugas e linhas mais profundas do que as minhas.

Vou sorrir para alguém neste dia, vou procurar alguém que seja feliz e, se nada encontrar, tenho meu espelho; diante dele farei uma careta e riremos ambos, gozando um momento de vida e de luz.

Para o Rosacruz, o espelho e o Sanctum se convertem em parte de seu equipamento de trabalho. Todos nós sabemos que podemos estudar, meditar e concentrar-nos sem preparativos exagerados. Muitos grandes místicos não tinham sequer um local particular que pudessem chamar de Sanctum, onde pudessem preparar-se para a meditação. Mas, de modo geral, isto se devia às circunstâncias e não à inclinação pessoal. Alguns desses místicos receberam elevada inspiração quando isolados em um cárcere ou confinados em um calabouço lúgubre. Outros se refugiavam na natureza, por não terem onde ir. Buda meditava em baixo de uma árvore; Jesus ficou no deserto durante 40 dias. Enfim, poderíamos mencionar inúmeros exemplos para demonstrar que a preparação esmerada do local de estudos não é um passo essencial para alcançarmos o desenvolvimento interior ou a experiência mística. Para os que podem dispor de um local adequado, o Sanctum é recomendável, pois se torna um ambiente harmonioso, ideal para o desenvolvimento, e que leva o estudante a um nível superior de consciência com o auxílio da atmosfera ali criada.

Quando entramos numa igreja ou catedral, sentimos a diferença de ambiente produzida pelas vibrações harmônicas dos fiéis que ali vão para entrar em comunhão com o Divino, e também pelo amor e devoção com que milhares de pessoas atravessaram seus portais e, ainda, pelas vibrações dos pensamentos e propósitos construtivos e positivos que impregnaram as paredes desses templos.

Estas mesmas condições podem ser produzidas na mente, sem a necessidade de modificações físicas. O efeito que o ambiente do Sanctum nos causa depende de nossa sinceridade e do propósito que nos leva a prepará-lo, além dos ideais que foram desenvolvidos no local.

Para ajudar o condicionamento do ambiente, utilizamos vários objetos e símbolos, como incenso, velas, o espelho, o avental ritualístico, a cruz, os símbolos da Ordem. O espelho tem um duplo propósito; serve para criar uma atmosfera mais mística e para a obtenção de certos resultados, de acordo com o exercício ou a iniciação que seja feita. Na iniciação do Primeiro Grau de Neófito, o espelho adquire significado especial, simbolizando uma condição superior. Em outras palavras, é o microcosmo. No universo só existe uma fonte de conhecimentos e energia, a qual se reflete em cada ponto da criação. Como indivíduos somos parte de Deus, mas, potencialmente, só somos uma verdadeira parte do Cósmico ou do esquema universal quando refletimos a glória que é Deus. Somos criaturas em variados degraus da escala da experiência, aprendendo gradualmente o significado mais elevado da vida. Através do processo da experiência somos capazes de refletir em toda a sua glória a luz que emana do Criador do Universo. Só refletimos uma mínima parte enquanto não chegamos ao

estado de perfeição que nos permitirá sermos absorvidos por essa luz.

Para nós, portanto, o espelho no Sanctum simboliza a relação completa do ser humano com a Essência Divina, ou Deus. Vemos nosso Ser refletido, simbolizando a parte de nós que pode refletir a Luz Maior.

UMA NOVA ERA

por

Raymond Bernard, F.R.C.

UMA NOVA ERA

Conscientemente ou não, nós participamos do fim de um mundo antigo e do começo de um mundo novo. Em todos os momentos do dia e da noite, as condições da humanidade e da Terra mudam rapidamente. Somos levados, individual e coletivamente, a um novo estado, o de uma nova era, e tal nascimento é, geralmente, acompanhado de um certo número de fatos que são, via de regra, mal compreendidos. Deveria, entretanto, estar claro para cada um, que toda a grande mudança no universo cria sempre uma espécie de combate. Novas vibrações devem estabelecer-se na medida do poder fundamental e condutor do novo ciclo. Estas vibrações entram em contato com a antiga ordem das coisas e com as vibrações anteriores, provocando uma permanente situação de combate. Podemos dizer isso de outra forma, afirmando que o estado precedente deve evoluir para um novo estado e que esta evolução se realiza para uma necessária purificação. Em outras palavras, ainda, o fim de um ciclo cósmico assemelha-se aos últimos momentos do ciclo anual da vida humana, explicado pelo Dr. H. Spencer Lewis em seu livro "Autodomínio e o Destino com os Ciclos da Vida". "É o período crítico, o tipo de época em que uma espécie de declínio precede a res-

tauração em marcha e comparável àquela em que uma casa é abatida, tijolo por tijolo ou pedra por pedra e nivelada, antes de ser reconstruída. Em certo sentido, o período tendente à destruição, em compensação, é o primeiro estágio da reconstrução.”

Quando se inicia um novo período cósmico, inúmeros acontecimentos se produzem ao redor e na órbita da Terra. Esses fatos são um pouco “misturados”, não são únicos, exclusivos; quero dizer com isso que eles são estreitamente ligados uns aos outros, a despeito da grande diversidade em sua expressão cósmica ou física. Nós conhecemos a unidade das coisas em todo o universo e esta unidade é real, embora quase sempre imperceptível nos diversos acontecimentos exteriores de nosso mundo.

No plano Cósmico, a entrada no novo ciclo cria uma condição nova. Esta condição incluirá, potencialmente, todas as condições do ciclo passado e, ao mesmo tempo, ela constituirá um novo ponto de partida. Podemos comparar esta situação a uma criança recém-nascida; fisicamente, a criança traz em si todas as tendências e as potencialidades de seus ancestrais, mas, ao mesmo tempo, ela é uma nova individualidade e manifestará tendências e inclinações originais. Um nascimento, entretanto, é acompanhado, também, de sofrimento e dores, embora mais tarde isso redunde em alegria e felicidade para uma família. Nesse próprio momento, nós assistimos ao nascimento de um novo ciclo e, por consequência, participamos coletiva e individualmente dos sofrimentos, das dores e dos tormentos universais que presidem de forma natural a um tal nascimento. Isto porque podemos constatar tantos problemas, tanta confusão e desordem na face da Terra! Conscientemente

ou não, a humanidade se esforça penosa e dolorosamente para encontrar seu caminho, fora das trevas, para alcançar o novo objetivo cosmicamente estabelecido.

Os homens não estão bastante evoluídos para permitir ao Cósmico agir livremente através deles. Não estão muito avançados, misticamente, para compreender que muitos sofrimentos seriam evitados se eles fossem pacientes, mais passivos, e estivessem preparados, interiormente, em relação a esse novo estado de coisas. Como de hábito, seu próprio espírito físico se opõe ao desenvolvimento da consciência universal e a falta de harmonia que disso resulta é devida, inteiramente, a ele próprio. As inúmeras perturbações físicas, mentais e psíquicas que vemos ao nosso redor são, fundamentalmente, devidas à má reação dos homens, em face do poderoso impulso do novo ciclo.

Fala-se, geralmente, que tais desordens têm sua origem em nosso moderno modo de viver. Eu considero esta concepção inteiramente errônea. A maneira moderna de viver é uma simples antecipação do que será o futuro. Se em tal modo de vida faltarem valores espirituais e místicos, esse fato será devido aos próprios homens que, entretanto, poderão acrescentá-los quando lhes aprouver, fazendo cessar, assim, as más conseqüências da concepção materialista das coisas. Os homens devem viver em determinado ambiente e sob certas condições estabelecidas pelo Cósmico, em vista da evolução humana. Eles devem adaptar-se a esse ambiente e a essas condições; a própria adaptação é uma lição para ser aprendida e uma experiência a ser conhecida. De bom ou de mau grado, eles devem adaptar-se à condição humana. É um fato que nós, como místicos, já decidimos aceitar de bom grado e é por isso que parecemos estar em

grande harmonia com o novo ciclo e tão avançados na concepção geral das coisas. Nós aprendemos a entrar em contato permanente com a consciência universal e, por consequência, nos sentimos constantemente em harmonia com nosso meio.

Somos testemunhas de incontáveis acontecimentos em nosso mundo atual. Vemos os homens sofrerem física e espiritualmente, e em seus afazeres materiais. Verificamos dificuldades nas relações internacionais; vemos pretensos escândalos e desordens. Assistimos a terremotos, inundações, doenças e revoluções. Tudo isso está incluído na necessária purificação que inaugura um novo ciclo mais elevado e luminoso em todos os sentidos. Os homens são responsáveis elementos negativos da purificação. Se não se opuserem à energia cósmica que flui através deles, participarão consciente e alegremente do novo ciclo, em lugar de conhecerem tantas provas interiores e exteriores.

Encontramo-nos, verdadeiramente, em um sério período do ciclo humano, mas somos igualmente privilegiados por viver em tal época. Como místicos, nós nos preparamos conscientemente para o mundo novo. Avancamos em harmonia com nosso verdadeiro eu: o eu cósmico em nós mesmos. Esforçamo-nos por levar nossa personalidade-alma à compreensão cósmica de um universo perfeitamente ordenado desde o princípio. Agindo assim, nós preparamos o caminho para os outros, para todos os que estão conosco neste plano material.

Nossa responsabilidade é considerável, mas nossa própria condição de místico demonstra claramente que estamos dispostos a assumi-la.

A NOVA ERA – I

por

Raymond Bernard, F.R.C.

A NOVA ERA – I

Um novo ciclo se abre para a humanidade. A era de Peixes aproxima-se do fim e já surgem no horizonte os primeiros clarões do período de Aquário.

Quem se interessa pelo esoterismo ou pelas ciências que, segundo consta, são secretas, não ignora o que estes ciclos indicam. Recordamos, simplesmente, que eles são ligados à precessão dos equinócios, cujo movimento retrógrado leva o Sol a seu ponto de partida ao fim de 25.900 anos. Este movimento de revolução divide-se em 12 períodos, cada um com cerca de 2.160 anos e um signo zodiacal simbolizando cada período. No momento do nascimento de Jesus, a era de Áries teve fim e a era de Peixes recebeu seu impulso. Isto foi, de algum modo, o “minuto das eras” e encerrou-se, assim, todo o simbolismo que comportava o fato de fazer Jesus nascer, para a história, no “minuto”. Compreende-se melhor, então, o símbolo de peixes, tão empregado pelos discípulos e do qual ainda são encontrados vestígios nas catacumbas romanas.

Com o fim da Era de Peixes, teve fim a época da preparação feita por Jesus. Os 2.160 anos cujo ciclo será

fechado em meados do século XXII, terão contitufdo, com efeito, um período seletivo.

Houve, durante esse tempo, uma espécie de decantação no domínio das idéias e dos costumes, bem como de tudo que, de perto ou de longe, diz respeito à humanidade. Para o que é da própria evolução, um cume foi atingido, uma purificação foi realizada no plano superior do ser e uma etapa importante se conclui. A partir da fase atingida, de uma fase que cristaliza tudo, purificando as etapas anteriores, grandes coisas poderão realizar-se a partir do momento em que o ponteiro do relógio do tempo marcar uma hora da manhã, isto é, no preciso momento da mudança da era, como ele havia marcado o minuto no começo da era de Peixes. Lembremo-nos de que o signo de Áries é representado por um homem segurando na mão direita uma ânfora de onde a água se escoia. Em linguagem simbólica, a ânfora designa o coração. A água que daí jorra simboliza os benefícios que resultam da pureza de coração.

É, pois, em última análise, a instauração de uma era de fraternidade e de compreensão que promete a próxima chegada do novo ciclo. O que se passa em volta de nós, a angústia que estreita as almas, a discórdia que parece constituir lei em nosso mundo, tudo isso e muitas outras coisas mais poderiam conduzir o pensador mais avisado a duvidar de tal promessa.

Existe, sem dúvida, em nossa época, uma instabilidade e uma inarmonia que transparecem nos atos da coletividade humana, e nos do indivíduo. Tendo chegado, no plano material, a um apogeu, o homem parece errar sem orientação e titubear nas espessas trevas. Com toda sua ciência, ele é

sempre o joguete dele mesmo e, mais do que nunca, submisso às influências exteriores e a seu meio. Para muitos, há uma ruptura flagrante entre o progresso humano e a evolução interior. Será melhor dizer que existe no homem inadaptação entre seu eu interior e o mundo objetivo, que não será jamais apagada por meios mecânicos. É para o homem, e só para o homem, que ele tem de encher, individualmente, o fosso. Ora, tudo estando bem previsto e a sabedoria cósmica desenvolvendo calma mas obstinadamente seus planos, existem sistemas para quem é solicitado a adaptar-se aos novos tempos e a exercer sua missão com eficácia preparando o homem e conduzindo-o à realização de si mesmo, em harmoniosa sincronização com uma realização mais ampla na escada cósmica, se fizeram suas provas e forem bem-sucedidos.

Há algumas décadas, e sobretudo no curso dos últimos anos, tem-se falado muito, e ainda muito se fala, de mutação e de mutantes. Alguns estão aterrorizados com isso e pôde-se observar, recentemente, uma verdadeira psicose de medo, nesse sentido. Diminuído por sua educação puramente material, o homem só podia aplicar seu raciocínio habitual aos fenômenos que ocorriam no dia a dia. O homem evolui tanto no plano físico como no espiritual. A natureza se encarrega do domínio que lhe é próprio. Para tempos novos, homens novos. Uma mutação se opera pois, lentamente, e se o homem de hoje é fisicamente diferente do homem do passado, o homem do futuro o será ainda mais do homem de hoje. Se a natureza pôde ir mais depressa para alguns, foi devido às vias habituais do criador. Ela quer mostrar o que será, mas ainda é preciso não confundir o que ela quer indicar com as anomalias que são a única consequência dos erros humanos, ou meras exceções

cujas causas são biologicamente explicáveis. Ora, tem-se generalizado, com muita freqüência, mesmo para casos normais e em termos de futuro, a acusação da má utilização dos conhecimentos atômicos e suas conseqüências. Mas o que é incontestavelmente verdadeiro para a maioria dos casos não tem sido, certamente para todos.

Do ponto de vista moral, constataram-se igualmente abusos e seria falso estabelecer uma crença generalizada no fim do mundo. Certamente é o fim de um mundo em que nós estamos. A influência da nova era, há muito já se faz sentir, contrabalançada pela ação da era que se extingue. O assalto das forças cósmicas diferentes e, às vezes, até contrárias, reflete o comportamento humano. O homem retira dessas influências conjugadas não só o que é bom, como daí retira também aquilo que não o é. Entretanto, é, principalmente no universo material, que estas influências se fazem sentir e as perturbações naturais são a manifestação (às vezes trágica), se bem que a destruição seja, em todas as coisas, uma fase de incessante construção.

De fato, no plano moral, a razão é bem outra. Um impulso, "cósmico", incontestavelmente construtivo, atua sobre a humanidade e, sem dúvida, em todo nosso universo solar. Este "impulso" esforça-se por conduzir interiormente o homem ao novo estado; a partir daí ele tomará um novo impulso, em relação à era que se aproxima e que, potencialmente, já aí está. Ela é, pois, em essência, construtiva e boa e, tem caráter permanente. Ela age sobre o mundo e, por sua natureza, em cada pessoa, em cada raça e em cada indivíduo. Ela atua, mesmo, sobre cada comunidade, seja religiosa, mística ou outra qualquer. Ela tende a pôr, progressivamente, todas as coisas e todo ser, no diapasão

da lenta progressão para a era que vem. Não é aqui o lugar onde conviria estudar sua influência no comportamento das pessoas. Não nos cabe mais considerar sua ação sobre as famílias religiosas. A esse respeito diremos simplesmente que essa força é, de algum modo, uma força de despertar e de “espiritualização”. Se ela é mal interpretada pelo grupo, será transformada em realização de um plano inferior no mundo manifestado em lugar de estar no plano espiritual puro, do qual, automaticamente, ela se projetará no outro. Uma interpretação errônea conduzirá, pela falta do grupo, à realização somente da metade – e não a melhor – do fim a alcançar. Mas esta mesma força varrerá, inevitavelmente, a criação inacabada e tal qual ela mesma foi a origem. Não há lugar para a imperfeição na evolução universal.

A NOVA ERA – II

por

Raymond Bernard, F.R.C.

A NOVA ERA – II

Em um artigo anterior, o autor mostrou-nos que, com a aproximação progressiva (mas toda-poderosa) da era de Aquário, que vai suceder a era de Peixes, nós constatamos gigantescos redemoinhos que, agitando o mundo, podem fazer duvidar de que será instaurada uma era de fraternidade e compreensão como esperamos.

Este “impulso cósmico”, portanto, é incontestavelmente construtivo e se ele atua sobre o mundo, as pessoas, as raças e o indivíduo, como força de despertar e de “espiritualização”, varrerá, inevitavelmente, toda criação incompleta, pois na evolução universal não há lugar para a imperfeição.

E na evolução universal, sob este impulso cósmico, o domínio do indivíduo é o que nos deve interessar mais. Todo ser humano recebe do seu interior esse “impulso”. Dele participa segundo seu grau de evolução e seu poder de percepção intuitiva. Para dele participar plenamente, deverá afastar o automatismo intelectual ao qual sua educação material o habituou. Deverá fazer silêncio e escutar o interior, isto é, abandonar-se a seu desejo profundo de se elevar espiritualmente, desejo que ele não deixará de sentir no fundo de si mesmo.

Muitos, entretanto, não o fazem, infelizmente. Esta força, mais poderosa do que nunca, em todos, é também mais do que nunca, mal interpretada. O que se passa no nível do grupo reproduz-se no nível do indivíduo. Este impulso de força, sentido quase que instintivamente por todos, é levado pelo transformador, o cérebro, à compreensão disso e, bom no começo, mas sempre bom em essência, é transformado pelo cérebro em uma tendência à exteriorização frequentemente errônea, por ser somente material, pois esse acréscimo de energia mal traduzido pelo consciente produz fenômenos aos quais esse mundo assiste sem os compreender, ou seja, nos jovens, “os blusões negros” e nos outros, uma sensualidade desenfreada, às vezes, mesmo, desviada de seu curso normal e sempre excessiva. O homem conserva sua responsabilidade para com ele próprio e é evidente que, cedo ou tarde, deverá seguir o caminho que lhe está traçado. A evolução é inevitável para ele, também. Poderá realizá-la na alegria e na paz profunda ou no desespero e nos revezes, dependendo de sua cooperação ou de sua oposição ao plano cósmico. Cooperação ou oposição: tal é o dilema humano e é nisso somente que o homem exerce seu livre-arbítrio. Não o faz para aquilo que é seu futuro. Alguns declararam que gostariam de saber o que é o plano universal “antes de se comprometer”. Não há apenas temeridade em uma tal observação, há, seguramente, uma profunda inconsciência. “Comprometida” toda a gente está e a vontade nada tem a ver, nesse particular. O único problema é determinar *como* participar deste “compromisso”. Quanto ao plano universal, ele sempre esteve no pensamento do criador. Ele se desdobra e é nesse desdobramento que nós nos movimentamos e está o nosso ser. Precisamente porque é universal, o plano universal não se pode concretizar sob a forma de palavras, ou sob a aparência de

um raciocínio. Deve-se contentar em participar dele e é a única maneira pela qual Deus pode “necessitar dos homens”.

O que se pode afirmar com veemência é que esse plano é glorioso, nobre e bom. Não é o que os homens fazem, às vezes, em sua esfera, com tanto orgulho, e por isso, uma criação humana será transitória e imperfeita se não tiver, como campo de manifestação, o mundo físico. O homem não retardará um único segundo do desenvolvimento universal; poderá simplesmente retardar a compreensão deste desenvolvimento, sua adaptação às etapas do amanhã e suportará as conseqüências pelo sofrimento que resultará de seus próprios erros.

É bem verdade que não se aprende senão pela experiência e que as faltas de hoje serão a solidificação do sucesso de amanhã. Portanto, tudo parece colocado à disposição do homem, mas se muitos são chamados, poucos são os escolhidos, e é preciso insistir no fato de que os eleitos não o são senão por eles mesmos, e por sua própria decisão.

...Mas o que será amanhã? Que será esta era de Aquário que se anuncia por cataclismas tão assustadores como os que ocorreram, e os que virão a ocorrer? Esses cataclismas, esses conflitos, esses erros humanos, foram relocalizados em seu devido lugar em uma parte desta tese; são os sobressaltos de um mundo que se extingue para dar lugar a um mundo novo. Eles são terríveis, às vezes, insustentáveis para nós, e para a nova era, serão uma página da história.

Pois que a era de Aquário será essencialmente a era da

compreensão e da fraternidade. As pessoas aproximam-se mais do que em nossos dias e mercê da rapidez inaudita dos meios de locomoção, elas se inter-relacionarão melhor, aprenderão a se conhecer sempre melhor e a se estimar. Não é possível fazer comparação do que será a ordem econômica deste tempo e a que nós conhecemos, mas se pode pressentir o que será. O dinheiro perderá cada vez mais o valor de árbitro e de corrupção. Será aquilo que sempre deveria ter sido, isto é, um meio fácil de câmbios comerciais. Cada um terá, suficientemente, o necessário para uma vida constantemente modernizada, pois a propriedade, no sentido em que a entendemos, desaparecerá para dar lugar a uma espécie de “coletivização” que nada tem a ver com o que prometem certas doutrinas avançadas de nossa época. Não haverá, pois, barreiras aduaneiras nem separação artificial dos povos. O mundo será uma unidade, embora cada povo conserve sua originalidade própria. Não haverá casos de conflitos econômicos. Tal é o grande passo à frente que será dado no alvorecer da era de Aquário, no plano do comportamento social e da vida material.

Assim será o mundo da nova era, por mais utópico que atualmente possa parecer. Quem quer que estude de perto as tendências presentes poderá senti-lo. Certamente, muitas provas terão que ser vencidas antes, pois ao homem custa desfazer-se de antigos hábitos. Ele chegará a isso, progressivamente, e por força das circunstâncias. Estalidos se farão ouvir entre o que em nosso tempo se chama “os dois blocos”, também seriamente enganados, em relação à compreensão do que é bom para o homem. Poderão surgir conflitos mas será, sobretudo, por uma lenta erosão que as barreiras se dissiparão, e será também, provavelmente, devido ao que o conhecimento de outros universos revelar,

que a pequenez das ideologias aparecerá para seus próprios defensores. Outros universos serão atingidos e explorados, mas não haverá, *jamais*, colonização de outros planetas pelo homem. Sem dúvida, haverá bases estabelecidas alhures, no universo, mas o homem não fará em outros planetas tudo aquilo que fez em nosso globo, as colônias de certos países. Não o fará porque do ponto de vista humano tudo a isso se oporá.

De fato, é na Terra que o homem deve cumprir seu destino. A fraternidade entre os homens não impedirá a competição em outras áreas e estas não serão somente da esfera material. Menos preocupado com as condições da existência objetiva, o homem fará suas pesquisas *nele mesmo*. Surpreendentes realizações nesse sentido lhe são prometidas e muitas experiências que parecem estranhas ao mundo profano atual serão correntes na era de Aquário. Na era de preparação que tiver sido a de Peixes, cujo crepúsculo conhecemos, os místicos modernos dos quais os Rosacruzes constituem exemplo, são, em todos os sentidos, verdadeiros pioneiros.

Não se deve esperar, entretanto, que a era de Aquário seja uma era de ouro. Este período, em muitos pontos especulativo, será, por certo, muito e radicalmente diferente de tudo que nosso mundo conheceu, mas ele próprio prepara um outro. As “nuvens” serão de outra natureza, mas nem por isso menos escuras para as pessoas desse tempo. A Terra é um cadinho onde o homem se purifica pelas provas. Entre o nascimento e a morte, é preciso edificar; é preciso, pelas leis eternas da compensação e da evolução, que a personalidade da alma evolua para seu último objetivo. As condições exteriores podem mudar, o mundo pode

escalar graus do plano universal mas o homem deve, individualmente, no manifestado, submeter-se à lei divina. Ele terá sempre, em toda época e sob todas as latitudes, de cumprir sua missão de filho da luz e por isso, seus olhos deverão abrir-se para os horizontes da verdade cósmica. Até lá, o fluxo e o refluxo da existência serão seu apanágio. Terá mais, porém mais lhe será pedido e é sobre ele, e só sobre ele, que repousa a responsabilidade de seu desenvolvimento interior.

Esta exposição deveria, necessariamente, ser sucinta, mas quem a ler atentamente e nela longamente meditar, assimilará os princípios fundamentais a partir dos quais o conhecimento do ciclo que se aproxima pode ser o mais completo possível. Tudo é exposto à vista do homem. Nada lhe é ocultado, nem mesmo o futuro do mundo, pois este mundo material é submisso às leis de causa e efeito e, ao perceber a causa, dela se deduz, inevitavelmente, o efeito. O maior enigma, para o homem, é o próprio homem e para este enigma não se encontra solução senão naqueles que, deliberadamente, tomaram o caminho do conhecimento; para esses não há mais angústia, caminham em paz na senda da vida, repartindo os benefícios. Fortes e sadios em todo seu ser, eles adquirem o domínio da vida e esta é, talvez, a razão pela qual, como os Rosacruz, aspiram tanto servir ao próximo.

O FUTURO PRÓXIMO

por

Raymund Andrea, F.R.C.

O FUTURO PRÓXIMO

Um fato que todos os nossos Membros deveriam ter constatado durante os últimos anos, é a aceleração da marcha da evolução. É quase que sob a forma de um desafio que eu lhes apresento esta colocação; se dele não tiverem, perfeitamente, consciência, não estarão convenientemente despertos interiormente e não terão seguido o curso dos acontecimentos que se desenrolaram a nosso redor e no mundo inteiro, de forma iluminada e inteligente. Mas não posso crer que o desenvolvimento de novas técnicas, em todos os sentidos, tenha passado despercebido, ou, até mesmo, o poder do pensamento, materializando com uma rapidez espantosa os tipos de estrutura de um novo mundo, e a reação, em todos os lugares, de indivíduos esclarecidos quanto às possibilidades da realização humana. Devemos dizer, entretanto, que se, apesar das situações muito críticas e dos sofrimentos da maior e mais recente guerra, não captamos o característico do ritmo acelerado da evolução, nossa perspicácia foi defeituosa e nós estacionamos na aplicação dos estudos que escolhemos.

Pode-se, todavia, objetar: que têm nossas aspirações a ver com a guerra, ou com o ritmo acelerado de evolução

que dela resultou, ou que a precipitou? Esta pergunta mostrará, claramente, que nossos espíritos não haviam despertado para as possibilidades da tendência evolucionária, e que ainda vivemos na rotina do antes-da-guerra, preocupando-nos, unicamente, com nosso desenvolvimento pessoal, em lugar de pensarmos no futuro, de nos consagrarmos ao serviço da humanidade. Neste caso, perdemos a oportunidade de aproveitar o vagalhão das forças cósmicas que, em um impulso, transportou a consciência humana aos mais altos níveis de reconhecimento e de compreensão e abriu as portas para a iniciação menor, pois a vida, com as experiências que comporta, é o grande instrutor e o grande iniciador.

Isto posto, pode-se dizer que nós todos participamos igualmente desta onda evolucionária e atingimos um mais alto nível de consciência. Em verdade, estamos todos submetidos a essa influência geral e se não cooperarmos, nesse sentido, seremos impedidos ou “empurrados”; isto faz muita diferença se passarmos por um período crítico com um agudo senso de sua significação e de sua importância, e se nós nos adaptarmos a isso, inteligentemente, para prestar nossa colaboração ou, mesmo, se admitirmos, simplesmente, como a grande maioria, que *se trata*, com efeito, de um período crítico, lamentando muito que ele nos traga certas perturbações e certos inconvenientes, e que esperarmos, pacientemente, poder retomar nossa tranqüila posição de 1939.

EVOLUÇÃO ACELERADA

Se é verdade que há um avanço evolucionário, sem precedentes, durante os recentes anos de pressão cósmica, não

é evidente que os antigos modos de vida que conhecemos e dos quais gostamos já devem estar “caducos” e ser considerados inúteis em um futuro próximo? A dor e a tristeza, as perdas e os lutos e, mesmo, a tensão aguda da existência diária, modificaram incalculável número de indivíduos, para além de toda a verossimilhança, na concepção que tinham de si mesmos e na atitude para com a vida. Para eles, o antigo modo de vida não existe mais e devem ser adotados novos métodos. Tem sido dito e repetido, de forma clara e para que todos os homens se dêem conta disso, que o antigo mundo está em vias de desintegração e que um novo mundo está aos poucos se formando. Esta advertência foi feita, e inúmeras vezes repetida, por homens de Estado, e por outros que não são ocultistas e nem particularmente avançados na Senda; mas todos perceberam este ritmo evolucionário e compreenderam sua significação; estando infinitamente mais prontos e mais aptos a prestar um serviço eficaz ao mundo do que muitos dos que são, entre nós, considerados mais evoluídos, em virtude de nossos estudos especiais e dos compromissos que assumimos.

De certo ponto de vista, este pensamento não é reconfortante, mas nós não podemos desconhecê-lo. Se nós fomos favorecidos no que concerne ao saber, deveremos ser úteis, servir em qualquer assunto e justificar nosso mérito. Pode parecer muito louvável estudar sucessivamente alguns preceitos e aumentar nossos conhecimentos, dia após dia, no curso de estudos tranquilos e de meditações; nós podemos, por isso mesmo, parecer muito bons, muito virtuosos, muito sábios e nos considerar como tal; mas se este método de vida é buscado nas horas graves que atravessamos e com esta mesma insistência, no *desenvolvimento*

apenas pessoal, esta bondade, esta virtude e esta sabedoria perderão todo o sentido e não terão valor algum. Os verdadeiros pioneiros, ao nosso redor, verão nisso apenas introversão – e não, no melhor sentido da palavra – egoísmo e estagnação. O vagalhão nada fará senão passar por nós, deixar-nos no solo seco, firmes e inabaláveis, satisfeitos conosco mesmos. Se é assim, podemos agradecer ao céu nossa imunidade e nossa satisfação.

Que seja assim, ou não, prefiro acreditar que não existe um único, sequer, entre nós que, diante da efervescência destes sinais de mau augúrio, nos anos passados e na época atual, não tenha sido torturado em alma e em espírito, pelo espetáculo de um mundo moribundo e pelo indizível martírio do homem.

AÇÕES E PROGRESSO

Ouvimos, freqüentemente, candidatos expressarem um desejo ardente de dias de paz. Isto é muito compreensível, dados os anos tumultuosos de guerra que passamos; mas eu sinto que o que eles desejam, em seu foro íntimo, é reencontrar o antigo modo de vida, e neste caso, eu tenho certa desconfiança. Tem se afirmado que não é a paz, na medida em que é a antítese da guerra, que nós devemos procurar, nesta época crítica da evolução, mas a ação. E é no que penso, ao escrever este artigo: se a paz, a calma, a serenidade e a contemplação pura podem constituir o ideal do budista e de alguns seus vizinhos, não o é para nós. Serei o último a condenar esta atitude mental, tão valiosa em si mesma; mas ela é, entretanto, um exemplo da vida de isolamento pessoal, de introspecção pura e inação; e este ideal não é o que se deve ter nos dias de hoje.

Além disso, essa atitude é exatamente contrária ao que o mundo espera de nós em um futuro próximo. A história dos Rosacruzes do passado fornece, entre outros, os melhores exemplos de uma vida de ação, de realizações e de diversas conquistas humanas. O segredo de seu próprio desenvolvimento reside, principalmente, no seu serviço humanitário. Eles são desenvolvidos e chegaram a uma alta posição, não simplesmente pela maneira de pensar, mas mais especialmente e, em larga escala, por seus atos; eles têm estado constantemente em guerra com sua época ou por sua época e aumentaram o ritmo da evolução humana. Isto se aplica também ao tempo presente. Por consequência, descansar inteiramente nos estudos que fizemos no ciclo atual como outro meio de satisfação intelectual ou o desejo mórbido de meter a mão em alguns segredos do desenvolvimento pessoal e que nos colocarão em uma situação privilegiada perante nossos semelhantes, é um mesquinho sinal de gratidão para com os grandes pensadores que, no decorrer dos tempos, consentiram no supremo sacrifício, às vezes, mesmo, da própria vida, sob perseguição religiosa ou política, para que a chama viva da verdade eterna não se apague e possa passar de mão em mão e chegar até nós, que dela nos tornamos guardiães. Nós não temos exclusividade de direito em relação a essa verdade. Ela provém da alma do homem e pertence às almas dos homens. Ela está oculta nas almas de todos os homens e todos a buscam, inconscientemente.

MISSÃO DOS ROSACRUZES

Eu disse que os antigos Rosacruzes estiveram constantemente em guerra contra ou por sua época. Eles empreenderam uma ação vigorosa contra todo o mal social ou

nacional de seu tempo e lutaram pela liberdade e progresso do pensamento humano. Eram os divinos revolucionários, esquecidos de si mesmos e indiferentes à opinião pública, e se atiravam de corpo e alma à luta para tentar, por todos os meios, aliviar o pesado carma do mundo. Um ativo desempenho pode ser o quinhão de alguns, somente, em determinada época. Esses serão chamados, então, e cumprirão sua missão; não terão necessidade de uma instigação exterior; seu espírito despertado e seu coração devotado abrirão a porta da ocasião propícia e a transporão por iniciativa própria. Alguns discípulos gostariam que se lhes dissesse qual é sua missão na vida. Esses devem olhar por si mesmos e interrogar sua alma; a luz e as diretrizes devem vir do interior. Aquele que tem um grande amor à música, à literatura ou às artes, não experimenta a necessidade de perguntar a outros se excederá um ou outro, ou de receber conselhos. A música, a literatura ou a arte o possuem, desdobram seu empreendimento sobre seu espírito e sobre seu coração, impelem-no para a maestria em sua expressão e o forçam a lhes consagrar sua vida. Deveria ser assim, em relação a nós. O gênero de serviço, seja ele grande ou modesto, pouco importa, mas ele deve fazer um serviço de qualquer forma. As grandes almas deste mundo têm sido sempre aquelas que mais generosamente serviram; e não imaginamos, com frequência, a que ponto seu serviço foi humilde, no começo.

UMA NOVA ERA

Referindo-me às condições dos anos de antes-da-guerra, eu disse que eles estão, agora, superados; é o sentimento geral. É-nos lembrado, constantemente, que as

condições da vida, no novo mundo, serão radicalmente diferentes das que conhecemos. Isto é evidente mesmo para a pessoa inteligente e somente o aturdido e o ignorante têm necessidade de serem lembrados. Mas eu me dirijo, mais especialmente, aqui, a nós mesmos, por sermos adeptos da Senda e, em particular, aos mais velhos, entre nós; alguns, entre aqueles que consagraram longos anos ao estudo especial de que nos ocupamos, chegaram à idade madura e, a menos que tenham um pouco de espírito universal e sejam bastante flexíveis, são ameaçados por um perigo: o de estabelecer um modo fixo e estável relativamente ao progresso que nós poderíamos fazer, e de cristalizar nosso pensamento nesta espécie de obstáculo ou barreira que tivermos construído. É preciso darmos meia volta, proceder a uma reavaliação de nós mesmos e do que importa em nossa vida, a fim de ver como podemos aplicar melhor os valores para aumentar nossa influência e auxiliar a humanidade. Penso que é um erro querer impor limites ao que podemos realizar ou conquistar em um ciclo qualquer. O conhecimento da alma não tem idade, e a experiência acumulada durante uma longa vida de esforço para explorar e manifestar suas possibilidades deveria inspirar-nos uma confiança e uma coragem renovadas e nos oferecer a certeza de que temos muito para dar em um mundo que, mais do que nunca, necessita de nosso exemplo e de nossa experiência. As mais belas inspirações que tenho podido receber ocorrem quando leio a biografia de alguns personagens notáveis que foram repentinamente chamados para uma posição dominante, depois de longos anos de preparação árdua e silenciosa, na esperança de prestar algum serviço importante à humanidade. Foram conduzidos sem alarde e por caminhos difíceis, às vezes, sem compreender, mas sempre com uma profunda convicção de que uma mão os

guiava para o objetivo onde todos os poderes afinados e plenamente amadurecidos encontrarão aplicação.

A lição que devemos tirar disso é a de que nenhum esforço é vão, se for bem dirigido para um propósito preciso e definido. E se isso é verdade em relação ao sucesso material, é ainda muito mais exato quando se trata do adepto que se comprometeu, deliberadamente, a servir o mundo e a humanidade. A alma responderá, se a demanda que é feita for bastante forte e perseverante, pois as forças cósmicas a sustentarão, a inspirarão e liberarão os meios de ação de acordo com a força e a persistência do pedido feito, no esforço para se adaptar à marcha da evolução e a conquista de seu objetivo.

DETERMINAÇÃO

por

Raymond Bernard, F.R.C.

DETERMINAÇÃO

Localizar-se na escala de ascensão mística é, por certo, uma ocupação individual. Ninguém pode indicar nossa posição se, com relação ao que éramos, atingimos um novo estágio. Para ser preciso e justo, seria necessário conhecer-se, em todos os seus meandros, o eu pessoal dos outros. Isto, na verdade, só podemos fazer em relação a cada um de nós e mesmo assim, somente em uma certa medida, pois se nós nos conhecêssemos perfeitamente, não teríamos mais nada a aprender sobre o homem e, conseqüentemente, sobre todo o Cósmico. Quão poucos seres estão nesse ponto de desenvolvimento interior!

Existe, porém, uma qualidade essencial, própria do místico, cuja intensidade, cada um pode medir, em si mesmo; quero dizer, a *serenidade*, elemento fundamental no domínio da vida. Cada dia que surge traz em seu curso novos problemas ou, para falar uma linguagem mística, novas experiências. Estes problemas, estas experiências, são referentes ao homem. Ninguém ultrapassa suas forças de resistência exterior e interior a tal ponto que o “grande momento” não chegue. Se uma prova particularmente penosa parece exceder nossas forças, é porque concentramos uni-

camente em nós mesmos uma profunda reação concernente a essa prova. Ela se torna, então, o elemento motor de uma introspecção desviada de seu fim e conduz a uma perigosa exaltação do eu humano onde os excessos de toda natureza não estão, naturalmente, excluídos.

O verdadeiro místico não é, de modo algum, um resignado. Ele aceita as lições que a vida lhe oferece para que se esforce por dominá-las, fazendo disso uma marcha gloriosa na inelutável evolução humana da qual ele participa mais conscientemente do que o profano, o homem e todos os dias. Se ele, então, manteve a atenção no estudo, se cuidou, diligentemente, da aplicação do método que lhe foi proposto e se, sem desencorajar, não hesitou, cada dia, em aplicar no "metier" sua obra, ele desenvolveu (em si mesmo) a certeza serena de que um problema, uma experiência ou uma prova passarão; mas que, o que ele extrair de seu eu, o mais profundo, não passará jamais. É preciso, pois, aprender, antes de tudo, a olhar além do momento presente, para esse horizonte no azul infinito, no qual, um dia, eles se esfumarão sem que jamais se percam os resultados alcançados, as peripécias de nossa aventura humana. Uma bela atitude, longe de conduzir a uma culposa indiferença ou a uma recusa de responsabilidades, leva à maior apreciação da intensidade da vida cotidiana e de suas múltiplas experiências. Ela permite, ainda, levar uma existência rica e frutífera, concebida em seus vínculos com o universo e com uma eternidade que é nossa e da qual ela não é senão uma fase íntima. Considerar um problema em sua única relação com o presente e conosco mesmos é uma capitulação. Olhá-lo como um grande e amplo conjunto no qual estamos mergulhados, é pressentir sua solução; isto será, em última análise, a conquista, em todos

os planos, de uma eficácia que proliferará em nossos “amanhãs”.

A lei humana do hábito, do costume, freqüentemente faz-nos esquecer a importância vital que representaram, para nós, em dado momento, os ensinamentos Rosacruz, e também a lei humana da dispersão; junto com a primeira leva-nos, às vezes, a nos carregar de fardos atraentes que retardam nosso progresso, ao invés de o acelerar, como tanto desejamos. Nós buscamos miragens em lugar de aproveitarmos plenamente as riquezas postas à nossa disposição. Algumas pessoas parecem ter a tendência de considerar o estudo místico como um agradável passatempo. Ao menor sopro do vento, eles se esquecem ou abandonam os princípios experimentados, contando apenas com seu raciocínio e suas forças para chegar ao fim do obstáculo. O que eles adquiriram por seu trabalho, por mais “espasmódico” que seja, ser-lhe-á incontestavelmente útil, mas a reação normal, a reação do bom senso, é sempre, em casos idênticos, de estreitar seus laços com o misticismo e mergulhar, mais ainda, na vida Rosacruz. Todo membro da Ordem Rosacruz, AMORC, é um técnico. Aprende lentamente, e a ponto de fazer disso uma parte integrante de seu ser, as leis de uma vida regulada pelo ritmo universal.

Se uma falha é descoberta, seu comportamento normal deve ser o de buscar, no estudo, o que convém fazer em relação a isso, no momento preciso. Em um universo em que o mecanismo é, em seus menores detalhes, regulado como um relógio divino, não há lugar para reações instintivas ou interpretação parcial. Se a decisão é má, o desastre sobrevirá, automaticamente.

Avalie a importância de seu trabalho místico. Ele condiciona toda sua existência, pela compreensão proporcionada por seu método experimentado e incessantemente adaptado a um mundo em perpétua transformação. Se vocês seguirem direito o ensinamento recebido e o aplicarem, vocês jamais serão fanáticos, em qualquer aspecto, seja ele qual for. Sua lei será o *equilíbrio em todas as coisas*, abrangendo sua existência pessoal e vocês mesmos. Sua norma de vida será a do meio, justa e boa, que Pitágoras indicava com tanta insistência. Então, além do tempo que corre e do espaço fugaz, vocês serão aquilo que jamais o ser humano deveria deixar de ser: vocês mesmos, segmentos divinos, personalizados por uma obra de cooperação consciente, no plano eterno da evolução e do “grande retorno”.

IMAGENS E MÚSICA DE FÉRIAS

IMAGENS E MÚSICA DE FÉRIAS

Quem pode me incentivar a descrever as imagens, os sons que me envolvem em uma vida amigável e tão próxima? O grande vento? O grande vento, que faz rolar e desdobrar-se sobre o mar de um azul forte as ondas envoltas em espuma cuja brancura me encanta e se revela mais pura sob o sol que torna pálida a areia da praia.

Escrevo aninhado nos escombros de rochedos, perto de uma espécie de banco coberto de algas que mergulham nas ondas, no lugar em que a água de um pântano chega ao mar.

O céu é de um azul tranqüilo com nuances de aquarela; a cor densa do mar corta-o, delimitando, nitidamente, o horizonte. As curvas da costa, aquela que desenha a onda na margem, aquela que forma a areia bordada de ervas e de folhas, que arredonda, aqui e ali, suas manchas azuladas e são mais deliciosas do que o farol ao longe, que, por seu arremesso (ardor, lance) vertical, restabelece o equilíbrio das linhas.

Mas como, nesse rápido esquema, falar das sutis variações das formas, sucessivamente medulosas, secas ou ple-

nas, confusas ou precisas e que se entregam em sua feliz ingenuidade, para logo se ocultar de acordo com os menores caprichos da luz?!

Tudo isso é música, como música é a vaga que hoje rebenta surdamente; música também é a charneca e seu charco selvagem, os caminhos escavados e os campos com odores de terra. Em todo o lugar, flores em quantidade, que crescem ao acaso nas relvas aparadas, e trêmulas gramíneas: charnecas, umbelas e muitas outras, atapetam o campo, misturando o violeta ao carmim, destacando-se, brancas e finas sobre o mar, fazendo brilhar em tudo à volta a riqueza dos amarelos dourados ou empalidecendo em azuis muito suaves.

Assim os dias passam, livres na profundidade de um silêncio vivo onde as menores nuances são a expressão da paz profunda.

TRADIÇÃO

por

Allan M. Campbell, F.R.C.

TRADIÇÃO

O vocábulo *tradição* é definido como a transferência de opiniões ou práticas não consignadas em forma escrita. Desejo considerar este assunto, não tanto em sua definição mais exata ou léxica, mas, antes, como a difusão do conhecimento, desde tempos imemoriais, expressando-se, de muitas maneiras, na história da evolução do homem. Poderia ela ser considerada como a “luz” que, em determinadas épocas, pareceu estar quase extinta e que, em outras, resplandeceu, com súbito fulgor, de fontes ocultas. Os religiosos têm cristalizado suas manifestações e propagação em inúmeras alegorias, dando prova da aspiração consciente, do homem, de viver em sua efulgência. Os relatos como o do Jardim do Éden e a história do Gênese, são interpretados, por muitos estudantes, como simbolizando o nascimento da consciência e seu desenvolvimento no interior do homem.

A Cabala (que significa *tradição*) diz-nos que, na queda do homem, o conhecimento da Volta foi transferido para Adão, pelo Arcanjo Metatron: Esta é a tradição da luz, a qual tem sido preservada nos conchaves secretos da humanidade, através dos tempos e zelosamente resguardada do profano.

Em seus aspectos mais mundanos, nossos padrões tradicionais de conduta têm, sempre, refletido o padrão interior ou, pelo menos, procurado preservar o conhecimento a seu respeito. As rimas infantis e os contos de fadas ensinados de geração a geração, constituem excelente exemplo. É muitas vezes afirmado, e possivelmente verdade, que o povo dos Estados Unidos é influenciado, mais do que a maioria dos outros, pelos padrões tradicionais. Se algo for feito mais de duas vezes, é dito, jocosamente, ter se tornado uma tradição. A Europa, em geral, é considerada, por muitos, como tão cercada de padrões tradicionais obsoletos, que representa uma negação da vida do povo; como algo que nos mantém apegados, de maneira excessivamente rígida, a um padrão fixo de conduta.

A América manifesta o oposto dessa situação, embora, de modo geral, sentimentalmente ligada às tradições dos países mais velhos: vendo, nas coisas antigas, uma cristalização da história vivida e dos símbolos dessa ligação. Um aspecto positivo da conduta tradicional é que ela tende a manter a sociedade em identificação e unidade quase inconsciente, quando todas as imperfeições tiverem sido superadas. Esta vontade quase indefinível, de agir com base na tradição, tem, freqüentemente, salvado a Grã-Bretanha, como nação. O mundo, contemplando uma Inglaterra violentamente devastada durante a última guerra, estava curioso por descobrir o que a mantinha unida, e qual o espírito indomável que a forçava a existir sob tensão que deveria ter provocado a sua desintegração.

Essa persistência na conduta tradicional, tem sido notada por muitos estudantes de sociologia. O grande teorista e comunista, Karl Marx, considerou o fracasso da Comuna

de Paris, em 1871, como sendo desta espécie. A partir de então, as teorias comunistas incluíram o conceito da destruição do Estado, para que fosse destruída a base para o retorno a esses padrões de conduta.

O sopro das transformações faz-se sentir em quase todas as facetas de nossa vida, hoje em dia, e reflete-se na dissolução de muitos padrões de conduta, tradicionalmente aceitos, sejam eles políticos ou religiosos.

Esta é uma época extremamente instável, em que poucos se adaptam, facilmente, a uma nova maneira de viver. As transformações rápidas que as técnicas científicas trouxeram à economia das nações e a conseqüente afinidade de uma para com a outra, deram lugar a conceitos mais amplos. As tradições que se restringem às necessidades e limites nacionais, são arcaicas e inadequadas para satisfazer à consciência humana em expansão. Representam elas um passado histórico, quando o nacionalismo pode ter sido uma necessidade para incubar idéias que, finalmente, viariam a romper a couraça dessas acanhadas e sufocantes limitações.

Em nossa evolução, atingimos um ponto perigoso, com um controle da natureza jamais sonhado, aliado a uma consciência que se vê cercada por muitas das leis das selvas, a serem, ainda, sublimadas. Representa ele uma conjunção fragmentária que tem provado a fraqueza de muitos padrões tradicionais, para resistir aos impactos que receberam. É uma situação crítica que muitos não podem superar. Há uma expansão subversiva em muitos lugares, e buscam-se paliativos superficiais em toda a espécie de religiões e cultos por demais reminiscentes da situação de Roma, antes de sua queda.

Espiritualmente – em escala sem precedentes – o homem se defronta com a indagação eterna do significado da existência e de sua relação com Deus ou com o esquema cósmico da Criação. O medo é o estímulo para o “escapismo” e para o olvido, seja por meio de drogas ou das inúmeras aberrações mentais que isolam o indivíduo da corrente da existência e da equilibrada adaptação à vida.

As surpreendentes conquistas da tecnologia moderna com relação ao automatismo têm – ou terão, dentro de pouco tempo – libertado o homem da escravidão do tempo, no sentido material. Os computadores eletrônicos e máquinas de calcular reduziram o seu trabalho, aumentando o seu lazer. É este um dos maiores problemas que se apresenta à nossa época. Que fazer com esse tempo! Será ele solucionado pelos dissipadores de tempo, escapismo, ou pela concentração em nosso próprio e inexplorado Eu?

Para satisfazer a necessidade de nossa época, a proteção e orientação tradicionais, a Igreja tem, drasticamente, alterado sua norma. Muitos afirmam que, mesmo essas alterações não produzirão o resultado objetivado. Todavia, na Europa, não aceitamos, facilmente, esse movimento de superfície que leva a novos e repulsivos cultos. Defendemos os nossos baluartes tradicionais e buscamos, em nossa origem, aquilo que nos levará a vencer o impasse espiritual em que nos encontramos.

Alterações radicais, na maneira de pensar, têm se tornando necessárias para enfrentar as novas condições. Cada vez mais, o homem é forçado a lutar, em seu próprio interior, com os problemas que julgava serem exteriores. São essas as mudanças com que ele se defronta, hoje em dia: mudan-

ças que, inquietantemente, o afastam de padrões tradicionais de rotina ortodoxa, há muito estabelecidos.

PERÍODO DE CRISE

Tem se manifestado períodos de grande crise, no passado, e o desenvolvimento de nossa civilização ocidental, deles dá testemunho. Com o crescimento da cultura no Egito e o estabelecimento das Grandes Escolas de Sabedoria, desenvolveram-se fontes secretas de conhecimento, que deveriam amparar o crescimento das nações e culturas, durante os séculos porvindouros. No período de Akhenaton, primeiro Grande Mestre tradicional da Ordem Rosacruz, o conceito da Rosa e da Cruz prevalecia. Em papiro, consignou ele estas palavras, no ano 1360 a.C.: “O sofrimento é a cruz dourada, sobre a qual desabrocha a rosa.” O símbolo da Rosa e da Cruz tornou-se um dos maiores símbolos conhecidos pelo homem; a cruz, representando o corpo, sobre o qual desabrocha a rosa, ou alma.

Das Escolas do Antigo Egito, o conhecimento da natureza e do homem propagou-se por dois ramos importantes: Um, conhecido como os Terapeutas, na Grécia, e, o outro, como os Essênios, no oriente médio. Esse conhecimento deu, à Grécia, a sua grandiosidade cultural e foi a origem de parte do mais notável pensamento filosófico que o mundo já produziu. A Fraternidade Essênia projetou esse conhecimento na primitiva vida cristã. Esse conhecimento não findou, passando, todavia, no desaparecimento de uma cultura, para uma outra. Era apresentado de muitos modos estranhos, especialmente em simbolismo e rituais, modalidades compreendidas somente por aqueles que tivessem sido iniciados em sua interpretação. Durante longo tempo,

o mundo árabe beneficiou-se com a herança que, mais tarde, passou à Europa, em forma de Alquimia e outros cultos. As primitivas disputas, na Igreja, não o suprimiram totalmente, e, dos Essênios, foi transmitido pelos Gnósticos e as chamadas correntes *heréticas*.

Quando a Europa, após a queda de Roma, havia sido, gradualmente isolada, e perdido o conhecimento antigo, este se conservou vivo, no oriente. Carlos Magno, rei da França, no século IX, enviou o filósofo Arnaud ao Oriente Médio para de lá trazer a luz. Em 1804, em Languedoc, fundou uma Loja dos iluminados, para se tornar a Sede Secreta dos Rosacruzes, durante séculos.

Mais tarde, os Cruzados agiram como um isqueiro, com relação à Europa. Surgiram as Ordens de Cavalaria, que, algumas vezes, objetivaram metas independentes das que eram contempladas pela Igreja. Os Cavaleiros Templários podem ser citados como exemplo. Desde a sua fundação, por Hugh de Payens, em 1119, no Templo de Jerusalém, transformou-se, de Ordem pobre que era, em uma das mais ricas da cristandade, e despertou a inveja dos príncipes avaros, do Estado e da Igreja. A despeito da calúnia, das mentiras, da fraude, e do martírio de seu Grande Mestre, Jacques de Molay, suas tradições nobres ainda vivem. Pode-se viver com os Templários, em espírito, nas cercanias do templo, afastado de Fleet Street, em meio a todos os emblemas heráldicos.

As artes da impressão e da fabricação de papel, penetraram na Europa através dessa corrente de tráfego do oriente. Compreendendo o instrumento que se tornaria em mãos das seitas heréticas que, então, se estabeleciam nas

cercanias de Toulouse, no sul da França, a Igreja tentou suprimir a propagação desse meio. Não teve êxito em sua supressão total, porém, perpetrrou um dos maiores massacres da história cristã, nas seitas conhecidas como “Os Albigenses”. O Conde Raymond de Toulouse procurou efetivar a sua proteção, porém, sem sucesso. O massacre foi o mais completo, porém, o conhecimento não desapareceu, assumindo outras modalidades de difusão.

O MAIS NOTÁVEL FILHO DA INGLATERRA

Aproximamo-nos mais de nossa própria origem tradicional, quando analisamos a história de um dos mais notáveis filhos da Inglaterra, Sir Francis Bacon. Situa-se ele no começo de nossa era, na verdade, no ponto exato da convergência dos acontecimentos que viriam a lançar as bases de nosso moderno modo de viver, como um pioneiro das ciências e de todo o conhecimento, tendo os olhos no futuro, ao mesmo tempo que reavaliava o conhecimento antigo.

Quando ainda muito jovem, visualizava grandes esquemas para o soerguimento da humanidade. Aos quinze anos, deixou a universidade de Cambridge, desiludido pelas discussões estéreis que giravam em torno dos ensinamentos de Aristóteles, naquela ocasião considerado a Alfa e Ômega de todo o conhecimento. Sua determinação de estabelecer novos esquemas para a melhoria da condição humana deu origem à idéia de sua *Grande Renovação*, que requereria todo o seu grande gênio e ocuparia toda a sua existência.

Sua primeira tarefa, todavia, foi a criação de um idioma inglês. O latim era o idioma aceito nas Universidades; o

francês, era o da Corte. Ao visitar a França, como membro do grupo de Amyas Paulet, no ano de 1576, exemplo de projeto similar se lhe deparou. O nome das Plêiades ainda existia; um grupo de sete rapazes, sob a direção de Ronsard, que havia se entregue à tarefa de reformar o idioma francês e que, com sucesso, criou notável tradição literária.

Na França é que Bacon foi iniciado na tradicional corrente esotérica de conhecimento. Um autor afirmou que ele foi iniciado na Ordem dos Cavaleiros Templários. Sabemos que ele tomou conhecimento do código cifrado dos Albigenses. Indicação precisa da associação então estabelecida com a corrente de conhecimento esotérico foi simbolizada na figura alegórica de Christian Rosenkreutz. É interessante o fato de que o manifesto intitulado *Fama Fraternitatis*, convidando os homens eruditos da Europa a se unirem à Ordem, tenha sido publicado em 1614, sob o nome de C.R.C.

É significativa, também, a circunstância de que a forja literária em que foi moldada a língua inglesa tenha começado a funcionar, ativamente, após haver Bacon retornado da França. Muitas obras começaram a aparecer, e surgiu a controvérsia em livros que traziam o brasão do grupo literário da Rosa-Cruz. Se alguém analisar, profundamente, a história da época, encontrará muitas passagens, nessa grande renascença elisabetana, que se referem ao Imperador da Ordem Rosacruz, Sir Francis Bacon.

Sua grande musa era Pallas Athena, deusa da sabedoria, a agitadora de lanças. Foi a sua visão que assentou os amplos alicerces da sabedoria que tem produzido abundantes frutos. Do Colégio Invisível, surgiu a Sociedade Real, da

qual um proeminente membro Rosacruz, Sir Isaac Newton, pôde afirmar que via mais do que outros homens porque se apoiava nos ombros de gigantes. Os planos que Bacon traçou e as tradições que estabeleceu serviram, e continuam a servir a humanidade. Espera-se que outros países avaliem o seu gênio – como o primeiro filósofo moderno e o pai da pesquisa científica contemporânea.

É ele, muitas vezes, responsabilizado pelo que a ciência tem feito, desde então, e pela atitude divorciada que a ciência tem adotado com outros que não os métodos empíricos, em relação à vida. Sua visão, todavia, em que pese o controle cada vez maior da Natureza, pelo homem, mercê do permanente desenvolvimento de seu conhecimento, colocava, sempre, o objetivo ou finalidades, como glorificação de Deus.

O impasse a que chegou, hoje, a nossa civilização, é o controle ampliado das forças naturais, sem o propósito de maior aproximação do homem a Deus. Com isto, não quero referir-me à introdução de algum conceito antropomórfico ou exterior, de Deus mas, à experiência subjetiva da Consciência Cósmica: O desenvolvimento para o Casamento Místico ou “Hierogamos” dos alquimistas, conforme expresso no símbolo da Rosa-Cruz. Como em nenhuma outra época, deve o homem ser orientado para olhar para si mesmo, para compreender a si mesmo, e para recuperar o significado do mote dos templos antigos: “Conhece-te a ti mesmo.”

AS TRADIÇÕES ROSACRUZES

Em toda a sua história, os objetivos da Ordem Rosacruz têm sido os mesmos, embora sua expressão se tenha modi-

ficado, de acordo com as mudanças de cada época. A matéria é subserviente ao padrão cósmico mais elevado. É o terreno sobre o qual o homem, como planta cósmica, se desenvolve: a cruz da matéria, sobre a qual evolui a alma. Se o homem for subserviente ao seu Eu inferior, tornar-se-á escravo das condições mutantes da matéria. Deve ele, portanto, despertar as potencialidades que o tornam mais do que homens: as potencialidades de sua alma, ou qualidade Divina, representadas pela Rosa e pela Cruz.

A Ordem Rosacruz ainda se esforça por alcançar esse objetivo. A busca tradicional interior, da Luz, ainda é a mesma, embora as formas exteriores tenham se modificado para fazer face às situações mutantes da condição humana. O trabalho da Ordem está permanentemente se expandindo, para abranger todas as nações. Seus ensinamentos estão bem adequados para semelhante tarefa, uma vez que são absolutamente não-sectários no que diz respeito às crenças religiosas, e apolíticos, no campo social. Seu propósito e finalidades são os mesmos de todas as épocas – iniciar homens e mulheres na Corrente da Luz. Sua tradição é nobre, e milhares de pessoas sentem orgulho em perpetuá-la.

**AS INFLUÊNCIAS INVISÍVEIS
DE NOSSOS ESTUDOS ROSACRUZES**

por

Raymund Andrea, F.R.C.

AS INFLUÊNCIAS INVISÍVEIS DE NOSSOS ESTUDOS ROSACRUZES

Que tencionamos proporcionar aos jovens Membros que freqüentam este ou aquele Corpo Afilhado? Uma vida definidamente útil de acordo com a orientação Rosacruz. Podemos considerá-los como um grupo de recrutas interessados, desejosos de se qualificarem para a posição de autoridade como verdadeiros servidores, de acordo com uma disciplina auto-imposta. Podemos estar seguros de que a hierarquia dos Mestres não está ociosa. Todos estão alertas e vitalmente ativos, conscientes de todos os aspirantes, e interessados naqueles que estão buscando e seguindo a Senda em qualquer de seus muitos estágios. Todos estão sendo objeto do interesse da Hierarquia e receberão ajuda e orientação se a pedirem e se decidirem, pela meditação e pelo serviço, harmonizar sua vida com os ritmos e objetivos da Hierarquia. Estarão iludidos se pensarem que seus fiéis e humildes esforços, em qualquer nível em que se encontrem, têm pouco valor porque os mais elevados pináculos da Senda lhes parecem muito longínquos e fora de alcance. O mais humilde aspirante, por sua vida e serviço, pode ser extremamente promissor aos olhos da Hierarquia, sendo que poucos anos de esforço denodado

expandirão sua consciência e lhe darão uma segurança interior de reconhecimento. Assim como ocorre na natureza, as revelações da Senda são numerosas e imprevisíveis. Elas não nos chegam quando as buscamos, mas quando a mente e o coração estão prontos para recebê-las.

Estas são minhas palavras de incentivo para o jovem aspirante. O mundo exterior não lhe dará esse encorajamento, abandonando-o a seus próprios sonhos e aspirações. Cabe ao próprio aspirante dar os passos necessários para a concretização de seus sonhos e aspirações, sob os cuidados interessados daqueles que se dispuserem a ajudá-lo.

E o que dizer dos Membros e oficiais mais antigos, que servem ao grupo em suas diversas funções? Penso neles com admiração e profundo reconhecimento por causa do trabalho e das responsabilidades que aceitam com tanta boa vontade e que realizam com tanta eficiência. Mas que é que os impulsiona e sustenta nessa tarefa? Fundamentalmente, no mais profundo de seu interior, eles percebem e reconhecem a sempre presente tristeza e sofrimento da humanidade. Esta é a mola-mestra de seus labores. Na humanidade prevalece o caos mental, a busca de não se sabe o quê; um tropeçar, uma confusão interna diante do ataque das opiniões, um desejo de alcançar um objetivo impreciso de consecução mental. Nós sabemos disto, pois temos de conviver com esta situação. O saber torna o trabalho mais dificultoso; exige coragem, perseverança e incansável dedicação. Só a influência de nosso contato com a Hierarquia pode nos sustentar e orientar. Em uma palavra, temos que encontrar nossa direção no interior de um círculo circunscrito de aspiração a níveis mais elevados. Não obtemos muita ajuda fora desse círculo. Temos de volver os olhos para o

alto e recorrer, cada vez mais, à aspiração e boa vontade da Hierarquia em nos prestar auxílio.

Não devemos também esquecer que acreditamos na cooperação daqueles que nos precederam e se foram. Eles deixaram inacabada sua tarefa aqui neste plano, apenas para ver mais claramente o que há além do véu e cooperar com maior compreensão e força com os ideais maiores que desejaram realizar e aos quais continuamos dedicados. Seria triste imaginar que, quando o livro do conhecimento terreno foi fechado para eles, não lhes seria aberto em outro plano para que continuassem a progredir junto às grandes almas do Cósmico, ao qual pertencem. Eles têm feito contatos que nós, com nossas limitações presentes, somos incapazes de fazer, ou só o conseguimos, esporadicamente, sem saber como ocorrem. Sabemos que em certos estágios da Senda temos de caminhar sozinhos; mas esta solidão é um incidente de nossa curta permanência aqui; não existe solidão no outro plano. Trabalhamos em íntima associação, impossível aqui; e assim como procuramos aqui diminuir parte do fardo da vida de alguns corações humanos, assim o fazemos lá, coletivamente, e com maior eficácia. É reconfortante e inspirador o pensamento de que as dúvidas e ilusões que nos prendem e nos deixam perplexos desaparecerão além do véu e nós saberemos, junto com nossos irmãos que partiram, o que os Seres da Hierarquia têm feito por nós em relação às vicissitudes da vida. Devemos nos apegar a este pensamento, principalmente quando a vida parece nos oprimir com suas modificações, desafiando nossa fé na orientação e ajuda invisíveis.

Influências invisíveis estão sempre conosco, estejamos acordados ou adormecidos. Em momentos de abstração,

nós as sentimos claramente; mas interpretar sua natureza e significação, exige um grau de sensibilidade intuitiva que tem de ser cultivada. Entretanto, já demos muitos passos em direção a este objetivo em nossos estudos e especialmente através de nossas práticas. Alcançamos um estágio no qual nosso pensamento combinado e concentrado afeta fortemente aqueles que buscam ajuda nas dificuldades ou na doença. É nisto que chegamos ao âmago da vida Rosacruz. O fardo da tristeza, freqüentemente, abate-se sobre nós na ação de aliviar a angústia de outras almas. Isto nos lembra a escritura que se refere ao discípulo que alivia um pouco o pesado carma do mundo. Esse alívio significa que estamos, na realidade, assumindo parte do fardo das almas que esperam pela libertação, cada uma a seu modo; e, por motivo de nosso desenvolvimento e desejo de ver e aceitar esse fato, tornamo-nos instrumentos de bênção e redenção, através de um deliberado esforço, muitas e muitas vezes desconhecido para nós.

Não considerem estas reflexões como sendo de caráter excessivamente introspectivo. Elas são próprias da natureza de nossos estudos e surgem, naturalmente, do hábito que cultivamos de sentir e ver o que está abaixo da superfície da vida e de aplicar nossas descobertas aos problemas que nos atormentam e atormentam outros. Não acreditamos, como o fazem alguns, que fizemos um bom trabalho e tudo que tínhamos a fazer, pela simples leitura dos ensinamentos da Senda. Estes têm que ser infundidos no sangue do coração e fluir como a verdade da vida, compreendida e assimilada. Nossos estudos nos ensinam a interrogar a vida em todos os seus aspectos: então revertemos o processo e olhamos para o nosso interior em silenciosa contemplação, recebendo aí as verdades mais profundas, que estão à

espera de reconhecimento. Chegaremos então a compreender, cada vez mais, o efeito do processo em espiral do desenvolvimento que ocorre em nossa vida. Isto se processa de forma quase que inteiramente despercebida por nós, à medida que atravessamos os anos que passam. A base colocada de modo firme e correto, a interrogação sobre a vida segundo a orientação de nossos estudos, e a contemplação interior com o fim de receber a sua reveladora verdade, junto com a silente passagem do tempo, descortinam as mudanças causadas por nosso desenvolvimento em espiral mais claramente em nossa consciência, mostrando que superamos nossa personalidade anterior mais limitada, adquirimos uma nova escala de valores e um modo mais seguro e confiante de encarar tudo o que a vida decreta para nós. Os decretos da vida trazem surpresas e mudanças, diferentes do que esperávamos, freqüentemente opostas ao que tanto desejávamos e de que nos sentíamos seguros. Mas já é bastante o sermos capazes de enfrentar todas as eventualidades com discernimento e serenidade, sendo este, talvez, o sinal mais seguro do verdadeiro progresso interior.

Nossa vida no Corpo Afiliado leva-nos a uma longa distância: dos primeiros anos de autodesenvolvimento como aspirantes a um mais amplo estado de consciência amadurecida, na qual o verdadeiro espírito de sacrifício impõe-nos seus direitos, o que, aliás, não devemos lamentar ou rejeitar; não importa o que exigir de nós nem o que decidir fazer de nós. Podemos não ser conhecidos pelos homens que pertencem à agitada vida mundana mas, se o espírito de sacrifício reina em nosso coração, cada passo da jornada é previsto e conhecido em seu interior e nada pode prevalecer contra ele.

EM TEMPOS DIFÍCEIS

por

Robert E. Daniels, F.R.C.

EM TEMPOS DIFÍCEIS

Atualmente enfrentamos tempos difíceis, mas mesmo assim, temos a oportunidade de crescimento e mudança. Todas as coisas são possíveis quando, num esforço conjunto, dirigimos nossa mente criadora para a solução dos problemas individuais e coletivos.

Em tempos difíceis, devemos depositar nossa fé nas leis da vida, com a confiança de que as leis divinas operam no sentido do aperfeiçoamento da humanidade. Em tempos conturbados, devemos procurar pôr de lado os temores e as preocupações de nossa mente objetiva, e nos tornar receptivos às emoções mais sublimes, aos impulsos e às necessidades do Eu Interior. Nosso Eu Interior sempre procura nos orientar e instruir em nossas resoluções diárias para a consecução de um melhor e mais nobre modo de vida, para nossa boa saúde e sucesso nos afazeres diários. Não há problema que não possamos resolver se seguirmos os impulsos do Eu interior e aplicarmos o conhecimento que dele recebemos com a determinação de sermos bem-sucedidos.

É recomendável, entretanto, que em nosso trabalho, reservemos tempo para a discussão de nossas dificuldades

com outrem. Quando encontramos um interlocutor solidário com nossos problemas, geralmente damos ao Eu Interior a oportunidade de nos revelar soluções, trazendo à luz, por assim dizer, a resposta que buscamos. Nessas circunstâncias, também, o Cósmico utilizará o outro Membro como canal para sugerir uma forma de solucionar nosso problema. Não dê acolhida a dificuldades apenas porque outros também se encontram em situação semelhante. Não desanime se ainda não recebeu o auxílio do Cósmico, pois o auxílio é certo na medida em que você continuar amoroso, gentil, e tiver consideração pelos outros, confiando na operação das leis Cósmicas que sempre agem para a sua boa saúde, felicidade e sucesso.

Ao enfrentarmos tempos tumultuosos, devemos nos tornar mais conscientes das influências diretivas do Cósmico, que está sempre almejando uma vida melhor para todos. As influências do Cósmico poderão, às vezes, trazer desarmonia, modificando as circunstâncias atuais, de modo a estabelecer condições mais favoráveis de experiência para todos. Os ciclos de influências Cósmicas, há alguns anos, estão acelerados, produzindo mudanças em muitos aspectos da vida, resultando freqüentemente em uma ou outra crise. Assim mesmo, fazendo uma retrospectiva histórica, constatamos que a humanidade passou por muitas crises e que, assim, o homem se preparou para melhor enfrentar o futuro devido aos obstáculos que teve de transpor. Portanto, devemos procurar nos harmonizar com as influências do Cósmico, cooperando com Seus planos para o futuro.

Nossas próprias crises, as de natureza mais profunda e pessoal, merecem o máximo de nossa atenção. Toda crise

deve ser enfrentada com o melhor de nossa capacidade. Essas crises não ocorrem apenas porque somos estudantes de misticismo, que não nos deixamos levar pelos grupos de pessoas, mas, porque nossas crescentes aspirações interiores atraem para nós circunstâncias e condições que agem como uma espécie de testes para tudo o que mais estimamos. Elas testam nossa firmeza e determinação de nos elevarmos na senda da vida. Essas crises pessoais, que temos de enfrentar de tempos em tempos são, de muitas formas, bem diferentes das crises terrenas de natureza mundana que constantemente se repetem. São sempre novas e desafiadoras. São sempre reveladoras e com muita frequência, surpreendentes; entretanto, não podemos evitá-las pois fomos nós mesmos que as evocamos. Através de uma análise crítica, podemos obter muito discernimento e compreensão interior dessas crises, que, em geral, envolvem nosso relacionamento com outros.

Muitas pessoas cruzam o nosso caminho na vida. Algumas exercem grande influência sobre nós, enquanto outras são por nós influenciadas. Contudo, normalmente, há alguma pessoa que exercerá maior influência sobre nossa vida, influência essa que é resultado de condições cármicas estabelecidas em nosso passado. Muitas vezes, nossas esperanças e aspirações são frustradas, e sentimos que jamais poderemos atingir nossos objetivos. Contudo, os relacionamentos cármicos que tenhamos com tais pessoas são muito valiosos para nós, e não deveríamos procurar nos afastar dessas pessoas. Devemos ver esses relacionamentos sob uma perspectiva interior, procurando compreender o grande valor dessas associações. O Cósmico interpõe essas pessoas em nosso caminho para que possamos discernir e cumprir nossa missão na vida.

Com muita freqüência, um estudante de misticismo encontrará alguma oposição e criticismo devido ao seu novo interesse na vida mística. Amigos íntimos, ou pessoas que com ele tenham um relacionamento mais profundo, poderão mostrar-se indiferentes e mesmo contrários ao seu desejo de evolução e aperfeiçoamento pessoal, o que o fará sentir-se relutante em ser a causa de desarmonia. A verdade é que ele deve fazer prevalecer sua necessidade de pensar livremente, sem quaisquer restrições. Seus amigos têm todo o direito de seguir o que acreditam, mas cedo ou tarde, o estudante deve tomar uma posição no sentido de dedicar-se aos interesses e conhecimentos que o libertarão dos vínculos que o prendiam ao passado.

Quando tivermos desenvolvido tal confiança mental que nos possibilita aceitar qualquer desafio com a determinação de alcançarmos um objetivo digno e nobre, podemos estar certos de alcançar a forma mais sublime de harmonização na senda mística. Por outro lado, a mesma determinação nos possibilitará enfrentar nossas crises diárias confiantes em que podemos lidar com qualquer nova dificuldade devido a renovada compreensão e finalidade.

Nossa vida gira em torno da vida de outros, e nós que, às vezes, somos mais fortes devido ao nosso discernimento místico, devemos levar aos nossos semelhantes a força e o conforto de nosso coração amoroso, especialmente aos nossos familiares e amigos que não tenham o benefício do discernimento místico. Devemos aprender a partilhar com o nosso semelhante o melhor de nós mesmos, pois também participamos de seu carma individual. Sua vida é parte da nossa própria, e devemos permanecer firmes em nossas crenças. A influência de um coração amoroso e decidido

provará ser uma bênção para o nosso semelhante, e nos possibilitará enxergar mais claramente o modo de superar nossas crises individuais e perceber seu valor em nosso progresso pessoal.

EXERCÍCIO

Como exercício para uso diário, recomendamos a fórmula que damos a seguir, ou, se preferirem, criem uma fórmula pessoal semelhante à sugerida.

Ao se levantar pela manhã, e antes de qualquer acontecimento significativo ou importante durante o dia, repitam com confiança e convicção interior as afirmações que damos a seguir, ou as que melhor se adaptem a cada dia. Estas afirmações positivas podem ser proferidas em silêncio, caso o desejem.

“A Luz divina está em meu interior.”

“Todo o dia eu serei guiado por minha luz interior.”

“Irradiarei amor e harmonia a todas as pessoas neste dia.”

“Meus sinceros e nobres anseios serão alcançados.”

“A saúde, a felicidade e a prosperidade são minha herança hoje e todos os dias.”

“Procurarei sempre irradiar o melhor de meus pensamentos.”

“Eliminarei de minha consciência todos os pensamentos negativos.”

“A paz, a harmonia e o amor serão meus para sempre.”

Deus de meu coração,

Que eu possa ser grato por Tuas inúmeras bênçãos, pela Tua Luz, Vida e Amor que tenho recebido. Que meus esforços místicos sejam sempre inspirados, e que eu me torne consciente de Tua presença e orientação divina neste dia. Santifica meu coração e minha mente para que eu possa refletir, sempre, Teu Amor e Tua divina sabedoria.

Assim Seja.

ESPERANTO, A LÍNGUA DO HOMEM

por

Chris R. Warnken, F.R.C.

Presidente da SFERO (SAN FRANCISCO ESPERANTO REGIONA ORGANIZO) e Membro da UEA (UNIVERSALA ESPERANTO ASOCIO), atuando em San Jose como Delegado Especial sobre rosacruzianismo.

ESPERANTO, A LÍNGUA DO HOMEM

Nesta era moderna da viagem à jato, o homem sente que a Terra se torna cada vez menor. Sua noção de “países estrangeiros distantes” tem mudado para a de “vizinhos próximos”. Seus antepassados viajavam meses para chegar a lugares que ele agora alcança em poucas horas de vôo. A crescente explosão demográfica mundial tem exigido recursos materiais cada vez maiores, que se encontram dispersos pelo globo em poder de “potências estrangeiras”. Este fato demonstra claramente nossa condição de interdependência como países. A interdependência, por sua vez, torna a comunicação um fator absolutamente necessário entre os países que possuem e os que precisam desses recursos. Entretanto, desde os dias da Torre de Babel (ou coisa que o valha), o homem desenvolveu sua comunicação apenas no seio de sua tribo ou de seu clã, uma vez que esse era o limite de seu mundo. Mais recentemente, porém, o homem foi tomando consciência de um mundo “exterior” maior e de muitas línguas. Que pode ele fazer para comunicar-se?

Há duas soluções possíveis: o indivíduo aprender todas as línguas, OU *todos* os indivíduos aprenderem uma língua comum. Os habitantes dos países de fala inglesa dizem que não existe problema: “Todo mundo fala inglês!” Mas é so-

mente eles que se jactam disto. Em verdade, conforme estatísticas, apenas *dez por cento* da população mundial fala o inglês. E muitos dentre estes estão empregados, no mundo inteiro, em funções criadas tão-somente para a comunicação com aqueles que só falam o inglês. São eles os intermediários que servem de ponte para o abismo que separa a minoria da maioria dos *noventa por cento*.

A civilização criou outros problemas (o Terceiro Mundo, por exemplo). Povos que durante muito tempo estiveram sob o domínio de culturas como a inglesa, a francesa, a espanhola, a portuguesa, etc., sofrem um problema psicológico como nações recém-independentes, ao se confrontarem com seus antigos idiomas coloniais. Tais povos querem esquecer seu passado infeliz. Orgulham-se de seu idioma nativo, e insistem em seu uso. Sua herança (inclusive o idioma nativo) é coisa preciosa para eles e deve ser preservada. Calcula-se que existem alguns milhares de idiomas diferentes. Estatísticas fáceis de se obter mostram que há cerca de trezentos idiomas falados por um milhão de indivíduos pelo menos. Entre esses idiomas estão o estoniano, o congolês, e o macedônio, falados por um milhão de pessoas pelo menos. Os povos dessas culturas não querem e não devem abandonar seus idiomas. Assim mesmo, a crescente necessidade de comunicação continua sendo um grande problema. O que fazer?

UMA NOVA LÍNGUA

Cerca de cem anos atrás, um jovem polonês também sofria com este tipo de problema, embora talvez por razões um tanto diferentes. Luiz L. Zamenhof, filho de um professor e censor, morando em Bialystok, região da Polônia

ocupada pela Rússia, sofreu pessoalmente as tristes condições resultantes da confusão de línguas. Nessa cidade polonesa, era proibido falar o polonês. O ensino era ministrado em russo, e todos os procedimentos legais também eram efetuados em russo. A literatura polonesa, igualmente proibida, só podia ser conseguida clandestinamente. Nesta cidade, havia pessoas de várias nações, como em muitas históricas cidades européias. Os habitantes falavam russo, polonês, alemão, iídiche ou hebraico, conforme sua origem. Era inevitável que eventualmente ocorressem muitas lutas e amargos conflitos. Isto era um espetáculo deprimente para que um jovem frágil e sensível suportasse. De fato, isto afligiu a mente de Zamenhof, levando-o a buscar uma solução para esse problema tão angustiante. Ele concluiu que a língua e a religião eram a fonte dessas amarguras. Convenceu-se de que era necessária uma segunda “língua para conversação” que não interferisse com a língua nativa, a língua nacional usada em família ou secretamente.

Em 1887, após dez anos de intenso trabalho e aperfeiçoamento, e com pequeno auxílio financeiro, o jovem Zamenhof publicou seu livreto intitulado “Língua Internacional”. Usara o pseudônimo de “Dr. Esperanto” (que significa “aquele que espera”) a fim de proteger sua identidade e escapar de certas penalidades ou censura. O sucesso foi imediato, e a língua logo tornou-se conhecida simplesmente como “Esperanto”. Evidentemente o mundo já estava esperando essa resposta a seus problemas de comunicação. O uso do Esperanto logo propagou-se por todo o mundo, motivando a realização de um congresso internacional, que ocorreu em Boulogne-sur-Mer, na França, em 1905. Desde então, realizou-se anualmente um congresso internacional, com exceção de 1914, devido à eclosão da

Primeira Guerra Mundial. O Grande Congresso de 1981 realizou-se no Brasil, na cidade de Brasília. O esperanto tem florescido em ciclos, com recessos temporários devido às Grandes Guerras. Ditadores e políticos de má vontade encabeçam a lista dos que têm procurado impedir a propagação do Esperanto, pelo menos até os dias atuais. Sendo de natureza não-lucrativa, esta língua também tem sofrido por causa da pequena publicidade, como a maioria dos movimentos minoritários.

Nenhuma língua pode ser aprendida sem um sincero esforço. Não obstante, dentre todas as línguas, o Esperanto é a mais fácil de se aprender. A razão disto? Ele está estruturado cientificamente para evitar os obstáculos comuns que dificultam a aprendizagem da maioria das “segundas línguas”. O Esperanto é freqüentemente usado como introdução às línguas estrangeiras mais tradicionais. Quais os segredos da atração por uma língua tão fácil? Por que sua sonoridade flui musical e naturalmente? Por que ele está sendo falado hoje em mais de noventa e três países? Que há nele que possibilita a pessoas de diferentes culturas falarem-no com a mesma facilidade?

O Esperanto é uma língua fonética: “uma letra – um som”. Escreve-se como se pronuncia e pronuncia-se como se escreve. O acento tônico cai *sempre* na penúltima sílaba. As dezesseis regras básicas *não* admitem exceções. *Não há* verbos irregulares (o terror de todos os estudantes de línguas). Não há sons difíceis de se pronunciar para pessoas de diferentes nacionalidades. O vocabulário é relativamente pequeno devido ao uso sistemático e abundante de prefixos e sufixos. Por exemplo: *bono* – o bem; *bona* – bom ou boa; *bone* – bondosamente; *boneco* (pronuncia-se

“bonetso”) – a bondade; *plibona* – melhor; *plejbona* (pronuncia-se “pleibona”) – o melhor de todos; *malbona* – ruim; *bonulo* – um indivíduo bom.

Um dos principais fatores da aceitação universal do Esperanto é o fato de ser ele *neutro*. É *apolítico* visto não pertencer a qualquer nação ou cultura. O orgulho e o nacionalismo de todos os países, especialmente dos menos desenvolvidos, opõem resistência à adoção de uma língua de outra nacionalidade. Por isto, o Esperanto pode ser aprendido *igualmente* por *todas* as nações, grandes ou pequenas. No entanto, alguns eruditos sofisticados contestam, “mas é uma língua artificial!” Sim, exatamente como *todas* as línguas. Todas foram criadas pelo homem algum dia no passado. O Esperanto, sendo cientificamente construído, tem a vantagem de evitar todas as incômodas excentricidades das línguas “naturais” (e nacionalistas).

Em nosso mundo economicamente conturbado, os serviços de tradução e de intérpretes estão exaurindo os recursos financeiros de todas as organizações que servem ao relacionamento dos povos. As Nações Unidas, o Mercado Comum Europeu, a Organização da Unidade Africana, e grupos semelhantes necessitam empregar exércitos de tradutores e intérpretes num exaustivo esforço para manter seus membros informados. Mas por melhor que seja, esse serviço inclui no máximo nove idiomas. Por conseguinte, cada representante deve conhecer no mínimo uma das línguas oficiais, a despeito de sua língua nativa. Quanto tempo ainda teremos de esperar para que se compreenda que, com o esperanto (que, diga-se de passagem, com frequência aprende-se sozinho), um esforço conjunto através das Nações Unidas, por exemplo, possibilitaria a *todos*

os cidadãos do mundo se comunicarem com clareza em não mais que *uma* geração! Visualize isto por um momento!

O Esperanto não é um brinquedo, tampouco um sonho impossível. Embora seja ainda relativamente uma criança (quase 100 anos de idade) entre as línguas do mundo, ele está solidamente estabelecido e seu uso em crescente expansão. Há atualmente 127 dicionários técnicos e vocabulários em cerca de cinquenta ramos de ciência, filosofia, tecnologia, bem como manuais publicados na Língua Internacional Esperanto. A literatura também é vasta, contando com obras traduzidas e romances *originais*, contos, peças teatrais, poesias, bem como trabalhos científicos, filosóficos e didáticos. Só a Biblioteca da Associação Britânica de Esperanto conta com cerca de 30.000 volumes registrados. Há também numerosos periódicos publicados em Esperanto no mundo inteiro. Cerca de vinte e três estações de rádio transmitem regularmente programas em Esperanto. A Associação Universal de Esperanto, com sede em Rotterdam, mantém relações de consulta com a Organização das Nações Unidas e a Organização dos Estados Americanos. Há milhares de clubes e associações de Esperanto no mundo inteiro.

Para que o mundo desfrute da verdadeira fraternidade humana, a compreensão e o entendimento mútuos devem ser diretos. Embora a tradução de línguas nos tenha levado longe em nossa civilização, ela se compara à fotografia de um lugar, à gravação de uma boa música, a um perfume, ou ao sabor artificial. Tudo isto é verdadeiramente artificial! Qualquer ser humano *pode* comunicar-se diretamente com seu semelhante, se decididamente o quiser.

Agora teste sua capacidade lingüística pelo pequeno texto que se segue: “*Inteligenta persono lernas la lingvon Esperanto rapide kaj facile. Simpla, fleksebla, belsona, gi estas la praktika solvo de la problemo de universala interkompreno. Esperanto meritas vian seriozan konsideron.*”
TRADUÇÃO: “Uma pessoa inteligente aprende a língua Esperanto rápida e facilmente. Simples, flexível, sonora, ela é a solução prática do problema da compreensão mútua universal. O Esperanto merece sua séria consideração”.

A VERDADE DE CADA UM

Autor: João Mansur Júnior

Existe uma *verdade absoluta*, ou a verdade é apenas relativa à capacidade de percepção do indivíduo?

A busca da verdade é possível através da abordagem mecanicista do pensador materialista. . . ou só pode ser levada a bom termo através da visão holística, organicista, que é uma visão do equilíbrio e da integração?

Pode o homem viajar para o futuro ou para o passado segundo as leis da Física? É possível a *viagem mental* para outros “espaços-tempo” ou mesmo para outros universos? Seria o *pressentimento* uma viagem no tempo?

Os mitos são meras fantasias ou realidades profundas da psique? Qual a relação entre certos mitos e a *vivência simbólica* do Ritual Rosacruz?

Neste livro, destinado principalmente à reflexão, o autor trabalhou nas fronteiras da Filosofia Rosacruz, da Psicologia Profunda (Junguiana) e da Física Moderna, a nível introdutório.

A obra está dividida em cinco partes que interagem umas com as outras e induzem o leitor à *reflexão inteligente*. A VERDADE DE CADA UM, INTERAÇÃO — A SUPREMA UNIDADE, A BUSCA DA UNIDADE, ESPAÇO E TEMPO: CONSTRUÇÕES DA MENTE, e MITOS — REALIDADE DA PSIQUE.

Anexas a cada tema você encontrará algumas páginas com *moldura* que serão de grande utilidade para suas anotações, caso esteja disposto a pensar seriamente na proposta feita pelo autor.

Prefaciando, diz João Mansur:

“...Então, considere o conceito Rosacruz de realidade bastante avançado, *demasiadamente ousado para uma época onde a realidade, para grande parte das pessoas, é medida com a régua e com o relógio.*

“...Se vivenciados, os símbolos provocariam poderosas transmutações no interior do ser humano, ao desencadear processos inconscientes de evolução rumo à Consciência Cósmica.

“...O conceito de realidade da Física Quântica é espantoso, insólito e transcendente, e em função desse conceito é muito difícil imaginar um Físico dessa linha de pensamento que não tenha a alma de um místico.”

AS GRANDES INICIADAS
(ou O Misticismo no Feminino)

Autora: Hélène Bernard
Tradução: Ana Rímoli de Faria Dória

“Em nome da mãe, da filha e da santa inspiração. . .

Dedico este livro:

- a nós, as “feiticeiras”
- a nós, as “santas”
- a todas “as deusas”
- a todas “as diabas”
- àquela que a divina mãe me permitiu ter como intermediária nesta encarnação e que me fez “recordar” o caminho;
- à mulher eterna e profunda, justa, pacifista, generosa, altruísta e acessível que sempre saberá dizer SIM, mas que também saberá dizer NÃO;
- a todas aquelas que não figuram neste livro e nesta dedicatória.”

“Haverá paz no mundo quando a hegemonia masculina reconhecer que tudo se resolve melhor a dois?”

“A mulher tem alma?”

“Se não tem, de que iria o diabo tomar posse, como o fazia, segundo alguns?”

Na opinião da autora, a igreja *decidiu* que a mulher teria alma, por inferior que fosse, caso contrário jamais poderia pretender que o diabo se houvesse apossado dela.

“Fazendo eco a tudo o que foi escrito em favor das mulheres, desejo, simplesmente, dizer que, no mundo místico e iniciático *elas também existem*”, comenta Hélène Bernard em sua obra que inclui mulheres como: JEANNE GUESDON – ESCLARMONDE DE FOIX – TIY e NEFERTITI – HELENA BLAVATSKY – HILDEGARDE DE BINGEN – MÃ ANANDA MOYÍ – DAMA PERNELLE – MARIA DERAISMES – TIPHAINE DE RAGUENEL – JOANA D’ARC – DONA BÉATRICE e MARIA.

NOVA SÉRIE DOS FASCINANTES DISCURSOS ROSACRUZES

10 NOVOS TEMAS PARA REFLEXÃO
(entre eles, algum que você escolheu)

SÉRIE "L" DE DISCURSOS

O SIGNIFICADO MÍSTICO DOS SÍMBOLOS (Erwin W. E. Watermeyer)

A LINGUAGEM OCULTA DO SÍMBOLO (Erwin W. E. Watermeyer)

SÍMBOLOS: OS INSTRUMENTOS DA INICIAÇÃO (Erwin W. E. Watermeyer)

VISÕES PSÍQUICAS (Zaneli Ramos)

OS SONHOS (Zaneli Ramos)

MEDITAÇÃO (Zaneli Ramos)

O PRINCÍPIO DO VIR-A-SER (Ilma M. V. Mansur)

O CAMINHO MÍSTICO: NATUREZA, ETAPAS E OBJETIVO
(Francisco R. de Freitas)

TÚMULOS DE 60 REIS (Percy Pigott)

APOLÔNIO DE TIANA (Percy Pigott)

Os Discursos Rosacruztes trazem ao público em geral, assuntos de inegável relevância, ou pela aplicação prática imediata, ou pela ampliação dos horizontes mentais do leitor em termos de expansão do conhecimento sobre a vida e o universo.

MODO SIMPLES DE MANTER VOCÊ INFORMADO SOBRE ASSUNTOS NÃO MUITO COMUNS.

Composto de forma concisa, cada tema, por sua importância, é tratado separadamente.

Por isso os temas são impressos em forma de monografias que você carrega facilmente no bolso ou na bolsa.

Em séries de 10, as monografias são acondicionadas em caixas práticas e visualmente bonitas (em cartão *duplex*, impresso a cores e plastificado) que você coloca na estante. E, por não receberem colagem de nenhuma espécie, as embalagens não se estragam com o manuseio.

Nota Explicativa

A ORDEM ROSACRUZ—AMORC

Antecipando perguntas que venham à mente dos leitores deste livro que não sejam Membros da AMORC, esclarecemos que a Ordem Rosacruz é uma associação fraternal, não-sectária, de homens e mulheres interessados no estudo e na aplicação prática das leis que regem o universo e a vida humana, com vistas a uma vida melhor, individualmente, e à maior evolução do ser humano, numa perspectiva global. A Ordem Rosacruz, AMORC, oferece aos interessados o conhecimento daquelas leis e um programa para o desenvolvimento pessoal.

Os interessados em conhecer mais acerca da história e dos proveitosos ensinamentos da Ordem podem adquirir o livro “Perguntas e Respostas Rosacruzes, com a História Completa da Ordem”, através do Departamento de Suprimentos da Grande Loja do Brasil (Caixa Postal 307 — 80001 — Curitiba/PR).

Aqueles que desejarem conhecer a proposição de estudo e desenvolvimento pessoal da AMORC, para considerarem sem compromisso sua conveniência de se afiliar à Ordem, podem escrever ao Departamento de Expansão da Grande Loja do Brasil (endereço acima), o qual prestará todas as informações necessárias através do livreto gratuito intitulado “O Domínio da Vida”.

LUZ QUE VEM DO LESTE – Volume 4

AS PROVAS DO PROGRESSO ESPIRITUAL – O CRISTO MÍSTICO – SILÊNCIO: O Aprendizado Interior pelo Poder do Silêncio – COMO CONCRETIZAR UM IDEAL – O SIMBOLISMO DO ESPELHO – O FUTURO PRÓXIMO – DETERMINAÇÃO – IMAGENS E MÚSICA DE FÉRIAS e EM TEMPOS DIFÍCEIS, são alguns dos 26 temas que compõem este quarto volume da série LUZ QUE VEM DO LESTE.

Aqui você encontra excertos dos trabalhos de autores como: CHRIS R. WARNKEN, RAYMOND BERNARD, JEANNE GUESDON, RAYMUND ANDREA, RODMAN R. CLAYSON, IRVING SODERLUNG, ROBERT E. DANIELS, RUBEN A. DALBY, ALLAN M. CAMPBELL.

Muito conhecidos do público Rosacruz e daqueles que usufruem, de alguma forma, seus escritos, esses Rosacruzes dedicaram parte de sua vida ao engrandecimento do ser humano, como Grandes Mestres da AMORC.



Biblioteca da Ordem Rosacruz - AMORC